

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A ORDEM VERBO-SUJEITO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO E EUROPEU:

Um estudo sincrônico da escrita padrão

Maria Spano

Rio de Janeiro  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# A ORDEM VERBO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU:

Um estudo sincrônico da escrita padrão

Maria Spano

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Rio de Janeiro  
Agosto de 2008

Spano, Maria

A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão/ Maria Spano. Rio de Janeiro:UFRJ/LETRAS, 2008.

x, 190f.: il.; 31cm

Orientadora: Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Tese (doutorado) – UFRJ/ LETRAS/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 181-190.

1. Ordem Verbo-Sujeito. 2. Parâmetro do sujeito nulo. I. Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título.

A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu:  
um estudo sincrônico da escrita padrão

Maria Spano

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Presidente, Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte – (Letras Vernáculas-UFRJ)

---

Professor Doutor Emilio Gozze Pagotto -USP

---

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezário (Linguística/UFRJ)

---

Professora Doutora Violeta Virgínia Rodrigues (Letras Vernáculas/UFRJ)

---

Professora Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (Letras Vernáculas/UFRJ)

---

Professora Doutora Christina Abreu Gomes (Linguística/UFRJ), suplente

---

Professora Doutora Silvia Rodrigues Vieira (Letras Vernáculas/UFRJ), suplente

Rio de Janeiro  
Agosto de 2008

Aos meus pais e meus irmãos, incomparavelmente cúmplices e dedicados, que se doaram e se anularam, que deram colo e abrigo, tornando possível ultrapassar todos obstáculos para execução deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela providência e fidelidade, pela condução de cada passo, de cada escolha, possibilitando o começo, a continuidade e a conclusão deste projeto.

À Professora Doutora Maria Eugênia, iniciadora e condutora do percurso acadêmico desde o Mestrado, pela mão firme, extremamente paciente e zelosa com que conduziu a orientação deste trabalho, compartilhando conhecimento e prazer pela pesquisa, a quem devo desculpas por não ter exercido eficientemente o meu papel de orientanda, como o fiz no Mestrado, por razões de saúde.

Ao Professores Doutores, integrantes da banca examinadora, por terem gentilmente aceitado o convite para discutirem o meu trabalho com tão pouco tempo para lê-lo: ao Professor Emilio Gozze Pagotto, pela leitura cuidadosa e pelas valiosas contribuições na qualificação desta tese; à amiga e Professora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, exemplo marcante de que é possível separar amizade da relação profissional, pelo encorajamento nos momentos de paralisia e encaminhamento na qualificação; à Professora Violeta Virgínia Rodrigues, mestre desde os tempos de graduação, exemplo de competência e responsabilidade, pelo muito que me ensina; à Professora Maria Maura da Conceição Cezário, pela paciência e compreensão; à Professora Christina Abreu Gomes, pelas palavras de apoio e à Professora Silvia Rodrigues Vieira, pelo incentivo.

Aos meus grandes e queridos amigos, pelo companheirismo e pela presença amável, a quem devo eterna gratidão; Márcia, Maria Elisa e Lana, amigas-irmã, presenças vivas e eficazes na minha caminhada acadêmica e pessoal, com quem sempre pude contar e em quem sempre me inspirei, pela generosidade e doação irrestrita, nunca me deixando desacreditar do meu potencial, em particular, à Maria Elisa, que, na reta final, me ajudou a organizar e revisar este trabalho; às amigas do curso de Doutorado, Luciana Leite e Patrícia Neves, pelo aprendizado conjunto, pelo carinho e pela confiança; ao amigo Roberto de Freitas Júnior, pelo

empenho em compartilhar comigo os seus conhecimentos sobre ordem VS e pela disponibilidade de me atender nas horas incertas; aos amigos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em especial, a Cátia Valério, pela compreensão e pelo apoio; a Maria Lúcia, pela lealdade, pela acolhida carinhosa de mãe e pelo bom humor; a Maria Helena, pela ajuda incondicional; a Monique, pela terapia poética; a Patrícia Rosa, pela sensibilidade e pela confiança, a Vanessa, amiga-anjo, pela determinação e pela Fé, que me aproximou mais de Deus; a Ilza, Coronel Rezende e Capitão Ferraz pelas orações constantes para o fortalecimento do meu espírito; a Ilda, Franchina, Júlio, Rosiane, Sandra, Suzana, pela torcida; aos novos amigos, Regina e Rodrigo, *personal trainer* e fisioterapeuta, que, com sua alegria, fizeram das aulas um reforço ao meu corpo para minimizar minhas dores físicas e sustentar todo o peso de elaborar e redigir uma tese.

A todos os meus ex-alunos e alunos do CMRJ, que deixaram, muitas vezes, de ter a profissional de “corpo e alma” na sala, em especial, àqueles que, com seu sorriso e jovialidade me ensinaram a persistir; a Carolina Cosendey, Carolina Ferreira, Érika, Jéssica Uhlig (encantada com o universo da Língua e da Literatura, cursa atualmente a Faculdade de Letras da UFRJ), Amanda Penha, Carolina Turboli, Louise Veloso, Roberta Migueis, Lucas Rocha (futuros colegas de profissão), Gisele Ribeiro, Victor Gondim, Alessandra Zager, Alice Menezes, Fernanda Fonseca, Marcela Rocha, Rodrigo Lanes, Pedro Bessa, Rajnia de Vito, Thaís Garrido, Paula Miranda, Thiago Baleixo, entre tantos outros que gostaria de mencionar aqui, mas o espaço não me permite.

Ao CMRJ, instituição que me acolhe há 10 anos e, com o tempo, soube incentivar os professores a continuarem se qualificando.

Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho e fizeram parte desta história, o meu amor, afeto e admiração.



11-5-1928

“(…)

*Se em certa altura*

*Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;*

*Se em certo momento*

*Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;*

*Se em certa conversa*

*Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro -*

*Se tudo isso tivesse sido assim,*

*Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro*

*Seria insensivelmente levado a ser outro também.”*

Álvaro de Campos

### **SINOPSE**

Caracterização da ordem Verbo-Sujeito em construções declarativas em textos de jornais do século XXI do português brasileiro e europeu à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Laboviana. Considerações sobre a relação entre ordem Verbo-Sujeito e o Parâmetro do Sujeito Nulo.

**RESUMO****A ORDEM VERBO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU:  
UM ESTUDO SINCRÔNICO DA ESCRITA PADRÃO**

Maria Spano

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós- Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade do Rio de Janeiro – UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção ao título de Doutor em Língua Portuguesa.

Levando em consideração os resultados de estudos os quais apontam que o Português Brasileiro (PB) apresenta um comportamento bastante particular em relação ao Português Europeu (PE), o objetivo geral desta pesquisa é descrever, através de um levantamento quantitativo, as características da ordem VS nas construções declarativas na escrita padrão, veiculada na imprensa brasileira e portuguesa atuais, com o intuito de apontar semelhanças e/ou diferenças entre as variedades estudadas. Mais especificamente, este trabalho pretende refletir sobre o estatuto da ordem VS, considerada segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), uma das propriedades que caracterizam o parâmetro do sujeito nulo. Busca-se, portanto, verificar se o PB, que se afasta das línguas de sujeito nulo, especialmente do PE, impõe mais restrições à ordem V SN do que a variedade européia. A fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa alia as abordagens da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972; 1994), no tocante ao levantamento e tratamento estatístico dos dados e do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) quanto à possibilidade de analisar a variação interlingüística e associar possíveis diferenças a diferentes marcações (positiva ou negativa) em relação a um determinado parâmetro. Os resultados revelam que as variedades se assemelham quanto à significativa predominância da ordem SV e à restrição do uso da ordem VS e se distanciam em relação ao tipo de configuração empregada para a ordem VS: enquanto o PE utiliza, independentemente do número de argumentos do verbo, a configuração VXS, o PB se limita a construções monoargumentais com a configuração XVS.

Palavras-chave: Ordem Verbo-Sujeito, Português do Brasil e de Portugal, Parâmetro do Sujeito Nulo.

Rio de Janeiro  
Agosto 2008

**ABSTRACT****VS ORDER IN BRAZILIAN AND EUROPEAN PORTUGUESE  
A SINCRONIC ANALYSYS OF THE STANDARD WRITING**

Maria Spano

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte

*Abstract* da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós- Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade do Rio de Janeiro – UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção ao título de Doutor em Língua Portuguesa.

The aim of this quantitative study is to present a description about possible similarities and differences of Brazilian and European Portuguese in relation to the use of VS word order in declarative sentences of standard written press language. We take into account previous research results that indicate Brazilian Portuguese (BP) to present different features concerning the use of VS word order when we compare it to the European variety. The research especially aims to analyze the status of VS word order which is associated to the Null Subject Parameter according to the Principles-and-Parameters Linguistic Theory (Chomsky, 1981). Therefore our objective is to verify if BP constrains the use of VS, in comparison to other null subject languages like European Portuguese (EP). The theoretical framework that supports the study fuses sociolinguistic approaches (Labov, 1972; 1994) — in terms of data statistical treatment — and the Principles-and-Parameters Theory (Chomsky, 1981) in terms of interlinguistic variation considered to be the result of setting parameters values. Results show relevant similarities between these languages related to the preference of use of SV word order. It also shows similarities on severe restrictions about the use of VS clauses in both languages, although they also show differences related to specific verbal syntactic-semantic relations that allow the EP to present VXS word order whereas BP is limited to monoargumental verbs with the XVS syntactic configuration.

Key-words: VS order, Brazilian and European Portuguese, Null Subject Parameter.

Rio de Janeiro  
Agosto 2008

## SUMÁRIO

<b>ÍNDICE DE TABELAS</b>	<b>i</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b>	<b>ii</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b>	<b>iv</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>22</b>
Introdução	22
1.2 Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)	23
1.3 “Inversão livre do sujeito”	27
1.3.1 O PB e a ordem VS	47
1.3.2 A correlação entre as propriedades do sujeito nulo e a ordem VS	50
<b>Capítulo 2: OS RESULTADOS DE PESQUISAS</b>	<b>55</b>
1.1 Introdução	55
1.2 Pesquisas sobre o sujeito nulo	56
1.3 Pesquisas sobre a ordem VS	68
<b>Capítulo 3: METODOLOGIA</b>	<b>89</b>
• Introdução	89
• Objetivos e hipóteses	89
• A amostra	90
• A seleção dos contextos	92
• Os grupos de fatores	95
• <i>Fatores ligados ao sintagma nominal</i>	95
3.5.1.1 Realização do SN sujeito	95
3.5.1.2 Definitude do SN sujeito	96
3.5.1.3 Animacidade do SN sujeito	97
3.5.1.4 Função temática do SN sujeito	98
3.5.1.5 Estatuto informacional do SN	100
3.5.1.6 Extensão do SN	102

•	<i>Fatores ligados ao sintagma verbal</i>	103
	3.5.2.1 Tipo de construção verbal	103
	3.5.2.2 Forma de complemento do verbo	110
•	<i>Outros fatores</i>	111
	3.5.3.1 O tipo de frase	111
	3.5.3.2 O tipo de oração	112
	3.5.3.3 Preenchedores das fronteiras periféricas	113
	3.5.4 <i>Gêneros Textuais</i>	117
<b>Capítulo 4: ANÁLISE DOS DADOS</b>		<b>120</b>
4.1	Introdução	120
4.2	Resultados gerais	120
4.3	Seleção dos grupos significativos	127
4.3.1	<i>Tipo de construção verbal</i>	132
4.3.1.1	Construções monoargumentais	134
4.3.1.2	Construções transitivas	150
4.3.2	<i>Forma do complemento do verbo</i>	157
4.3.3	<i>Preenchedores das fronteiras periféricas</i>	161
4.3.4	<i>Definitude do SN</i>	165
4.3.5	<i>Extensão do SN</i>	166
4.3.6	<i>Estatuto informacional do SN</i>	168
<b>CONCLUSÃO</b>		<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		<b>181</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 2.1: Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro (adaptado de Duarte, 1993: 109) _____</b>	<b>63</b>
<b>Tabela 2.2: Percentual de sujeitos expressos nas três pessoas gramaticais, segundo o gênero textual (adaptado de Paredes Silva, 1988 e Duarte, 1993) _____</b>	<b>65</b>
<b>Tabela 2.3: Distribuição das ocorrências, segundo o estatuto informacional do SN (adaptado de Votre &amp; Naro, 1986: 469) _____</b>	<b>72</b>
<b>Tabela 2.4: Distribuição da ordem VS, segundo a categoria sintático-semântica do verbo, nas amostras do PE 70, PB 70 e PB 90 _____</b>	<b>81</b>
<b>Tabela 2.5: Frequência da ordem VS, segundo a transitividade dos verbos, nos três momentos históricos (adaptado de Andrade Berlinck, 1989: 102) _____</b>	<b>84</b>
<b>Tabela 3.1: Distribuição da amostra do PB e do PE, segundo o número de textos, as ocorrências da ordem VS e a média de palavras gráficas por gênero textual _____</b>	<b>92</b>
<b>Tabela 4.1: Frequência de construções SV/VS no PB e PE _____</b>	<b>120</b>
<b>Tabela 4.2: Frequência de construções SV/VS em construções declarativas e interrogativas no PB e PE _____</b>	<b>121</b>
<b>Tabela 4.3: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo o tipo construção verbal _____</b>	<b>132</b>
<b>Tabela 4.4: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo o tipo de construção monoargumental _____</b>	<b>135</b>
<b>Tabela 4.5: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo o tipo de semântico dos verbos inacusativos prototípicos _____</b>	<b>142</b>
<b>Tabela 4.6: Ordem VS, segundo o tipo de verbos transitivos, em construções declarativas na escrita do PB e do PE _____</b>	<b>152</b>
<b>Tabela 4.7: Distribuição da ordem VS no PB e PE, segundo a forma do complemento verbal _____</b>	<b>158</b>
<b>Tabela 4.8: Distribuição da ordem VS no PB e PE, segundo o tipo de preenchedor periférico _____</b>	<b>162</b>
<b>Tabela 4.9: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo a definitude do SN _____</b>	<b>165</b>

- Tabela 4.10: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo a extensão do SN \_\_\_\_\_ 167**
- Tabela 4.11: Distribuição da ordem VS em construções declarativas na escrita do PB e do PE, segundo o estatuto informacional do SN \_\_\_\_\_ 169**
- Tabela 4.12: Distribuição da ordem VS a partir do cruzamento do estatuto informacional e tipo de construção verbal, em construções declarativas na escrita do PE \_\_\_\_\_ 170**
- Tabela 4.13: Distribuição da ordem VS a partir do cruzamento do estatuto informacional e tipo de construção verbal, em construções declarativas na escrita do PB \_\_\_\_\_ 174**



## ÍNDICE QUADROS

- Quadro 3.1: Distribuição dos traços semânticos, segundo a função temática \_\_\_\_\_ 98**
- Quadro 3.2: Distribuição dos traços semânticos “causa” e “afetado”, segundo a função temática (retirado de Andrade Berlinck, 1995:190) \_\_\_\_\_ 99**

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

- Gráfico 2.1: Taxas percentuais de sujeitos pronominais nulos por período de tempo (retirado de Duarte, 1993: 112) \_\_\_\_\_ 52**

## INTRODUÇÃO

De um modo geral, os estudos lingüísticos, ao levantarem aspectos sintáticos que distanciam o PB do PE, apontam, como um dos aspectos salientes na diferenciação entre as duas variedades, a representação do sujeito pronominal no PB, que vem se caracterizando pela mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, de língua [+ *pro-drop*] para [- *pro-drop*] no que diz respeito aos sujeitos referenciais, ao contrário do PE (Duarte, 1995, 2003b, 2007b). Essa alteração no PB estaria diretamente relacionada a um outro fenômeno sintático: a diminuição significativa da ordem VS e a sua restrição a verbos monoargumentais.

Sob a ótica variacionista, esses dois fenômenos sintáticos, o preenchimento do sujeito e a restrição da ordem VS, são efeitos de uma mudança maior na gramática do PB, especificamente, da reorganização do sistema pronominal (Tarallo, 1993). Dessa forma, para a Sociolingüística, partindo da hipótese do encaixamento lingüístico, postulado por Weinreich, Labov & Herzog (1968), essas mudanças parecem estar ligadas diretamente umas às outras de maneira não-acidental, “formando uma cadeia” (Tarallo, 1993: 99), ou seja, ao ocorrer alguma mudança no sistema de uma determinada língua (no PB, a reorganização do sistema pronominal), ela ocasiona efeitos em outras partes da sua gramática (preenchimento do sujeito e fixação da ordem, entre outros)

Na Teoria de Princípios e Parâmetros, Chomsky (1981) propõe o parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro *pro-drop*) para explicar as diferenças entre as línguas que permitem a omissão do sujeito e as que não permitem. De um lado, estão línguas que podem deixar a posição do sujeito vazia como o português, o italiano, espanhol, isto é, línguas positivamente marcadas em relação ao parâmetro do sujeito nulo. De outro, línguas como o inglês e o francês que apresentam a posição do sujeito, referencial e não referencial, preenchida obrigatoriamente e, portanto, com a marcação negativa em relação a esse parâmetro.

Segundo o autor, o parâmetro *pro-drop* é caracterizado por um feixe de propriedades, entre as quais estão o próprio licenciamento do sujeito nulo e a inversão “livre”, ou seja, a ordem VS, aparentemente sem restrições. Assim, as línguas que fixaram um valor positivo para o parâmetro do sujeito nulo, como no caso do italiano (1a), do português (1b) e do espanhol (1c), além de licenciarem a omissão do sujeito, podem apresentar o sujeito em posição pós-verbal, originando as construções conhecidas por inversão “livre” (2):

- (1) a. Parlo Francese.  
 b. Falo francês.  
 c. Hablo francés.

- (2) a. Ha telefonato Gianni.  
 b. Telefonou o João.  
 c. Há llamado Juan.

Esse comportamento descrito em (1b) e (2b), típico de língua de sujeito nulo, é atestado no PB até o início do século XX, mas começa a mudar a partir de então, possivelmente em consequência da redução dos paradigmas flexionais verbais, diretamente relacionada a mudanças no quadro pronominal (Duarte, 1993). Na segunda metade do século XX, o uso de formas pronominais plenas para a expressão do sujeito torna-se mais freqüente, predominando os casos de preenchimento sobre os de sujeito vazio (Tarallo, 1983; Duarte, 1993, 1995). O uso do pronome pleno já se encontra bastante expressivo também em amostras de escrita do PB como em cartas pessoais (Paredes Silva, 1988) e textos jornalísticos (Duarte, 2007b), especificamente, em relação aos sujeitos de referência definida, ou seja, aqueles relativos às 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas gramaticais.

Ao contrário do PB, o PE evita pronomes expressos como em (1b) conforme é comprovado em estudos que confrontam os dados de amostras de fala e de escrita dessas duas variedades (Duarte, 1995, 2000, 2003a e 2007b), configurando uma gramática típica de língua de sujeito nulo. Portanto, o PB assume um comportamento que o distancia de línguas [+ *pro-drop*], como o italiano, o espanhol e, especialmente, PE.

Segundo alguns autores, como Duarte (1995) e Kato (1999), a variedade brasileira estaria passando por uma fase de transição de uma língua [+ *pro-drop*] para uma [- *pro-drop*]. E no que diz respeito aos sujeitos não referenciais, o PB estaria mostrando um comportamento diferente do esperado, se se levar em conta o Parâmetro do Sujeito Nulo, utilizando elementos referenciais para preencher a posição de sujeito não argumental (através de alçamentos, entre outras estratégias) em vez de desenvolver um expletivo lexical, um comportamento típico de línguas com orientação para o discurso (v. Duarte, 2007a).

Semelhantemente ao sujeito pronominal nulo, a ordem VS no PB passa por um processo de perda na sua produtividade. Até o início do século XVIII, a ordenação dos constituintes no PB apresenta uma grande diversidade de estruturas com a ordem VS em interrogativas e declarativas independentemente de fatores ligados à transitividade verbal (Andrade Berlinck, 1989; Duarte 1992). A partir do fim do século XVIII, nas declarativas, a ordem VS diminui progressivamente, se restringindo, atualmente, a verbos que selecionam apenas um argumento como inacusativos que selecionam um SN e os verbos conhecidos como de ligação. (Andrade Berlinck, 1995, 2000).

Após um século, o mesmo processo ocorre no padrão das interrogativas, que passa da ordem VS, com o sujeito em posição final, independentemente da sua representação nominal ou pronominal, para a ordem SV limitada a verbos de um argumento e com sujeitos nominais. (Duarte, 1992; Lopes Rossi, 1993).

Os verbos conhecidos na literatura gerativista como inacusativos são aqueles cujo único argumento é gerado internamente ao sintagma verbal e, semanticamente, se caracterizam por apresentar papel temático de tema (*aparecer, faltar, sobrar, surgir*), opondo-se aos inergativos que selecionam um argumento externo (*correr, telefonar, trabalhar, viajar*) com papel temático de agente (Andrade Berlinck, 1995; Coelho, 2000; Spano, 2002).

O comportamento desses dois grupos de verbos é distinto no que se refere à realização da ordem do SN; no caso dos inacusativos, por selecionarem um argumento interno, apresentam como ordem não marcada a ordem VS. Os inergativos, por sua vez, por selecionarem um argumento externo, tendem a apresentar a ordem SV. No PB moderno, este último tipo de verbo exhibe quase categoricamente a ordem SV (Andrade Berlinck, 1995; Coelho, 2000; Spano, 2002).

Esse processo de diminuição progressiva da ordem VS se estende ao PE apesar desta variedade ser mais sensível à posposição, uma vez que não se limita a construções monoargumentais como o PB (Andrade Berlinck, 1995). Nas declarativas, o PE moderno se diferencia essencialmente do PB quanto à possibilidade de o primeiro manter a ordem VS em alguns tipos de construções, exemplificadas a seguir:

- (i) na configuração VSX com verbos de mais de um argumento (transitivos diretos, transitivos preposicionais, ditransitivos) (Andrade Berlinck, 1995);
  - (3) “Não vêm esses imbecis que o comunismo é uma fórmula primária para os povos primários [...]”
  
- (ii) na configuração XVS em que X pode ser um objeto (4) ou um adjunto (5), sem acento contrastivo sob qualquer constituinte (Âmbar, 1992). Nesses casos, o sujeito carrega informação nova (Inês Duarte, 2003b);
  - (4) “A verdade disse o Pedro.” (Âmbar, 1992)
  - (5) “Em Lisboa mora o Pedro.” (Âmbar, 1992)
  
- (iii) na presença de uma locução verbal, o sujeito aparece preferencialmente na posição imediatamente após o auxiliar (Âmbar, 1992):
  - (6) Nesse dia, tinha a Maria / ela emprestado os seus melhores discos ao Pedro.

Levando-se em consideração os fatos que apontam que a nossa variedade apresenta um comportamento singular em relação ao PE, o objetivo mais geral desta pesquisa é analisar, através de um levantamento quantitativo, as ocorrências da ordem VS nas construções declarativas na escrita padrão, veiculada na imprensa brasileira e portuguesa atuais, com o intuito de apontar as semelhanças e diferenças entre as variedades e compará-las com as conclusões referentes à ordem VS apresentadas em outros estudos.

Mais especificamente, esta pesquisa pretende avaliar se o comportamento da ordem VS caminha paralelamente ao do sujeito nulo, ou seja, se ocorre uma correspondência na relação entre sujeito nulo e ordem mais “livre” e sujeito pleno e ordem mais restrita na escrita padrão. Mesmo se se leva em conta o caráter mais conservador da escrita, no PB, já é possível verificar a implementação da mudança em relação aos sujeitos referenciais (Barbosa, Duarte & Kato 2005; Duarte, 2007b). É natural esperar que a ordem VS se encontre igualmente mais restrita no PB, limitando-se às construções inacusativas.

Para iniciarmos essa discussão, no Capítulo 1, são descritos os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa. Apresenta-se o parâmetro do sujeito nulo em várias línguas e discute-se o conceito de “inversão livre do sujeito”, tendo-se em vista especialmente o PB.

No capítulo 2, são comentados os resultados de alguns trabalhos sobre o fenômeno do sujeito nulo e da ordem SV e VS em construções declarativas referentes ao PB e ao PE, nas modalidades falada e escrita, com o objetivo de apresentar um quadro geral dessas análises e os seus respectivos enfoques acerca do tema abordado.

Com base nesses resultados, tomados como pontos de partida, no Capítulo 3, são explicitados os procedimentos metodológicos a partir da delimitação das hipóteses e objetivos do estudo bem como os aspectos gramaticais a serem analisados em cada tipo de construção.

No capítulo seguinte, são apresentadas a descrição e a análise dos resultados nas variedades estudadas, organizados em duas seções: a primeira referente às construções declarativas, e a segunda, às construções interrogativas.

Tendo em vista os resultados obtidos, é apresentada a conclusão do estudo em que são tecidas considerações gerais a respeito do fenômeno da ordem SV/VS no PB e no PE e da correlação entre o sujeito nulo e a ordem VS.

Sendo assim, a partir da descrição do fenômeno da ordem, o presente trabalho busca ser mais uma contribuição para os estudos da sintaxe da língua portuguesa nas variedades brasileira e européia.

# Capítulo 1

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.4 Introdução

Este estudo baseia-se na associação entre os pressupostos do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972) e o modelo teórico de cunho gerativista, especificamente o de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). Essa perspectiva foi inicialmente proposta por Tarallo & Kato (1989), que demonstraram a compatibilidade e a complementaridade desses dois paradigmas no estudo da variação e mudança sintática, no presente caso, a restrição da ordem VS no PB, correlacionando-o com outros fenômenos da sintaxe do PB. Essa perspectiva tem-se mostrado bastante produtiva em estudos recentes (v. Decat, 1989; Duarte 1995; Kato, Duarte, Cyrino & Andrade Berlinck, 2006; Kato & Duarte, 2005) por permitir observar aspectos variáveis no sistema e analisá-los como possíveis instâncias de mudança em progresso. Busca-se, portanto, interpretar fatos de variação sintática com uma teoria da linguagem, que permita levantar hipóteses e buscar acompanhar o percurso de um processo de mudança, sua implementação e seu encaixamento no sistema linguístico (Weinreich, Labov & Herzog, 1968).

É a partir desses pressupostos teóricos que esta pesquisa pretende detectar, no fenômeno da ordem SV/VS em construções declarativas e interrogativas, alguma evidência sintática que aponte mais uma diferenciação, na escrita, entre o PB e o PE, bem como uma possível mudança nesse fenômeno decorrente do preenchimento do sujeito nulo, uma vez que a ordem VS está associada a uma língua de sujeito nulo. Para tanto, este estudo associa a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística quanto ao levantamento e tratamento



estatístico dos dados e a abordagem do modelo de Princípios e Parâmetros, quanto à possibilidade de analisar a variação interlingüística e associar possíveis diferenças a diferentes marcações (positiva ou negativa) em relação a um determinado parâmetro.

## 1.2 Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)

No quadro gerativista de Chomsky (1981), particularmente no âmbito da proposta do modelo de Princípios e Parâmetros, todas as línguas humanas apresentam uma mesma base, a Gramática Universal, geneticamente determinada e constituída por **princípios** rígidos, universais, comuns a todas as línguas, e por **parâmetros**, princípios abertos, cujo valor final — positivo ou negativo — é fixado nas gramáticas de cada língua (Língua I) a partir da experiência do falante, isto é, a fixação do valor positivo ou negativo é decorrente da exposição aos dados (*input lingüístico*) durante o processo de aquisição da linguagem. Portanto, os parâmetros são responsáveis pela diferenciação entre as línguas ou, em outros termos, pela variação entre elas.

Nessa proposta teórica, existe um princípio, comum a todas as línguas naturais, denominado Princípio da Projeção Estendido (EPP-Extended Projection Principle), que garante a presença de um sujeito, realizado foneticamente ou não, nas sentenças. Quando a posição de sujeito não é preenchida por elemento fonético, ela é ocupada por uma categoria vazia, especificamente um elemento pronominal sem realização fonética, denominado *pro*, mas com traços distintivos de número, gênero, pessoa e Caso (línguas de sujeito nulo). O pronome *pro* pode ser também um pronome expletivo quer foneticamente realizado (nas línguas de sujeito obrigatório) quer nulo (nas línguas de sujeito nulo), sem referência e nem conteúdo semântico (Raposo, 1992:328-9).

Associado a esse princípio, está o parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro *pro-drop*<sup>1</sup>), uma propriedade que licencia a omissão do sujeito pronominal em sentenças finitas. A realização fonética “opcional” do sujeito está ligada a marcas morfológicas capazes de recuperar a identificação dos sujeitos omitidos<sup>2</sup>, ou seja, de um paradigma flexional verbal “rico”, como é o caso do português e do italiano. Estas línguas apresentam seis desinências diferentes para seis combinações de número e pessoa no tempo presente em oposição a línguas como o inglês que se restringe a duas desinências nesse mesmo tempo verbal para as mesmas seis combinações.

#### (7) Paradigma Flexional Verbal – Presente do Indicativo

a. Português (Europeu)	b. Italiano	c. Inglês
(Eu) falo	(Io) parlo	I speak
(Tu) falas	(Tu) parli	You speak
(Ele) fala	(Lui) parla	He, she, it speaks
(Nós) falamos	(Noi) parliamo	We speak
(Vós) falais	(Voi) parlate	You speak
(Eles) falam	(Loro) parlano	They speak

Desse modo, as línguas podem ser agrupadas em torno do parâmetro do sujeito nulo. De um lado, estão línguas que podem deixar a posição do sujeito vazia, como o português (8), o italiano (9), espanhol, e são fixadas positivamente quanto ao parâmetro do sujeito nulo. De outro, línguas como o inglês (10) e o francês apresentam a posição do sujeito preenchida obrigatoriamente e, portanto, com a marcação negativa em relação a esse parâmetro. Como a posição do sujeito é obrigatória nas sentenças do francês e do inglês, estas línguas

---

<sup>1</sup> Em português, o termo inglês *pro-drop* significa “queda de pronome”, sendo *pro* uma forma abreviada da palavra *pronoun* (pronome).

<sup>2</sup> No decorrer do trabalho (v. Cap. 2, p. 46-57), será apresentada a discussão a respeito do comportamento peculiar do Português do Brasil em relação ao Português Europeu quanto às alterações do paradigma flexional verbal e ao preenchimento da posição do sujeito: o PB privilegia sujeitos plenos ao passo que o PE, sujeitos nulos (Duarte, 1993; 1995 e 2000).

desenvolveram também expletivos lexicais, *il* (francês), *it* (10b) e *there* (10c), que ocupam essa posição.

- |  |                                   |  |
|--|-----------------------------------|--|
| (8) a. ___ Falo castelhano. <sup>3</sup> | (9) a. ___ Parlo Spagnolo.        | (10) a. <b>I</b> speak Spanish.            |
| b. ___ Há maçãs na cozinha.              | b. ___ Ci sono mele nella cucina. | b. <b>There</b> are apples in the kitchen. |
| c. ___ Parece que está chovendo.         | c. ___ Sembra che sta piovendo.   | c. <b>It</b> seems <b>it</b> is raining.   |

Essa distribuição entre línguas, introduzida pela postulação do parâmetro do sujeito nulo, baseia-se, inicialmente, na relação entre flexão verbal “rica” e o sujeito nulo. No entanto, essa relação deixou de constituir uma condição exclusiva e suficiente para o licenciamento e identificação do sujeito nulo a partir de estudos sobre línguas, como o chinês, que admite a ocorrência de sujeito nulo com um paradigma verbal sem flexão (Huang, 1984; 1989). Tais dados empíricos levaram Jaeggli & Safir (1989) a elaborarem uma hipótese, segundo a qual, o licenciamento do sujeito nulo se faria não pela flexão mas pela “uniformidade morfológica” do paradigma verbal de uma língua.

De acordo com os autores, os paradigmas morfológicamente uniformes são aqueles que apenas apresentam ou formas derivadas (desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto etc) ou formas não derivadas (constituídas pelo radical apenas). Por sua vez, a identificação do sujeito nulo seria feita por intermédio ou da flexão, no caso das formas derivadas, ou de um tópico discursivo, no caso das não derivadas. Portanto, os autores assumem a dissociação das condições de licenciamento e identificação do sujeito nulo. No entanto, a caracterização do parâmetro do sujeito nulo é amplamente discutida na literatura gerativista e apresenta outras formulações importantes (v. Roberts, 1993; Kato & Negrão (ed.) 2000; Kato, 2000b) que não serão trabalhadas neste estudo.

---

<sup>3</sup> Os exemplos foram retirados de Kato & Duarte (2004).

Além da possibilidade da omissão do sujeito, Chomsky (1981:240) atribui outras propriedades às línguas marcadas positivamente em relação ao parâmetro do sujeito nulo, que não se verificam em línguas de sujeitos plenos, entre as quais, a inversão livre do sujeito em orações principais, que consiste, grosso modo, na ordem verbo sujeito. Vejamos o exemplo clássico do italiano seguido do exemplo do português, línguas de sujeito nulo, em contraste com o exemplo do inglês, língua de sujeito pleno. Nesta, a possibilidade de posposição<sup>4</sup> do sujeito é excluída, ao contrário do italiano e do português.

- (11) a. Ha telefonato Gianni.  
 b. Telefonou o João.  
 c. \* Called Gianni.

Também fazem parte do conjunto estabelecido por Chomsky as seguintes propriedades de línguas [+ *pro-drop*]<sup>5</sup>, que são ilustradas, a seguir, com exemplos retirados do autor:

- (12) possibilidade de apresentar movimento QU “longo” do sujeito:

Ex.: L'uomo<sub>i</sub> [che mi domando [chi t<sub>i</sub> abbia visto]]  
 “O homem<sub>i</sub> [que (eu) me pergunto [quem (ele) t<sub>i</sub> tenha visto]]”

- (13) possibilidade de apresentar pronome lembrete nulo em orações encaixadas:

Ex.: Ecco la ragazza<sub>i</sub> [che mi domando [chi crede [che cv<sub>i</sub> possa fare questo]]]  
 “Eis a menina<sub>i</sub> [que me pergunto [que acredita [que (ela) t<sub>i</sub> possa fazer isso”]]]

- (14) possibilidade de violar aparentemente o filtro “that trace”

Ex.: Chi<sub>i</sub> credi [che t<sub>i</sub> partirá?]  
 “Quem<sub>i</sub> (você) pensa [que t<sub>i</sub> partirá?]

---

<sup>4</sup> O termo *posposição* refere-se apenas à posição que o sujeito ocupa em relação ao verbo, sem envolver a questão do movimento dos elementos mencionados.

<sup>5</sup> Estas três últimas propriedades não serão aqui tratadas por não contemplarem os objetivos do trabalho.

Nas próximas seções, apresentaremos um conjunto de estudos a respeito da questão da ordem VS em línguas [+ *pro-drop*] e [- *pro-drop*], do tratamento da ordem VS em PB e da validade da correlação entre a propriedade de sujeito nulo e a ordem VS.

### 1.3 “Inversão livre do sujeito”

Conforme apresentado na seção anterior, as línguas [+ *pro-drop*] apresentam, entre outras propriedades do PSN, a “inversão livre” em orações principais. O fenômeno é descrito, grosso modo, como a possibilidade de o sujeito ocupar uma posição após o verbo sem a interferência de um elemento que desencadeie a ordem VS. Dessa forma, as línguas de sujeito nulo, o italiano e português europeu, por exemplo, exibem essa propriedade ao contrário de línguas [- *pro-drop*], como o inglês e o francês, que carecem (“lack” Chomsky, 1981: 240) da “inversão livre”. Considere os seguintes exemplos clássicos do italiano e do inglês:

(15)(a) Gianni ha mangiato.

(a') Ha mangiato Gianni. (Chomsky, 1981:240)

(b) John ate.

(b') \*Ate John.

(16) (a) Gianni é arrivato. (Haegman, 1994: 20)

(a') É arrivato Gianni.

(b) John arrived.

(b') \*Is arrived John.

(17) (a) La ragazza/lei l'ha comprato (Haegman, 1994: 325)

(a') L'ha comprato la ragazza/lei.

(b) The girl/She has bought it.

(b') \*it-has bought the girl/she.

(18) (a) Molti studenti furono arrestati. (Haegman, 1994, 326)

(a') Furono arrestati molti studenti.

(b) Many students were arrested.

(b') \*Were arrested many students.

As sentenças de (15) a (18) mostram que a alternância entre SV/VS, presente no italiano, língua de sujeitos nulos, e ausente no inglês, língua de sujeitos plenos, nos leva a pensar que essa alternância é facultativa nas línguas de sujeito nulo, podendo aparecer indiferentemente em contextos semelhantes, o que garantiria à inversão o rótulo de “livre”. Entretanto, não é isso que acontece: a ordem VS em línguas de sujeito nulo, como o italiano, está condicionada a fatores estruturais e discursivos.

Em todos os exemplos de “inversão livre” citados em (15a') a (18a'), a ordem VS no italiano está associada a um contexto específico de ocorrência. Segundo Belletti (2001), na sentença (15a') com um verbo transitivo e na (16a') com um verbo inacusativo, a ordem VS somente é desencadeada como resposta a uma pergunta, tipicamente empregada em pedidos de identificação, como em “Chi há mangiato?” (“Quem comeu?”), “Chi é arrivato?” (“Quem chegou?”), em que o DP é o elemento “interrogado”. Considerando a organização informacional da frase, o sujeito, localizado após o verbo, é foco da sentença, ou seja, veicula uma informação nova sem qualquer entonação que envolva algum tipo de contraste. A ordem VS em também é licenciada em (15a') e (16a') como resposta à pergunta “Che cosa è successo?” (“O que aconteceu?”), recebendo foco sobre toda sentença.

Como as perguntas “Chi há mangiato?”, “Chi é arrivato?” enfocam o sujeito, a autora destaca que as sentenças (15a) e (16a) com a ordem SV se tornam agramaticais para essas mesmas perguntas, uma vez que o sujeito é interpretado como informação já compartilhada no contexto (informação velha), caracterizando, assim, o tópico da sentença. Dessa forma, a ordem SV em (15a) e (16a) só seria gramatical em respostas, por exemplo, a perguntas do tipo “Che cosa há fato Gianni?” (“O que fez Gianni?”).

Esses exemplos serviram de ponto de partida para Belletti (*op. cit.*) relacionar diferenças na ordem VS a diferenças na organização informacional da sentença. Ela mostra que, no italiano, o sujeito na ordem VS recebe sempre interpretação de informação nova e,

por isso, conclui que a focalização exerce o papel principal no licenciamento da ordem VS nessa língua.

O PE compartilha com o italiano as mesmas restrições à ordem VS quanto ao comportamento do par de sentenças (15a/15a') e (16a/16a'). Âmbar (1992) já tinha mostrado que a ordem VS só é legitimada em “Cameu/Chegou o João” quando for resposta a uma pergunta Qu- (“Quem comeu o bolo?”, “Quem chegou?”), porque atribui valor de foco ao sujeito, isto é, veicula uma informação nova. No caso de uma resposta a essas perguntas com a ordem SV “O João comeu/chegou”, as sentenças são agramaticais.

Na sentença (17a'), a alteração da ordem pode ser, inicialmente, atribuída à presença de um clítico no lugar de um SN, ou seja, a um fator gramatical. Para Belletti (2001:70), no italiano, a existência de um clítico não é considerada crucial no licenciamento da ordem VS com verbos transitivos e sim a organização informacional da sentença.

A ordem VOS com clítico (19a) só pode ocorrer em respostas a uma pergunta Qu-, quando o predicado fizer parte da informação contextual (a informação dada na pergunta é velha). Por isso, (19a) é mais natural que (19b):

- (19) Chi há capito il problema?  
 “Quem entendeu o problema”  
 (a) L’ha capito Gianni.  
 “O entendeu João<sup>6</sup>.”  
 (b) Ha capito il problema Gianni.  
 “Entendeu o problema o João.”

A autora ainda verifica que o italiano, ao contrário do que se pensava, permite a ordem VS com verbos transitivos somente em contextos específicos:

---

<sup>6</sup> Em PB, (19a) é agramatical, porque o clítico de terceira pessoa nunca aparece na posição inicial da sentença (Kato & Tarallo, 1993).

(i) na configuração VOS, com o sujeito na posição final da sentença, como o apresentado em (19), em casos que pertencem a um registro particular, relacionado à fala, presente em locuções de rádio ao vivo e relatos de TV, principalmente em partidas de futebol (20) e em orações com acento contrastivo no sujeito (21):

(20) Mette la palla sul dischetto del rigore Ronaldo.

“Coloca a bola sobre a marca do pênalti Ronaldo.”

(21) Ha capito il problema GIANNI (nom tutta la classe).

“Entendeu o problema GIANNI (e não toda a turma).”

(ii) na configuração VSX, quando X for um elemento preposicional (22) ou um complemento oracional com verbo *dicendi* (23). No caso de ser um objeto direto, a ordem VSO no italiano é agramatical (24):

(22) Ha telefonato Maria al giornale.<sup>7</sup> (VSPP)

“Telefonou Maria para o jornal.”

(23) Ha detto la mamma che ha telefonato Gianni. (VSCP)

“Disse a mamãe que telefonou Gianni.”

(24) \*Capirà Gianni il problema. (VSO)

“Entenderá Gianni o problema.”

Belletti (2001) contrasta a agramaticalidade da ordem VSO no italiano com a possibilidade da ordem VSO no espanhol. Ao citar os exemplos dos estudos de Ordóñez (1997)<sup>8</sup> (25a) e Zubizarreta (1998)<sup>9</sup> (25b), a autora afirma que, no espanhol, o sujeito pós-verbal não (ou não necessariamente) representa informação nova, o foco da sentença, ao contrário do italiano<sup>10</sup>. Costa (2001) reforça essa idéia ao verificar, em uma variedade do espanhol, a ordem VSO é uma ordem não-marcada, sem qualquer tipo de restrição.

(25) a. Todos los días compra Juan el diario.

“Todos os dias compra Juan o jornal.”

b. Espero que te devuelva Juan el libro.

“Espero que te devolva Juan o livro.”

<sup>7</sup> Belletti (2001:66) considera o elemento preposicional (“al giornale”) um complemento do verbo, denominado “objeto preposicional”.

<sup>8</sup> (ORDÓNÉZ *apud* BELLETTI, 2001)

<sup>9</sup> (ZUBIZARRETA, *apud* BELLETTI, 2001)

<sup>10</sup> Segundo Belletti (2001:73), o espanhol apresenta a ordem VSO, ao contrário do italiano, porque “dispõe de uma posição extra de Caso”, assumindo claramente a posição de Zubizarreta (*op. cit.*). Por outro lado, Kato (2000b:235) discorda dessa análise e propõe que o espanhol “apresenta um movimento-V extra para uma projeção mais alta, que não está disponível para o italiano.” Essa questão não será abordada neste estudo.



Por outro lado, segundo Kato (2000b:236-7), a ordem VOS no espanhol apresenta uma restrição: somente é licenciada quando o objeto for um clítico (26), sendo um contexto de restrição também no italiano (v. exemplo 19).

(26) Quería hacerlo Juan. (Terker, 1984:276)<sup>11</sup>  
 “Quería fazê-lo Juan.”

Diferentemente do italiano, o PE, outra língua de sujeito nulo, exhibe a ordem VS com verbos transitivos em outras configurações, resultantes das diferentes combinações dos termos SVO. No entanto, Costa (2001) e Inês Duarte (2003) nos chamam atenção para o fato de que a ocorrência de cada uma dessas configurações está associada a um contexto discursivo específico, ou seja, ao foco, tal como foi apontado por Belletti (2001) para o italiano. Vejamos os seguintes exemplos (27 a 29), retirados do autor (*op. cit.* 94):

- (27) O que é que aconteceu?  
 (a) Paulo partiu a janela. (SVO)  
 (b) \*Partiu a janela o Paulo.  
 (c) \*Partiu o Paulo a janela.
- (28) Ninguém partiu nada.  
 (a) \*Paulo partiu a janela.  
 (b) \*Partiu a janela o Paulo.  
 (c) Partiu o Paulo a janela. (VSO)
- (29) Quem partiu a janela?  
 (a) \*O Paulo partiu a janela.  
 (b) Partiu a janela o Paulo. (VOS)  
 (c) \*Partiu o Paulo a janela.

Para Costa, em (28c), a leitura de ordem VSO é de foco que incide no sujeito e no objeto e envolve o contexto (28) enquanto em (29b), a ordem VOS pode ter acento sentencial ou acento marcado no sujeito (Partiu a janela O PAULO) com o contexto (29).

---

<sup>11</sup> (TERKER, *apud* KATO, 2000b)

Voltemos agora à sentença (18) apresentada no início desta seção como exemplo clássico de ordem VS em uma estrutura passiva, a chamada passiva lexical, tradicionalmente classificada como passiva analítica. As construções passivas são idênticas às dos chamados verbos inacusativos ou ergativos (v. Perlmutter, 1976; Burzio, 1986), por apresentarem, em termos configuracionais, a mesma estrutura argumental. Ou seja, como o argumento externo é suspenso nas passivas, podendo ou não aparecer sob a forma de SP, a que a tradição se refere como agente da passiva, as construções passivas exibem um único argumento, o interno, que, da mesma forma que o argumento dos inacusativos, não pode receber Caso acusativo do participio. Daí receberem Caso nominativo de flexão.

Os verbos inacusativos<sup>12</sup> são verbos que selecionam um único argumento interno, gerado na posição de objeto, mas não atribuem a ele Caso acusativo<sup>13</sup> (v. exemplo 16a' do italiano), como ocorre com os transitivos. O argumento interno dos inacusativos apresenta, portanto, propriedades típicas dos objetos como, por exemplo, se originar na posição pós-verbal na estrutura subjacente da frase e ter um papel temático não-agentivo (*aparecer, faltar, surgir, ocorrer*). Devido, principalmente, à sua propriedade estrutural, os inacusativos são verbos que exibem a ordem VS como sua ordem básica, “natural”, diferenciando-se dos inergativos (tradicionalmente considerados intransitivos como, *andar, chorar correr, trabalhar*), que selecionam um argumento externo com o papel temático agentivo ou experienciador (v. Burzio, 1986; Coelho, 2000). Dessa forma, segundo Tarallo & Kato (1989), a ordem VS nas construções inacusativas é um fenômeno observado tanto nas línguas

---

<sup>12</sup> O termo “inacusativo” foi introduzido na literatura, principalmente, gerativa por Burzio (1986). No seu estudo, ele diferencia os verbos intransitivos em duas classes autônomas: a dos inergativos e a dos inacusativos. Neste trabalho, adotarei essa distinção, empregando os termos *inergativo* e *inacusativo*. No entanto, o emprego do termo *intransitivo* será mantido quando este estiver associado a estudos que não fazem a distinção entre os verbos de um argumento ou que preferem o uso do termo *intransitivo* para se oporem aos *inacusativos*.

<sup>13</sup> Várias são as discussões a respeito da atribuição de caso ao argumento do verbo inacusativo (v. Burzio, 1986; Belletti, 1988 e Coelho, 2000). Neste estudo, não será abordada essa questão.

de sujeito nulo (italiano, espanhol, português) como nas línguas de sujeito obrigatório (francês, inglês), conforme será apresentado ao longo desta seção e da seção seguinte.

No exemplo (18a'), a ordem *deve-se*, portanto, a um fator de natureza estrutural (gramatical): a estrutura argumental das passivas possibilita a ordem VS, em que o argumento interno permanece na sua posição de base (depois do verbo) sem que a posição de sujeito seja preenchida<sup>14</sup>. Uma das propostas que explicam a permanência do argumento interno na sua posição de origem sem se mover para a posição de argumento externo para receber caso (nominativo) é a de Belletti (1988), segundo a qual, o argumento interno recebe um caso, denominado, partitivo do verbo da passiva. Tal estrutura, entretanto, como veremos adiante, só ocorre nas línguas de sujeito nulo, sendo muitíssimo restrita em línguas [- *pro-drop*].

Com a ajuda das descrições acima, baseadas na observação de exemplos que emergem de julgamentos intuitivos de falantes, temos um quadro revelador já defendido por Âmbar (1992): se a ordem VS obedece a determinadas restrições seja por fatores estruturais (gramaticais) seja por fatores discursivos, a “inversão livre” não é, de fato, tão livre nas línguas de sujeito nulo como o italiano e o PE. A “liberdade” da ordem VS foi também questionada por outros autores (Hulk & Pollock, 2001; Fuchs & Fournier, 2003) que chamaram a atenção para o caráter inadequado da expressão “inversão livre”.

Enquanto o termo “inversão” pressupõe a estrutura VS ser derivada da estrutura SV, “livre” implica independente, opcional. A combinação dos termos expressa a idéia de SV e VS serem duas formas alternantes, que se equivalem semanticamente no mesmo contexto, ou seja, estão em “variação livre”. Pelo que vimos acima, não se trata de inversão quando os verbos são os inacusativos (aqui, incluídas, naturalmente, as passivas analíticas) nem há liberdade de escolha pelo falante de uma língua [+ *pro-drop*].

---

<sup>14</sup> Nas línguas de sujeito nulo, a posição de argumento externo nas estruturas com construções inacusativas está disponível para o alçamento do argumento interno. Caso ele não se mova, a teoria propõe que a posição apresente um *pro* expletivo.

As ordens SV/VS são, de fato, duas estruturas distintas, sem qualquer tipo de equivalência, decorrentes de um processo sintático — referente à estrutura típica de verbos inacusativos/inergativos (v. Perlmutter, 1976; Burzio, 1986) — e/ou discursivo (Hulk & Pollock, 2001; Belletti, 2001; Fuchs & Fournier, 2003).

Dessa forma, neste estudo, utilizo o termo “ordem VS” em vez de “inversão livre” para evitar o conceito inadequado presente nesta última expressão e indicar apenas a localização do sujeito, imediatamente ou não, após o verbo, sem entrar na discussão a respeito dos processos sintáticos envolvidos (movimento do SN ou do verbo).

Opondo-se às línguas de sujeito nulo, estão as línguas ocidentais [– *pro-drop*] — o inglês e o francês — que não permitem a ordem VS. Tal restrição, porém, não significa a impossibilidade de as línguas de sujeito obrigatório atestarem a ordem VS.

O inglês pode exibir a ordem VS em sentenças declarativas que apresentam um sintagma preposicionado na primeira posição. Sua estrutura padrão é a ordem PP V DP, em que o PP recebe o papel temático *locativo* (localizações espaço-temporais) e o DP, o papel temático *tema*. Essa construção, denominada na literatura de “inversão locativa (IL)” (Kim, 2003; Levin & Rappaport-Hovav, 1995)<sup>15</sup>, ocorre somente com verbos de um argumento, predominantemente com determinadas construções inacusativas prototípicas que selecionam um DP — inacusativos de existência (30), aparecimento (31), de movimento (32) e as passivas analíticas (33) sem a realização do agente da passiva — e freqüentemente com alguns verbos inergativos (34):

---

<sup>15</sup> De acordo com a nota 1 do texto de Kim (2003:02), as ILs ocorrem também com o verbo *to be*, porém com uma estrutura diversificada: o PP pode apresentar outros papéis temáticos além do locativo, e o elemento pós-verbal não se restringe à ocorrência de um DP conforme se observa nos exemplos retirados do autor:

- a. Standing next to me was the president of the company.
- b. In second place is Jeremy Doncaster.

(30) “At the night, under the lights, (...) and the bus debarkation point, **existed** that stricken awareness of a dire event.” (Levin & Rappaport-Hovav, 1995:p. 221)<sup>16</sup>

“À noite, sob as luzes, (...) e o ponto de desembarque de ônibus, existia aquela aflita consciência do mau presságio.”<sup>17</sup>

(31) “Then behind him **came** Eton Lad who uttered.” (Kim, 2003. p.02)

“Então atrás dele, veio Eton Lad que gritou.”

(32) “And then suddenly from the bottom **appears** a motor car.” (Kim, 2003: p. 02)

“E então de repente, lá do fundo, aparece um carro.”

(33) “On the house roof **has been mounted** a cooper lightning rod.”

(Levin & Rappaport-Hovav, 1995.p. 222)

“No telhado da casa, foi montado um pára-raios de cobre.”

(34) “At one end, in crude bunks, **slept** Jed and Henry.” (Levin & Rappaport-Hovav, 1995. p. 224)

“De um lado, em rudes beliches, dormiam Jed e Henry.”

Como os casos se restringem a determinadas construções inacusativas (tanto os verbos que selecionam um DP quanto as passivas) e ocorrem com alguns verbos inergativos, existem diferentes análises que explicam esse caráter das construções de IL, entre as quais, estão a visão discursiva de Levin & Rappaport-Hovav (1995) e a visão léxico-sintática de Mendikoetxea (2006). As primeiras autoras verificam que o grupo de verbos presentes nas ILs se caracteriza por levar algo a “existir” ou “aparecer” no contexto e predicam uma informação “menos familiar” (e não uma informação totalmente nova) sobre o seu argumento tema na sentença, ou seja, o verbo não pode contribuir com informação mais nova que o DP pós-verbal. São denominados, portanto, “verbos informacionalmente leves” (v. *op. cit.* 230) e

---

<sup>16</sup> Os exemplos de Levin & Rappaport-Hovav (1995) são oriundos de textos literários ao passo que os de Kim (2003), de um arquivo de dados escritos e falados.

<sup>17</sup> A tradução dos exemplos segue Nagase (2007) que a apresenta literalmente sem qualquer julgamento de gramaticalidade.

atribuem a função discursiva de foco apresentacional ao argumento tema (DP pós-verbal) o qual é introduzido em um contexto pelo elemento PP (locativo).

Nessa análise, as ILs são caracterizadas como um fenômeno ligado exclusivamente ao discurso sem levar em conta o componente sintático comum a essa construção (estrutura inacusativa).

Por outro lado, Mendikoetxea (2006) não descarta a estrutura basicamente inacusativa das ILs. O autor defende que os verbos inergativos presentes nessas construções “se tornam” verbos inacusativos ao compartilharem as propriedades destes verbos ligadas à estrutura argumental e ao significado “existencial” ou de “aparecimento” e considera, assim, também o caráter apresentacional (discursivo) das ILs.

Kim (2003) também argumenta a favor de as ILs apresentarem não só relações sintáticas mas também discursivas. Na estrutura discursiva das ILs, o locativo PP carrega o *tópico*, e o DP tema representa o *foco* a partir da interpretação da sua estrutura sintática de o PP ser o sujeito e o DP, objeto. De qualquer forma, em todas as análises, o fato de o DP argumento interno aparecer sob a forma de DP pleno sugere que predomine o valor de foco observado nas línguas [+*pro-drop*].

Outro ponto relativo a essas estruturas no inglês apresentado por Âmbar (1992), com base nos dados de Emonds (1986, *apud* Âmbar, 1992: 85), merece destaque: a agramaticalidade das ILs quando um verbo auxiliar estiver presente na sentença (35b) ao contrário do que ocorre com as interrogativas Qu- diretas (36b):

(35) a. Down the street rolled the baby carriage!

“Rua abaixo rolou o carrinho de bebê.”

b. \*Down the street was rolling the baby carriage!

“Rua abaixo estava rolando o carrinho de bebê.”

(36) a. \*What bought John?

“O que comprou John?”

b. What did buy John?

“O que AUX comprou John?”

Essa descrição atual das ILs dialoga com o estudo diacrônico de Cavalcante (2005), que analisa a ordem SV/VS do Inglês Médio (1125-1500) até o inglês Moderno (1500-1750), com

objetivo de testar o efeito dos verbos inacusativos na ordem VS do inglês. Entre os seus resultados, são destacados aqueles que, de certa forma, estão associados ao fenômeno das ILs:

- (i) as construções com verbos transitivos apresentam menos inversão do que os outros verbos de um só argumento (inergativos, inacusativos, passivas) desde o início do Inglês Médio e desaparecem no final do Inglês Moderno;
- (ii) os verbos *come*<sup>18</sup> e *be* apresentam taxas maiores de ordem VS do que as outras construções intransitivas e inacusativas desde o primeiro período do Inglês Médio;
- (iii) essas taxas maiores de ordem VS com *come* e *be* são decorrentes de um fator discursivo, isto é, esses verbos são usados em sentenças apresentacionais diferentemente de outros verbos inacusativos.

Segundo a autora, “a ordem verbo-sujeito foi influenciada, não só pelo efeito V2, ou estrutura argumental do verbo, mas também por uma função discursiva: as sentenças com *come* e *be* apresentam mais inversão ao longo do tempo por favorecerem a função apresentacional” (*op. cit.* 237).

Convém também destacar que o inglês apresenta contextos de ordem VS com determinados verbos inacusativos (*appear, come, arrive*), com a presença do expletivo lexical *there* (37):

(37) There appeared some ants in the kitchen. (Tarallo & Kato, 1989)

“(Expletivo) apareceram algumas formigas na cozinha.”

---

<sup>18</sup>A autora tratou os verbos *come* e *go* separadamente por serem os verbos inacusativos mais frequentes na amostra e apresentarem diferentes padrões quanto à ordem VS.

Esse diálogo entre os estudos não se limita à análise do inglês, mas se estende a outra língua de sujeito obrigatório, o francês, que admite a ordem VS em estruturas e condições semelhantes às ILs do inglês: a presença obrigatória de um elemento no início da sentença, podendo ser um PP locativo de caráter espacial (38) ou temporal (39), seguido de um verbo monoargumental e um DP:

(38) A l' angle de la rue se trouve une vieille maison. (Fuchs & Fournier, 2003:4)  
 “Na esquina da rua, se encontra uma velha casa.”

(39) De cette époque datent ses débuts au cinéma. (Fuchs & Fournier, 2003:3)  
 “Dessa época datam suas estréias no cinema.”

Mesmo sob outra perspectiva, a pesquisa funcionalista de Fuchs & Fournier (2005) mostra, além do papel discursivo do elemento locativo que inicia as ordens SV e VS no francês, a interação das dimensões sintática, semântica e discursiva que está envolvida nesse tipo de configuração sintática, se aproximando, portanto, das análises sobre o inglês apresentadas anteriormente.

No trabalho das autoras, mais uma vez é apontado o número de argumentos como um fator importante na determinação da ordem XVS ou XSV: quanto menor o número de argumentos, maior a possibilidade de ocorrer a ordem VS. Dessa forma, a ordem XVS ocorre preferencialmente nos contextos com verbos inacusativos (40) se o verbo não estiver acompanhado por um auxiliar (aspectual ou modal) (41) ou por um advérbio de negação (42). Nestes dois últimos casos, tem-se a ordem XSV. A seguir, são apresentados os exemplos retirados de Fuchs & Fournier (2005: 3, 5, 7):

(40) a. Dans cette Maison **naquit** Napoleon.<sup>19</sup>  
 “Nesta casa nasceu Napoleão.”

c. Là **est** tout le problème.  
 “Aí está todo o problema.”

b. Par la fenêtre **viennent** des bruits assourdis.  
 “Pela janela vêm (entram) um ruído ensurdecador.”

---

<sup>19</sup> O negrito foi acrescido nos exemplos de (40) a (45).



(41) a. A cette température, deux sortes de composés vont **apparaître**.

“Nessa temperatura, dois tipos de compostos vão aparecer.”

b. Le lendemain, les tropes purent **débarquer**.

“No dia seguinte, as tropas podem desembarcar.”

(42) A l’ heure dite lês invités n’**arrivèrent** pas.

“À hora marcada os convidados não chegam.”

Por sua vez, a ordem XSV aparece obrigatoriamente nos contextos com verbos transitivos (43). No caso de o objeto ser um clítico (44) ou um argumento de um verbo-leve<sup>20</sup> quando formam um predicado complexo (45), a ordem XVS torna-se possível (Fuchs & Fournier, 2005: 5):

(43) a. Sur cette table, les élèves **ont dessiné** des graffiti.

“Sobre esta mesa, os alunos desenharam os grafites.”

b. La nuit suivant, Paul **a rêvé de** Marie.

“Na noite seguinte, Paulo sonha com Maria.”

c. Le lendemain, la commission **nomma** Paul responsable du projet.

“No dia seguinte, a comissão nomeia Paulo responsável pelo projeto.”

(44) Chaque semaine m’ **arrivaient** d’ elle de longues lettres.

“A cada semana me chegava dela longas cartas.”

(45) A son retour **eut lieu** la traditionnelle réunion de famille.

“No seu retorno tem lugar a tradicional reunião de família.”

Embora não trabalhem com a distinção entre inergativos e inacusativos, as autoras (*op. cit.* 08) apontam um grupo de verbos associado à ordem XVS, denominados “verbos de semântica fraca” (*verbes au sémantisme faible*), por apresentarem valores como existência, localização, identidade, semelhantes ao do verbo cópula e selecionarem um DP [- agente].

---

<sup>20</sup> Os autores não empregam esse termo. No original está escrito “quand l’objet est un clitique ou **nom coalescent en locution verbale**”[grifo acrescido]. A partir da tradução literal e do exemplo, interpretei que o verbo se aproximava da classificação de “verbos leves” apresentada por Inês Duarte (2003b:311-2). Segundo a autora, os verbos leves são formados por um verbo, que sofre um processo de esvaziamento lexical como *dar*, *fazer*, *ter*, e por uma expressão nominal (*dar contribuição*, *fazer queixa*, *ter influência*), formando um predicado complexo.

Em oposição a esses verbos, estão verbos “fortes” (*verbes au sémantisme fort*), que denotam um processo (incluindo aqui também os verbos psicológicos) e, selecionam, portanto, um DP [+agente] ou [+experenciador], ocorrendo com frequência na ordem SV. Com base na definição e na lista de verbos apresentados por Fuchs & Fournier (2005:8) abaixo, os “verbos de semântica fraca” se enquadram exatamente no grupo dos inacusativos:

(i) verbos de localização espaço-temporal de caráter estático:

*figurer* (figurar), *reposer* (repousar), *s' ouvrir* (abrir-se), *être* (ser /estar)+ppé);

(ii) verbos de localização espaço-temporal de caráter dinâmico:

- verbos de movimento: *arriver* (chegar), *sortir* (sair), *passer* (passar), *venir* (vir)
- verbos de ocorrência: *apparaître* (aparecer), *commencer* (começar), *dater* (datar), *monter* (subir, aumentar, crescer), *mourir* (morrer), *naître* (nascer), *surgir* (surgir), *avoir lieu* (ter lugar, realizar-se).

Para as autoras, esses fatores sintáticos e semânticos não atuam isoladamente na marcação das ordens XSV e XVS; interagem com a estrutura comunicativa dessas ordens, que está correlacionada ao papel discursivo desempenhado pelo PP. Em linhas gerais, o PP da ordem XSV é um elemento introdutório referencial que indica o fechamento de uma idéia anterior ou o início de uma idéia secundária no discurso (julgamento tético) ao passo que o da ordem XVS não apresenta esse caráter referencial, pois PP é considerado complemento de V.

Além da presença de um PP, existe outro elemento no início da sentença, ou seja, à esquerda de uma oração absoluta ou encaixada, que permite a ordem VS no francês: o sintagma Qu-. Nesse contexto, a ordem VS é obrigatória (Kayne & Pollock, 2001:107-8), aparecendo, portanto, em sentenças interrogativas diretas (46), relativas (47), exclamativas (48), clivadas (49) e em orações encaixadas com complementos de verbo no subjuntivo (50) como os exemplos dos autores ilustram:

- (46) A qui a téléphoné ton ami?  
 “Pra quem telefonou seu amigo?”
- (47) L'homme à qui a téléphoné ton ami.  
 “O homem pra quem telefonou seu amigo.”
- (48) Quel beau visage a cette personne!  
 “Que belo visual tem aquela pessoa!”
- (49) C'est à Jean qu'a téléphoné ton ami.  
 “Foi para o João que telefonou seu amigo.”
- (50) Je souhaiterais que téléphone ton ami.  
 “Eu desejo que telefone seu amigo.”

Esse tipo de ordem VS no francês, condicionada por um elemento estrutural, foi inicialmente denominada por Kayne (1972 *apud* Kayne & Pollock, 2001) de “Stylistic Inversion (SI)”. Tal como ocorre com a expressão “inversão livre” usado para a ordem VS nas línguas românicas de sujeito nulo, “Stylistic Inversion” é considerado um adjetivo infeliz (“unfortunate”) pelo próprio Kayne em seu texto com Pollock (2001), porque expressa antecipadamente que as operações responsáveis pela ordem VS nesse tipo de construção são “estilísticas” e não sintáticas. Embora os autores apresentem um novo termo “Nonclitic Subject related Inversion” para indicar a ocorrência da ordem VS com um sujeito DP na posição pós-verbal, elas continuam adotam SI, um termo amplamente empregado na literatura, principalmente na gerativa.

De acordo com Kayne & Pollock (2001:108 -117;134 -139), alguns contextos mostram incompatibilidade (total ou parcial) com as SIs, quais sejam, (a) sujeitos na forma de um pronome clítico (51); (b) pronomes fortes que não sejam de 3ª pessoa (52a); (c) o caráter indefinido de alguns DPs (53); (d) a presença do sujeito entre o verbo auxiliar e o verbo principal numa locução verbal (54a); (e) verbos transitivos diretos com objeto direto lexical (55) e (f) sintagmas adjetivais que fazem parte de mini-orações (*small clauses*) e são complementos do verbo (56):

- (51) \*Qu'a mangé il?  
"O que comeu ele?"
- (52) a. \*Qu'as mangé TOI?  
"O que comeste tu?"  
b. Qu'a mangé LUI?  
"O que comeu ele?"
- (53) ?? Qu'a mangé quelqu'un?  
"O que comeu alguém?"
- (54) a. \*A qui voulait Jean téléphoner?  
"Para quem quer João telefonar?"  
b. A qui voulait téléphoner Jean?  
"Para quem João quer telefonar?"
- (55) a. \*À qui a montré mon article ton ami?  
"A quem mostrou meu artigo seu amigo?"  
b. \*À qui a montré ton ami mon article?  
"A quem mostrou seu amigo meu artigo?"
- (56) \*Quand est devenu Jean célèbre?  
"Quando se tornou João célebre?"

No grupo dos verbos transitivos diretos, a agramaticalidade desaparece se o predicado da oração for uma expressão idiomática, como em (57):

- (57) a. Depuis quelle heure ont faim les enfants?  
"A que horas têm fome as crianças?"
- b. A quelle pièce donne accès cette clé?  
"A que cômodo dá acesso aquela chave?"
- c. Quand ont pris langue Paul et Marie?  
"Quando bateram boca Paulo e Maria?"

A ocorrência da ordem VS com a presença de um complemento verbal em forma de PP (objeto indireto) próximo ao DP sujeito (58) é outro contexto que licencia de SI, ainda que seja bastante restrito (59).

- (58) Qu'a dit Jean à Marie?  
"O que disse João à Maria?"
- (59) ?Quando a parlé Jean à Marie?  
"Quando falou João à Maria?"

Em todo caso, como podemos verificar, a ordem VS nos contextos de SI e nas construções iniciadas por um PP locativo do francês está associada praticamente a verbos de um argumento, uma vez que as SIs com verbos transitivos são limitadas a poucos contextos.

Ao final desta seção, é necessário retomar algumas considerações importantes a respeito do que foi descrito anteriormente sobre a situação sincrônica da ordem VS nas línguas de sujeito nulo (italiano, espanhol e português europeu) e de sujeito obrigatório (francês e inglês).

Em um exame atento dos estudos aqui elencados, baseados tanto em julgamentos intuitivos de falantes quanto de ocorrências de *corpora* (escritos e falados), verificamos que a ordem VS, em sentenças declarativas, nas línguas de sujeito nulo é licenciada em contextos específicos, tanto de natureza estrutural, como, por exemplo, no espanhol (60), quanto de natureza discursiva como no italiano (61 e 62) e português europeu (62):

(60). Quería hacerlo Juan. (Terker, 1984:276)<sup>21</sup> (VOS)<sup>22</sup>  
 “Quería fazê-lo Juan.”

(61) a. Chi há capito il problema? (Belletti, 2001)  
 “Quem entendeu o problema?”  
 a'. L'ha capito Gianni.  
 “O entendeu João.”  
 a". Ha capito il problema GIANNI (nom tutta la classe). (VOS) (Belletti)  
 “Entendeu o problema GIANNI (e não toda a turma).”

(62) a. Ha mangiato Gianni. (Chomsky, 1981:240)  
 “Comeu Gianni.”  
 a'. Gianni ha mangiato.  
 “Gianni comeu.”  
 .b. É arrivato Gianni. (Haegman, 1994: 20)  
 “Chegou Gianni.”  
 b'. Gianni é arrivato  
 “Gianni chegou.”

(63) Quem partiu a janela? (Costa, 2001)  
 a. \*O Paulo partiu a janela.  
 a'. Partiu a janela o Paulo. (VOS)  
 a". \*Partiu o Paulo a janela.

---

<sup>21</sup> (TERKER, *apud* KATO, 2000b).

<sup>22</sup> Como vimos anteriormente, o padrão VOS somente é agramatical no italiano. O espanhol e o PE contam com esse tipo de padrão de ordem.

No exemplo do espanhol (60), a ordem VOS só é permitida caso o objeto seja um clítico (Kato, 2000b), portanto, desencadeada um fator estrutural. Por sua vez, no italiano, o clítico não é suficiente para licenciar a ordem VOS, pois está associada a um contexto discursivo, o foco. A sentença em (61a') ocorre somente em respostas a uma pergunta Qu- (61a), porque atribui valor de foco ao sujeito devido ao predicado fazer parte da informação dada (Belletti, 2001).

No caso de o objeto ser representado por um SN (61a''), a ordem VOS apenas é gramatical em orações com o acento contrastivo no sujeito. Este é um contexto também presente no português europeu (63a'), em que a ordem VOS ainda pode ter acento sentencial (Costa, 2001).

As sentenças (62a) e (62b) do italiano, que também podem ser aplicadas ao português europeu, a ordem VS é desencadeada como resposta a uma pergunta Qu- , em que o DP (o sujeito) é o elemento interrogado: “Chi há mangiatto/arrivato?” (“Quem comeu/chegou?”). Dessa forma, o sujeito aparece após o verbo, sendo o foco da sentença e veiculando, portanto, informação nova. No entanto, diferentemente da ordem VOS em (61a'') e (63a'), o foco recai sobre o sujeito sem qualquer entonação que envolva algum tipo de contraste. No caso de respostas com a ordem SV, como os exemplos em (62a') e (63b') ao tipo de pergunta Qu- mencionada acima, as sentenças são agramaticais. (Belletti, 2001; Âmbar, 1992).

Esse quadro resumidamente delineado aqui contraria a idéia de que haveria uma alternância facultativa entre as ordens SV/VS, com qualquer tipo de verbo. Portanto, conforme já defendido por Âmbar (1992) e reforçado pelos estudos de Belletti (2001), a ordem VS, em sentenças declarativas, nas línguas de sujeito nulo não é de fato uma “inversão livre” (Chomsky, 1981), uma vez que a sua realização está submetida a determinadas restrições, principalmente, de caráter discursivo.

Constatamos também que, apesar de as línguas de sujeito obrigatório, como o inglês e o francês, imporem severas restrições à ordem VS, elas atestam a ordem VS em contextos bastante específicos, principalmente, em construções monoargumentais (na sua maioria, com verbos inacusativos) com a presença de um elemento à esquerda do verbo. Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (64) a. “Then behind him **came** Eton Lad who uttered.” (Kim, 2003. p.02) [grifos acrescidos]  
 “Então atrás dele, veio Eton Lad que gritou.”
- b. “At one end, in crude bunks, **slept** Jed and Henry.” (Levin & Rappaport-Hovav, 1995. p. 224)  
 “De um lado, em rudes beliches, dormiam Jed e Henry.”
- c. There **appeared** some ants in the kitchen. (Tarallo & Kato, 1989:17)  
 “(Expletivo) apareceram algumas formigas na cozinha.”
- (65) a. Dans cette Maison **naquit** Napoleon. (Fuchs & Fournier, 2005: 4)  
 “Nesta casa nasceu Napoleão.”
- b. L’homme à qui a téléphoné ton ami. (Kayne & Pollock, 2001:107)  
 “O homem pra quem telefonou seu amigo.”
- c. Il est **arrivées** trois filles. (Tarallo & Kato, 1989: 17)  
 “(Expletivo) Chegaram três meninas.”

Nos exemplos (64a, b) e (65a), a estrutura padrão dessas sentenças, tanto no inglês (denominadas na literatura como “Inversão Locativa (IL)”) quanto no francês é de um sintagma preposicionado, um elemento locativo ou espacial, seguido imediatamente por um verbo monoargumental (predominantemente inacusativo) e um DP (sujeito). A estrutura argumental dos verbos inacusativos favorece a ordem VS nesses contextos, porque o DP desses verbos é gerado na posição de objeto e não se move para a posição de sujeito, por esta posição estar ocupada pelo PP. O mesmo processo ocorre com os sujeitos expletivos lexicais *there* (64c) e *il* (65c).

Para Levin & Rappaport-Hovav (1995) e Kim (2003), as ILs, além de disporem de um componente sintático (PP V DP) para licenciar a ordem VS no inglês, estão associadas fortemente a um componente discursivo. Devido ao seu caráter apresentacional, as ILs favorecem que o foco recaia sobre o DP (sujeito), localizado após o verbo. O estudo diacrônico de Cavalcante (1995), que analisa textos do Inglês Médio (1125-1500) até o Inglês Moderno (1500-1750), reforça esse posicionamento ao mostrar evidências de que a função apresentacional também influenciou a ordem VS em inglês, além do efeito V2 e da estrutura argumental do verbo.

Embora o contexto de ordem VS do francês (65a) se assemelha às estruturas sintáticas das ILs do inglês, se distancia quanto ao aspecto discursivo. Segundo Fuchs & Fournier (2005), o PP da ordem VS funciona como tópico e o DP, como parte apenas do predicado.

Diferentemente do inglês, o francês apresenta outro elemento à esquerda do verbo (de uma oração absoluta ou encaixada), que desencadeia a ordem VS: o sintagma Qu-(65b). Esse tipo de ordem, denominada “Stylistic Inversion (SI)”, é condicionada, portanto, exclusivamente por um componente sintático e não se restringe a orações relativas (ver exemplos de outros contextos nas páginas 40 e 41).

Dessa forma, não podemos descartar que, também nas línguas de sujeito obrigatório, além dos condicionamentos gramaticais, um fator discursivo, o caráter apresentacional, principalmente no inglês, influencia a realização da ordem VS.

Quanto ao PB, como apresenta um comportamento sintático que se distancia das línguas românicas de sujeito nulo, em particular do PE, reservamos uma seção à parte para tratar do fenômeno da ordem VS.



### 1.3.1 O PB e a ordem VS

Antes de iniciar a discussão, convém ressaltar que aqui apenas são apresentadas algumas contribuições importantes do estudo Kato & Tarallo (1988), revisto e aprofundado em Tarallo & Kato (1989) e Kato & Tarallo (1993), para a caracterização do comportamento da ordem VS no PB. Os estudos sobre a ordem VS serão discutidos no Capítulo 2, subseção 2.3.

Sob diferentes enfoques teóricos, as pesquisas pioneiras sobre a ordem VS da década de 80, entre as quais Bittencourt (1980)<sup>23</sup> e Lira (1986), encontraram resultados semelhantes, principalmente, em dois aspectos: a pouca produtividade da ordem VS no PB e a sua restrição a contextos monoargumentais.

Baseados nessas evidências, Kato & Tarallo (1988) apontam para a necessidade de comparar os resultados do PB aos de outras línguas românicas (italiano, espanhol, francês) com o objetivo de explicar a restrição da ordem VS no PB bem como relacioná-la com outros fenômenos lingüísticos da gramática do PB.

Os autores partem do pressuposto<sup>23</sup> que o fenômeno da ordem VS apresenta um caráter heterogêneo e postulam três tipos de estruturas envolvidos na sintaxe VS nas línguas: as construções inacusativas, as construções de fronteamto (anteposição) do verbo (*V-fronting*) e construções de antitópico (“falsa inversão”).

Segundo Tarallo & Kato (1989), as construções inacusativas são aquelas compostas por verbos (apresentativos, existenciais, construções passivas) que não apresentam argumento externo, somente argumento interno, localizado à direita do verbo sem marcação de Caso acusativo.

---

<sup>23</sup> (BITTENCOURT, *apud* KATO & TARALLO, 1993).

Nessas construções, nas línguas de sujeito nulo, a posição de sujeito pode aparecer vazia (66) ou com formas com sujeito lexicalmente preenchido (67). Por sua vez, nas línguas de sujeito obrigatório, a posição de sujeito aparece na forma de um expletivo lexical (68) ou também com sujeito lexicalmente preenchido (69).

(66) a.  $pro_{expl}$  Chegaram os ovos. (Tarallo & Kato, 1989:16)

b.  $pro_{expl}$  Llegaram os ovos.

c.  $pro_{expl}$  Sono arrivati molti ragazzi. (“Chegaram vários meninos.”)

(67) a. Os ovos chegaram. (Tarallo & Kato, 1989:16)

b. Los hevos chegaram.

c. Molti ragazzi sono arrivati.

(68) a. **II** est arrivées trois filles. (Tarallo & Kato, 1989: 17) [grifos acrescentados]  
“(Expletivo) Chegaram três meninas.”

b. **There** appeared some ants in the kitchen. (Tarallo & Kato, 1989:17)

“(Expletivo) apareceram algumas formigas na cozinha.”

(69) a. Trois filles sont arrivées. (Tarallo & Kato, 1989:17)

“Três meninas chegaram.”

b. Some ants appeared in the kitchen.

“Algumas formigas apareceram na cozinha.”

Na ordem VS, o argumento interno com função de sujeito é interpretado como foco (ou informação nova) da sentença como nos exemplos (66), com uma função apresentativa. Há a possibilidade também de esse argumento assumir outra leitura, a de tópico, quando se move para a posição de sujeito (67) e (69).

Diferentemente das construções inacusativas. o segundo tipo de construção, o fronteamto do verbo, ocorre em função de um elemento desencadeador (sintagmas Qu-

principalmente, pronomes interrogativos, e advérbios locativos (com valor apenas de foco)), para o verbo se antepor ao sujeito. Esse elemento desencadeador se move para a posição de complementador (COMP).

Tarallo & Kato (1988) constatam que anteposição do verbo ao sujeito no PB é opcional em interrogativas Qu-, permitindo tanto a ordem VS quando a ordem SV, embora estejam envolvidos processos distintos na sua configuração sintática<sup>24</sup> (v. Kato & Tarallo, 1993: 113). Além disso, esse tipo de construção está restrito a verbos de um argumento (70). Já no francês, a ordem VS é obrigatória com o sintagma Qu- (“Stylistic Inversion ”), conforme mostramos na seção anterior (71).

- (70) a. Onde dormem os meninos? (Kato & Tarallo, 1988:5)  
 a'. Onde os meninos dormem? (Kato & Tarallo, 1988:5)  
 b. Ali morreram os soldados. (Kato & Tarallo, 1988:5)  
 b'. Ali os soldados morreram.<sup>25</sup> (Kato & Tarallo, 1988:5)

- (71) Quand partira ce garçon? (Tarallo & Kato, 1989:19)  
 “Quando partirá o menino?”

Os autores levantam a possibilidade de incluir como um caso especial de fronteamto de verbo citações com verbo *dicendi* (72), “uma vez o que se cita é normalmente o foco sentencial” (Tarallo & Kato, 1989: 23).

- (72) O gatilho saiu, anunciou o jornalista.

Quanto às construções antitópico, o SN sujeito é movido “para uma posição não-argumental, isto é para a posição de antitópico, simétrica à de tópico” (Kato & Tarallo,

---

<sup>24</sup> Para maiores detalhes sobre as diferenças entre as configurações sintáticas, consultar Kato & Tarallo (1993).

<sup>25</sup> Segundo os autores, no exemplo (70b), o advérbio exerce a função de tópico e, por isso, não desencadeariam a ordem VS como os advérbios com a função de foco.

1989:26). Em outros termos, o SN é movido para a posição final da sentença, externa ao predicado.

Segundo os autores, o antitópico é, geralmente, um SN definido. No PB, a posição do sujeito pode aparecer com um pronome nulo (73a), preferencialmente com verbos monoargumentais, ou com um pronome expresso (73b):

- (73) a. [pro<sub>i</sub> Tá pronto,] o vestido azul<sub>i</sub>.  
 b. [Ele<sub>i</sub> tá pronto,] o vestido azul<sub>i</sub>.

No artigo de 1993, Kato & Tarallo apontam que, no PB, as construções inacusativas são as mais produtivas com a ordem VS enquanto as construções de fracionamento do verbo e antitópico estão se tornando residuais no sistema.

A partir do levantamento desses três tipos de estrutura VS, os autores postulam uma generalização descritiva para o PB, “restrição de monoargumentalidade”, em que, como o próprio nome indica, a ordem VS no PB se limita a verbos monoargumentais. Dessa, o PB se afasta de outras línguas românicas [+ *pro-drop*], em particular do PE, que estendem a ocorrência da ordem VS a outros contextos, como, por exemplo, a verbos transitivos (ver seção 1.3, p.31).

Segundo os autores, essa restrição da ordem VS resulta de dois outros fenômenos lingüísticos que estão em processo de mudança na sintaxe do PB: o desaparecimento do clítico de 3ª pessoa e a gradual mudança de uma língua [+ *pro-drop*] para [- *pro-drop*].

### ***1.3.2 A correlação entre as propriedades de sujeito nulo e a ordem VS***

A validade da correlação entre a propriedade de apresentar sujeito nulo e permitir a ordem VS tem sido desafiada por estudos empíricos, sob o enfoque do paradigma formal e

quantitativo, que iniciaram uma incursão detalhada nessas duas propriedades desde o desenvolvimento da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). É constatado um comportamento não-uniforme nas línguas e entre as línguas como, por exemplo: (a) um dialeto do italiano, o Trentino, é caracterizado por licenciar sujeitos preenchidos, ao contrário do italiano padrão, e permitir a ordem VS (Safir, 1982, *apud* Tarallo & Kato, 1989); (b) línguas orientais como o chinês e o japonês, consideradas línguas orientadas para o discurso<sup>26</sup>, admitem sujeitos nulos identificados por meio de um antecedente (Huang, 1984), mas não estabelecem uma correlação com a ordem VS (Kato, 2000) e (c) a restrição da ordem VS também ocorre nas línguas [+ *pro-drop*] (Âmbar, 1992), segundo as descrições apresentadas na seção anterior.

Por outro lado, existem trabalhos que trazem evidências para a validade dessa correlação a partir de descobertas encontradas em línguas como o francês e o PB. O francês antigo era uma língua de sujeito nulo com a ordem VS (do tipo V2 – VSO)<sup>27</sup>. Em seguida, no francês medieval, houve um longo período de transição (aproximadamente 150 anos), durante o qual, essas duas propriedades não eram mais opções produtivas no francês, embora ainda ocorressem em certos contextos sintáticos (Adams, 1987; Roberts, 1993), evidenciando um sistema defectivo de sujeitos nulos. Quando se efetivou a mudança no parâmetro (de uma língua *pro-drop* para uma não- *pro-drop*), o francês contemporâneo perdeu os sujeitos nulos e, conseqüentemente, restringiu a ordem VS a determinadas condições.

Ao confrontar as mudanças ocorridas no francês com as que estão ocorrendo no PB do século XX, entre as quais, o preenchimento progressivo do sujeito pronominal (Tarallo, 1993; Duarte, 1993;1995), Duarte (1993, 1995, 2000) sugere que o PB está em um período de transição, conforme já defendido por Tarallo (1983), por apresentar uma co-ocorrência de

---

<sup>26</sup> Línguas com tal orientação licenciam sujeitos e objetos nulos identificados por um tópico discursivo. (v. também Pontes, 1987; Negrão & Viotti, 2000).

<sup>27</sup> Nessas construções, o verbo ocupa sistematicamente a segunda posição nas sentenças raízes.

sujeitos lexicais e nulos tal como o francês apresentou no período medieval. Esse posicionamento também é corroborado por Roberts (1993).

Em todo o século XIX, o PB se comporta como uma língua positivamente marcada para o parâmetro do sujeito nulo, porém, na segunda metade do século XX, apresenta um aumento significativo no preenchimento do sujeito. A opção preferida é o pronome expresso nos sujeitos referenciais definidos de 1ª e 2ª pessoas e arbitrários, enquanto os sujeitos nulos no PB ainda aparecem nos seguintes contextos: (a) sujeitos referenciais definidos de 3ª pessoa, com tendência à redução cada vez mais expressiva (v. Duarte, 2007b) e (b) sujeitos não-referenciais (expletivos) relativos às construções com verbos de fenômenos meteorológicos, com verbos de alçamento, com verbos existenciais e com verbos inacusativos, como mostram, (74) - (77a), respectivamente. Embora os sujeitos não-referenciais omitam obrigatoriamente o pronome em línguas de sujeito nulo, no PB, apresentam um preenchimento significativo da posição à exceção do contexto (74a). Observe os exemplos de Duarte (2000, 31-32):

(74) a. **pro**<sub>expl</sub> Vai chover.

(75) a. **pro**<sub>expl</sub> Parece que vocês não pensam a sério na vida.

b. **Vocês**<sub>i</sub> parecem  $t_i$  não pensar a sério na vida.

c. **Vocês**<sub>i</sub> parecem que  $t_i$ /vocês<sub>i</sub> não pensam a sério na vida.

(76) a. **pro**<sub>expl</sub> Não há/tem mais clientela no centro da cidade.

b. **Você** não tem mais clientela no centro da cidade.

(77) a. Sempre que ela come carne de porco, **pro**<sub>expl</sub> soltam umas bolinhas na mão dela.

b. Sempre que ela come carne de porco, **ela** solta umas bolinhas na mão.

A autora sustenta o seu ponto de vista, baseando-se também nas constatações de Kato & Tarallo (1988), que mostram a pouca produtividade da ordem VS no PB, sendo restrita a verbos de um argumento, e correlacionam a sua natureza restrita ao aumento progressivo de sujeitos pronominais e ao desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa na língua oral (Omena, 1978; Duarte, 1989). Essa restrição, denominada por Tarallo & Kato (1989) de

“restrição de monoargumentalidade” prevê que, no PB, não são possíveis as orações com VS se houver mais de um argumento expresso após o verbo. Tal característica do PB atual explica a agramaticalidade da ordem VS com verbos transitivos como em “Comeu o bolo o João”, uma estrutura gramatical em PE.

Os estudos de Kato & Tarallo (1988), Tarallo e Kato (1989) se encontram em conformidade com os resultados empíricos de Andrade Berlinck (1989, 1995, 2000) sobre a ordem VS nas declarativas, estudos que consideram verbos de diferentes transitividades. Estes revelam que, em contextos com mais de um argumento, a frequência da ordem VS cai drasticamente a partir do início do século XVIII. Na segunda metade do século XX, a ordem VS é praticamente substituída pela ordem SV nesses contextos e reduz o seu campo de atuação a contextos de um único argumento como os inacusativos e cópula.

Segundo Kato (1996, 2000), ao se compararem os resultados de Andrade Berlinck (*op. cit.*) com os de Duarte (1993), a restrição da ordem VS no PB ocorreu paralelamente ao aumento de sujeitos expressos, mostrando uma correlação efetiva entre as propriedades do sujeito nulo e ordem VS.

Também é observada uma diminuição significativa da ordem VS nas interrogativas Qu. Baseados em um mesmo *corpus* diacrônico para a análise dos fenômenos, Duarte & Kato (2002) verificam que, no século XIX e inícios do século XX, as interrogativas Qu- no PB apresentam, com mais frequência, tal como os sujeitos referenciais nas declarativas, sujeitos nulos, embora a ordem VS seja obrigatória quando o sujeito é foneticamente realizado. Com o aumento progressivo do preenchimento do sujeito pronominal nas declarativas, cresce a preferência pela ordem SV nas interrogativas Qu- cuja configuração VSO foi perdida antes de VOS. Os autores levantam ainda que a ordem VOS parece sincronicamente aquela mais associada ao parâmetro do sujeito nulo, apresentando mais uma evidência de as propriedades do sujeito nulo e ordem VS pertencerem ao mesmo parâmetro.

O exame desses estudos permite apontar uma correspondência entre as duas propriedades em questão, uma vez que, ao passarem por uma mudança, alteram de forma paralela o seu comportamento sintático: a preferência pelo sujeito exposto nos sujeitos referenciais coincide com a preferência pela ordem SV no PB. No entanto, o sujeito nulo e a ordem VS ainda ocorrem em contextos específicos. Devido a esse comportamento peculiar em relação às propriedades associadas ao PSN, o PB está deixando de ser uma língua essencialmente de sujeito nulo, distanciando-se das línguas românicas como o espanhol, o italiano e o próprio PE as quais licenciam sujeitos nulos tanto referenciais como expletivos e apresentam uma ordem VS que se conforma aparentemente às restrições apontadas por Belletti (2001), Costa (2001) e Âmbar (1992)

Na literatura, são encontradas interpretações variadas sobre que tipo de língua estaria se transformando o PB diante das mudanças pelas quais passou (e passa): Duarte (1995) considera o PB um sistema misto, semelhantemente à posição de Kato (2000b) que o analisa como uma língua *pro-drop* parcial. Pontes (1987), Negrão & Viotti (2000) sugerem para o PB o estatuto de língua orientada para o discurso; ao passo que, em estudos mais recentes, Kato & Duarte (2005) e Vasco (2006) defendem o comportamento do PB como uma língua com proeminência de sujeito e tópico.

Neste trabalho, consideramos a posição de Kato (2000b) de o PB se caracterizar como uma língua *pro-drop* parcial.



## Capítulo 2

# OS RESULTADOS DE PESQUISAS

### 2.1 Introdução

Os estudos de Chomsky (1981) relacionados principalmente às propriedades do sujeito nulo e da inversão “livre” do sujeito motivaram o desenvolvimento de trabalhos que levantaram (e levantam) importantes questões a respeito da variação, da mudança e da aquisição das línguas.

Uma dessas questões está relacionada ao estatuto do PB como língua [+ *pro-drop*], pois a variedade brasileira tem apresentado um comportamento bastante particular, decorrente de uma série de mudanças operadas em nosso quadro pronominal, diferentemente de outras línguas românicas de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e o português europeu. Enquanto estas preferem a posição do sujeito vazia e uma ordem mais flexível, o PB expandiu contextos de preenchimento do sujeito pronominal e restringiu os contextos de posposição de sujeito, com uma ordem SVO mais fixa, distanciando-se, gradualmente, portanto, das duas das principais propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo (Kato e Tarallo, 1988; Duarte, 1993, 1995, 2007(a, b); Andrade Berlinck, 1989, 1995; Kato, Duarte, Cyrino & Andrade Berlinck, 2006).

Nas subseções seguintes, apresentaremos um conjunto de estudos que se centram em evidências empíricas sobre as mudanças ocorridas no PB quanto à omissão do sujeito nulo e à inversão “livre” do sujeito a fim de delimitarmos um quadro da realidade lingüística do PB falado e escrito.

## 2.2 Pesquisas sobre o sujeito nulo

Duarte (1995) avança na pesquisa sobre a tendência do preenchimento de sujeitos nulos ao analisar, além dos sujeitos de referência definida, os de referência arbitrária, utilizando uma amostra de dados sincrônicos de fala espontânea de informantes, nascidos na cidade do Rio de Janeiro com grau universitário completo. Os resultados para os sujeitos de referência definida estão em conformidade com os encontrados na sua pesquisa diacrônica de 1993 ao verificar, em uma comparação entre diferentes faixas etárias, que os grupos jovens lideram a mudança em direção ao sujeito pleno, mostrando uma evolução gradual, porém constante.

Uma outra constatação do seu estudo de 1995 é a preferência por formas pronominais plenas também pelos sujeitos de referência arbitrária (65%), em decorrência direta do preenchimento dos sujeitos de referência definida. Entre as estratégias para expressar a indeterminação do sujeito, está o uso de formas pronominais preferencialmente plenas, segundo a seguinte ordem de frequência: *você* (44%), *eles* (16%), *a gente* (13%), o clítico *se* (8%) e *nós* (2%). Como exemplos, são apresentados os seguintes dados:

- (78) a. Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor. **Você** acha que criança é só pra encher o saco, né?  
 b. Tem. O Grajaú **eles** tão asphaltando, melhorando também.  
 c. Hoje em dia, quando **a gente** levanta as coisas, é que **a gente** vê tudo o que aconteceu.  
 d. Jogava-**se** futebol na rua Visconde Silva.

(Duarte: 1995, 89-90) (grifos da autora)

Resultados muito próximos são confirmados por Duarte (2003a) em uma amostra de fala carioca de indivíduos com Ensino Fundamental (1º e 2º segmentos) e/ou Ensino Médio, levando em conta dois períodos de tempo (anos 80 e anos 2000). Independentemente do período, 70% dos sujeitos indeterminados são preenchidos com formas pronominais preferencialmente plenas, e a forma *você* também aparece como estratégia de indeterminação mais frequente com uma média de 45%, seguida por *a gente* (média 20%) e a terceira pessoa

do plural que ainda ocorre preferencialmente com o pronome nulo. Mais uma vez, o uso do clítico *se* e o pronome *nós* apresentam percentuais pouco expressivos (entre 1 a 5%). Um dado interessante é o aparecimento da forma *tu* na fala “popular”<sup>28</sup>, principalmente na faixa etária entre 15 e 25 anos, e ausente na fala “cultura”.

Posteriormente a autora ainda confronta esses dados com os de Portugal e verifica que, com os sujeitos de referência arbitrária, a diferença entre PB e PE torna-se ainda mais evidente. Na variante europeia, além da opção pelo sujeito nulo (67%), a estratégia de indeterminação preferida é o uso do clítico *se* (38%) que está entre as estratégias menos frequentes tanto na fala culta quanto popular do PB. Em seguida, aparecem as formas pronominais *eles* e *a gente* com taxas expressivas de 22% e 20%, respectivamente, seguidas pela primeira pessoa do plural *nós* (14%) e *você* (6%). A estratégia menos utilizada no PE é justamente a mais frequente no PB.

Observe-se que esse comportamento sintático do PB é mais uma diferença atestada entre o nosso sistema e o sistema europeu. Ao contrário do PB, cuja opção preferida é a realização plena do sujeito pronominal, o PE apresenta alta frequência de pronomes nulos, em diferentes contextos sintáticos, seja nos contextos de referência definida (Duarte, 1995), em todas as pessoas gramaticais, seja nos de referência arbitrária (Cavalcante, 1997; Duarte, 2007b), a partir da utilização de seis formas pronominais com desinências verbais distintas (v. Paradigma 1, tabela 2.1, p.63), apresentando, assim, um sistema morfológico verbal mais “complexo” do que o PB. Esse fato corrobora a argumentação teórica de Duarte (1993, 1995) a respeito da relação causal entre a realização pronominal plena do sujeito e a simplificação do sistema flexional do PB.

---

<sup>28</sup> Como salienta Duarte (2007b: 89), “os dois adjetivos [servem] apenas para distinguir a fala de indivíduos com curso universitário concluído [fala culta] daqueles que cursaram o Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio [fala popular]”, embora os adjetivos sejam cercados de sentidos discriminatórios.

Destaca-se ainda que a perda progressiva de sujeitos nulos em contextos de sujeitos referenciais traz como conseqüência a incorporação de novas estruturas ao sistema, incompatíveis com línguas de sujeito nulo: as construções de deslocamento à esquerda (DE). As DEs consistem na correferência entre um SN em posição externa à sentença e um sujeito já ter sido mencionado. Os exemplos de Duarte (1995: 108-9) ilustram a seguir.

- (79) a. Então *o Instituto de F.*<sub>i</sub>, *ele*<sub>i</sub> manda os piores professores...*Os melhores*<sub>i</sub> *eles*<sub>i</sub>, dão aula no curso de M. (grifos da autora)
- b. Eu acho que *o povo brasileiro*<sub>i</sub> *ele*<sub>i</sub> tem uma grave doença.

Baseando-se em outros estudos, Duarte verifica que as estruturas de DE também são encontradas com freqüência no francês falado, um língua de sujeito preenchido, porém não são admitidas em línguas de sujeito nulo como italiano e espanhol. Esse dado, aliado à significativa ocorrência de tais estruturas no PB, sem qualquer tipo de restrição, permite à autora relacioná-lo à perda do princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981) no PB, que deixa implícita a idéia de que um sujeito só é expresso nessas línguas se a sua identificação estiver comprometida (restrição estrutural e/ou para expressar ênfase), confirmando, assim, a sua hipótese de trabalho. Para Duarte, a entrada das construções DE no PB é “uma denúncia das conseqüências provocadas pela perda do Princípio, ou, em termos variacionistas, uma prova do encaixamento da mudança” (Duarte, 1995: 142).

Duarte prossegue na busca de outros efeitos decorrentes do preenchimento do sujeito referencial, partindo de uma nova hipótese: a tendência atual ao preenchimento do sujeito nulo no PB começaria a afetar a posição de sujeito não referencial, posição originariamente vazia (*pro* expletivo), de determinadas estruturas, que gradualmente seria preenchida. No seu artigo de 2000, são apontados novos achados: indícios de realização fonética do sujeito nessas

estruturas, ilustradas em (80) – (83), com os exemplos extraídos do referido estudo (*op. cit.*, p. 31-32):

(80) Construções existenciais com *haver/ter* são preferencialmente substituídas pela forma arbitrária *ocê* acompanhada pelo verbo *ter* ou *ver*:

- a. **pro**<sub>expl</sub> Não há/tem mais clientela no centro da cidade.
- b **pro**<sub>expl</sub> Há/tem muito concreto na sua frente.
- a'. **Você** não tem mais clientela no centro da cidade.
- b' **Você** vê muito concreto na sua frente.

(81) Construções com verbos de alçamento, que atribuem caso nominativo ao argumento movido de uma oração infinitiva (a,b) e aparecem frequentemente em estruturas com dois verbos flexionados (hiperalçamento (c)) :

- a. **pro**<sub>expl</sub> Parece que vocês não pensam a sério na vida.
- b. **Vocês**<sub>i</sub> parecem **t**<sub>i</sub> não pensar a sério na vida.
- c. **Vocês**<sub>i</sub> parecem que **pro**<sub>i</sub>/**vocês**<sub>i</sub> não pensam a sério na vida.

(82) Outros verbos de alçamento, que recebem complementos de sentenças infinitivas, são geralmente movidos para a posição de sujeito vazio da oração principal.

- a. **pro**<sub>expl</sub> Vale a pena salvá-los.
- b. **pro**<sub>expl</sub> Leva tempo pra aprender essas coisas.
- a' **Eles** valem a pena ser salvos.
- b' **Essas coisas** levam tempo para aprender.

(83) Construções com verbos de um argumento (existenciais e inacusativos) que podem aparecer com dois argumentos, sendo o segundo representado por um demonstrativo ou um complemento topicalizado do argumento interno:

- a. **pro**<sub>expl</sub> Era em torno de dez pessoas.
- b. Sempre que ela come carne de porco, **pro**<sub>expl</sub> soltam umas bolinhas na mão dela.
- a' **Isso** era em torno de dez pessoas.
- b' Sempre que ela come carne de porco, **ela** solta umas bolinhas na mão.

Além desses indícios, a fim de sustentar sua hipótese, a autora realiza uma pesquisa sobre o comportamento das construções (81) e (82) em duas amostras de língua falada do PB, cada qual representando um período de tempo distinto – inícios dos anos 80 e ano 2000. A análise quantitativa mostra, na passagem de um período para outro, um uso mais freqüente do preenchimento da posição vazia dos sujeitos expletivos com elementos referenciais através do

movimento do sujeito da oração encaixada para a principal. No caso das construções com verbo *parecer* (81), o hiperalçamento (81c) é a estrutura que aumenta significativamente no ano de 2000 embora concorra com as estruturas sem alçamento com o sujeito da encaixada expresso (81a), em ambos os períodos.

Quanto a outros tipos de verbos como *acabar*, *custar*, *demorar*, *levar*, *faltar* e a expressão *estar na hora de*, a preferência pelo alçamento ocorre nos dois períodos com um sensível aumento no ano 2000, o que permite a Duarte sugerir que a implementação dessa estratégia teria se iniciado antes do hiperalçamento com o verbo *parecer*. Vejamos dois pares de exemplos sem e com alçamento (Duarte, 2003b: 8):

- (84) a. \_\_ Demorou para ela decidir para casar com ele,  
 b. *Eu<sub>i</sub>* demorei pra *t<sub>i</sub>* perceber que ele era safado.

- (85) a. \_\_ Já tá na hora da gente parar de palhaçada.  
 b. Quando olhei para no relógio, vi que *eu<sub>i</sub>* já tava na hora de *t<sub>i</sub>* ir embora.

Com base no levantamento desse quadro, não se pode negar que o PB, ainda que permita a ocorrência de sujeitos nulos, é um sistema que favorece nitidamente o uso de formas pronominais plenas para a expressão do sujeito, assumindo um comportamento que o distancia de línguas [+ *pro-drop*], como o italiano e o PE.

A implementação da mudança no PB em direção ao sujeito pronominal preenchido se encontra em contínua expansão haja vista os contextos mais resistentes, como os sujeitos referenciais arbitrários e os não referenciais, terem sido também afetados pela mudança. Tais evidências juntamente com o aparecimento das construções DE (Duarte, 1995, 2003a) comprovam, que as mudanças ocorridas no PB, desde meados do século XIX, não se processaram acidentalmente, mas se encontram intimamente articuladas, como “teias e ecoam umas nas outras.” (Tarallo, 1993:74).

Em virtude do quadro de mudanças delineado anteriormente para a língua falada a respeito da representação do sujeito pronominal – de nulo para pleno –, parte-se para o exame de estudos que tratam do mesmo fenômeno na escrita a fim de saber, em um primeiro momento de reflexão, até que ponto esta modalidade, dado o seu caráter conservador, reflete as mudanças operadas na fala.

Em relação aos sujeitos de referência definida no PB, embora as três pessoas gramaticais apresentem um comportamento diferenciado, o uso do pronome pleno já se encontra bastante expressivo em amostras de escrita como cartas pessoais (Paredes Silva, 1988), peças de teatro (Duarte, 1993) e textos jornalísticos (Duarte, 2007b).

Nas cartas pessoais analisadas por Paredes Silva (1988), escritas entre os anos de 1979 e 1984, por informantes cariocas, com grau de escolaridade médio e universitário, a 1ª pessoa apresenta um percentual global de 23% de sujeitos plenos, com taxas mais elevadas entre os mais jovens, contrapondo-se ao índice de 70% de preenchimento da 2ª pessoa e ao de 50% da 3ª pessoa. Sob a ótica funcionalista, a autora defende que essa diferença de comportamento nas três pessoas quanto à escolha do sujeito pleno/nulo é influenciada não só por meio de fatores estruturais como, por exemplo, a ambigüidade, a distância e o caráter animado (3ª pessoa) do referente, condicionadores da presença do pronome, mas, principalmente, por meio de motivações discursivo-pragmáticas, entre as quais, as circunstâncias particulares de produção de textos, como, por exemplo, a adequação de modalidade (falada e escrita) e de gênero textual (entrevista, carta, editorial etc), ou, nos termos de Tarallo (1983), a natureza estilística do texto.

Segundo a autora, a escrita, devido ao seu caráter conservador, já cria de antemão condições para que se tenha “cuidados formais” e, assim, tende a selecionar mais a omissão do sujeito. Tal constatação está em conformidade com a comparação realizada por Duarte (1993) entre o texto escrito da peça teatral em 1992 e o texto falado, ou seja, encenado no

mesmo ano. Por mais que as peças teatrais sejam escritas para reproduzirem a fala, a escrita é mais conservadora: na passagem do texto escrito para o falado, há uma queda significativa de sujeitos nulos na 1ª (10%) e 3ª (13%) pessoas.

Aliado à modalidade, está o gênero textual estudado. Na carta, os papéis de cada pessoa gramatical são exercidos diferentemente. Devido ao caráter subjetivo desse gênero, a primeira pessoa apresenta uma entrada mais previsível no texto, o que lhe confere uma maior participação no discurso, tornando-se o centro das atenções, seguida, respectivamente, pelas 3ª e 2ª pessoas, menos participativas. Desse modo, a tendência à omissão do pronome é mais atuante na primeira. No entanto, Paredes Silva não deixa de relacionar a acentuada distância percentual entre a 1ª e 2ª pessoas ao fato de esta compartilhar com a 3ª pessoa a mesma desinência verbal desde a entrada da forma pronominal *você* e a conseqüente perda das marcas verbais *-s* e *-ste*, o que permite uma maior tendência à explicitação do sujeito nas 2ª e 3ª pessoas.

Nas peças teatrais populares, escritas entre os séculos 19 e 20 no Brasil, Duarte (1993) mostra diacronicamente a substituição progressiva de sujeitos nulos por plenos. Os resultados são apresentados a seguir:

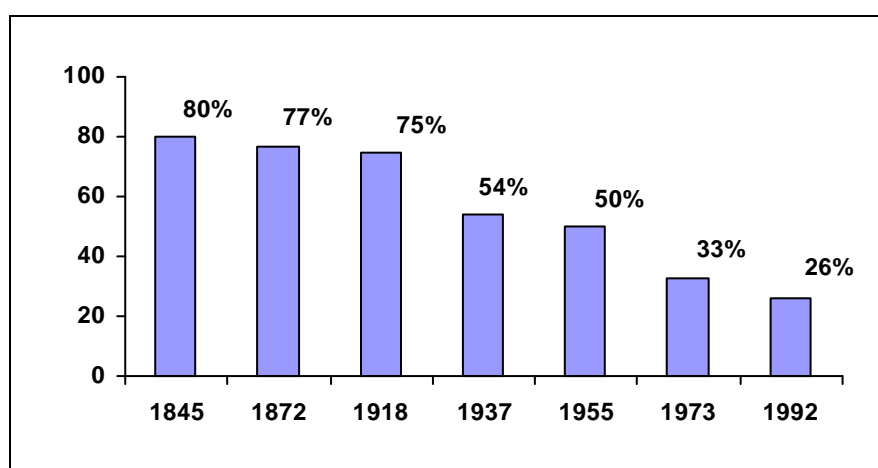


Gráfico 2.1: Taxas percentuais de sujeitos pronominais nulos por período de tempo (retirado de Duarte, 1993: 112)



Partindo da linha de pesquisa variacionista, que observa a mudança não como um fato aleatório do sistema, mas como encaixado em um conjunto maior de mudanças, a autora relaciona esses resultados com as alterações do paradigma pronominal do PB<sup>29</sup>.

<b>Paradigma Pronominal/ Verbal – Presente do Indicativo</b>			
<b>PESSOA/NÚMERO</b>	<b>PARADIGMA 1</b>	<b>PARADIGMA 2</b>	<b>PARADIGMA 3</b>
1ª singular	cant-o	cant-o	cant-o
2ª singular (Tu/Você)	cant-as	canta (s)	canta Ø
3ª singular	canta Ø	canta Ø	canta Ø
1ª plural. (Nós/ a gente)	canta-mos	canta-mos	canta Ø [a gente]
2ª plural . (Vós)	canta-is	_____	_____
2ª plural (Vocês)	canta-m	canta-m	canta-m
3ª plural	canta-m	canta-m	canta-m

**Tabela 2.1: Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro (adaptado de Duarte, 1993: 109)**

Ela constata que, nos primeiros períodos, em que as taxas de sujeito nulo são altas, o sistema pronominal conta com seis formas pronominais com suas respectivas marcas verbais distintivas (além do uso de formas de tratamento), sistema ainda em vigor no PE (v. Paradigma 1).

A partir de 1937, uma queda significativa de sujeitos nulos coincide com a perda das formas da 2ª pessoa direta, particularmente (tu/vós). Estas são substituídas, nos textos examinados, pelas formas pronominais você/vocês, que compartilham desinências verbais de 3ª pessoa, ou seja, não apresentam flexões verbais exclusivas como as de 2ª pessoa (v. Paradigma 2).

<sup>29</sup>Segundo alguns autores, como Negrão & Miller (1996), não há uma relação causal entre a perda de sujeitos nulos em certos contextos, no PB, e à redução do seu paradigma flexional do verbo decorrente de particularidades do sistema pronominal, mas uma especialização no sistema pronominal do PB.

Por fim, nos últimos dois períodos, os índices revelam uma preferência pelo preenchimento do sujeito no PB, quando o paradigma se reduz ainda mais com a entrada da forma pronominal *a gente*, que também combina com a forma verbal de 3ª pessoa, estabelecendo uma concorrência com o pronome nós<sup>30</sup>. Configura-se, portanto, o paradigma pronominal/verbal (3) caracterizado pela perda de marcas morfológicas verbais, resultantes de mudanças no quadro pronominal.

Ressalte-se que pode haver alterações nesses três paradigmas se considerarmos diferenças regionais (por exemplo, o uso do pronome tu em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro combinado com a forma verbal de 3ª pessoa), sociais (perda de marcas explícitas de concordância nas 1ª e 3ª pessoas do plural “nós canta; eles canta”), de modalidade (falada e escrita).

No entanto, a perda do sujeito nulo não afeta de maneira uniforme todas as pessoas gramaticais pelos resultados de Duarte (1993). O preenchimento do sujeito atinge a 2ª seguida da primeira pessoa. O contexto de maior resistência é o de 3ª pessoa, resultado que não se esperava, porque constitui um ambiente de maior ambigüidade, particularmente, a 3ª pessoa do singular, cuja desinência verbal não é suficiente para identificar o sujeito ao contrário da 1ª pessoa. Dessa forma, o sistema flexional rico, que licencia e identifica os sujeitos deixa de ser o fator responsável pela ocorrência de sujeitos nulos no PB.

Duarte aponta, como possível explicação para esses contextos de resistência, a presença de um referente antecedente na sentença ou no discurso, ou seja, num sistema defectivo de sujeitos nulos, a presença de um tópico definido no contexto discursivo ainda licencia e identifica um sujeito nulo.

---

<sup>30</sup>Segundo Omena (2003:79), “no momento atual, o indivíduo, ao adquirir a língua, está sendo submetido a uma maior ocorrência da variante inovadora [a gente] em detrimento da forma mais antiga [nós]”. Sobre gramaticalização de “a gente”, ver Lopes (1999).

Esses resultados levam a autora a atestar a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a simplificação dos paradigmas flexionais bem como a concluir a tendência de o PB atual preencher a posição do sujeito nulo como evidência de um período de transição de uma língua pro-drop para uma língua não-pro-drop, seguindo a argumentação de Tarallo (1993).

Mantidas as devidas diferenças entre os gêneros estudados, Paredes Silva (1988) e Duarte (1993) apresentam resultados, em termos de taxa de uso, semelhantes apenas em relação às segunda e terceira pessoas.

Isolamos os dados das peças de teatro referentes aos anos que estão mais próximos aos da redação das cartas pessoais conforme são mostrados na seguinte tabela:

	<b>Peças de teatro</b>	<b>Cartas pessoais</b>
	<b>1975</b>	<b>entre 1979 e 1984</b>
<b>1ª pessoa</b>	68%	23%
<b>2ª pessoa</b>	80%	70%
<b>3ª pessoa</b>	48%	50%

**Tabela 2.2: Percentual de sujeitos expressos nas três pessoas gramaticais, segundo o gênero textual (adaptado de Paredes Silva, 1988 e Duarte, 1993)**

Embora se observe uma polarização entre as frequências obtidas para o sujeito nulo na 1ª pessoa, em que não se pode descartar a possibilidade da influência do gênero textual, é preciso considerar os índices da 2ª pessoa, cuja distância percentual entre as amostras é, em torno, de 10%, e os da 3ª pessoa que se mantêm no mesmo patamar, em torno de 50%. Além disso, a tendência ao preenchimento do sujeito se mostra mais freqüente na 2ª pessoa também nos dados de Paredes, justamente o primeiro contexto a ser afetado pelo preenchimento (Duarte, 1993).

Nos textos jornalísticos — opinião e notícias — da imprensa carioca, escritas nos anos 2000, em que se pode analisar apenas a 3ª pessoa, devido à maior frequência de uso nesses gêneros textuais, Duarte (2007b) encontra taxas percentuais (51%) de preenchimento do sujeito muito próximas às apresentadas na tabela 2.2. O estudo da autora também compara os resultados entre a fala e a escrita do PB que, por sua vez, são confrontados com os do PE.

No PB, quanto ao sujeito de referência definida de 3ª pessoa, as taxas gerais de implementação do pronome pleno na escrita (51%) se aproximam das taxas da fala culta (63%), embora se afastem das de fala popular (81%). No PE, entre as modalidades oral e escrita, há uma profunda diferença quantitativa: 27% de sujeitos expressos de 3ª pessoa na língua falada culta e 7% de sujeitos expressos na escrita padrão.

Quando os resultados do PB e PE são comparados, em relação ao sujeito de referência definida de 3ª pessoa, é significativa a distância que separa as duas variedades na fala culta (63% para o PB e 27% para o PE) e na escrita (51% para o PB e 7% para o PE). Mais uma vez é comprovado que o PE, ao evitar pronomes expressos, é uma variedade que configura uma gramática típica de língua de sujeito nulo ao contrário do PB, uma variedade com outra gramática, em que o sujeito exposto já se torna uma opção não-marcada.

No entanto, a tendência inovadora seguida pelos sujeitos de referência definida na escrita do PB não é acompanhada pelos sujeitos de referência arbitrária (Duarte, 2007b), uma vez que estes privilegiam a omissão do sujeito e estratégias de indeterminação quase extintas na fala dos não escolarizados e raras na fala dos cultos, revelando um comportamento mais conservador.

O estudo diacrônico de Cavalcante (1999), a partir de três gêneros textuais — editoriais, artigos de opinião e crônicas — mostra uma diferença no comportamento do sujeito arbitrário na escrita padrão do PB quanto às mudanças ocorridas na fala e aos gêneros selecionados.

Nos dados analisados, apenas 9% das ocorrências são sujeitos expressos. Os primeiros contextos a serem atingidos pelo preenchimento são justamente aquelas estratégias pronominais, como *a gente* e *você*, que se combinam com formas verbais sem marcas morfológicas distintivas, pois compartilham da mesma flexão número-pessoal (3ª pessoa). Esse caso é mais uma constatação que a morfologia verbal distintiva atua fortemente como inibidora do sujeito pleno conforme já havia argumentado Duarte (1993, 1995).

Cavalcante destaca também o comportamento diferenciado entre os gêneros textuais: as crônicas constituem um contexto mais sensível à implementação do sujeito pleno devido ao seu grau de formalidade ser menor do que os editoriais, gênero textual que revela uma grande preferência pelos sujeitos nulos. Portanto, as crônicas são os primeiros textos a permitirem a entrada de novas estratégias de indeterminação como o uso de *a gente* e *você*, formas ausentes nos editoriais e raras nos artigos de opinião.

No entanto, a estratégia de indeterminação preferencialmente utilizada na escrita, independentemente do tipo de texto, é o uso de *se* com um progressivo aumento ao longo dos séculos XIX e XX. O clítico *se* concorria, em meados do século XIX, com a primeira pessoa do plural *nós*, resultado também confirmado por Duarte & Lopes (2003:158) em cartas de leitores e redatores publicadas em jornais do mesmo século.

Em fins do século XX, os resultados de Cavalcante (1999) mostram que a frequência do uso de *se* chega a um percentual de 90% nos editoriais, 76% nos artigos de opinião e 36% nas crônicas enquanto a do uso de *nós* apresenta um percentual de 5% nos editoriais, sendo a segunda estratégia mais utilizada nos artigos de opinião e nas crônicas com 22% e 23%, respectivamente. A terceira pessoa do plural *eles* apenas aparece significativamente nas crônicas cujo percentual de 14% é menor do que o da estratégia de indeterminação *a gente* (17%).

Ao confrontamos esses resultados com os da fala, apresentados na seção anterior, alguns aspectos se mostram relevantes: (a) o distanciamento da escrita quanto às inovações atestadas na fala no tocante ao preenchimento do sujeito arbitrário (pleno, para a fala; nulo para a escrita) e ao tipo de estratégias de indeterminação mais utilizadas. Neste último caso, podemos citar o fato da “inversão” na distribuição das estratégias nas duas modalidades: na fala, as estratégias mais frequentes são as formas *você, eles, a gente* seguidas pelo uso quase raro de *se* e *nós*, sendo estas justamente as formas de indeterminação predominantes na escrita; (b) a influência do grau de formalidade e/ou do gênero textual na entrada dessas estratégias na escrita e (c) o aparecimento de estratégias de indeterminação na escrita já adotadas na fala como o uso de *nós, a gente* e *você*.

Em relação à representação do sujeito arbitrário, o que se observa, conforme já apontado por Cavalcante (1999), é a forte pressão normativa exercida pelas gramáticas na escrita, que prescrevem, como estratégias de indeterminação, apenas o uso de *se* e a terceira pessoa do plural. Com auxílio de Kato (1996), a autora aponta que estamos diante de duas gramáticas totalmente distintas: uma já internalizada, a gramática da fala, e outra “aprendida” na escola, a gramática da escrita.

### **2.3 Pesquisas sobre a ordem VS**

Nesta seção, decidimos retomar as pesquisas resenhadas em Spano (2002) por terem contribuído com importantes resultados para a caracterização do fenômeno da ordem VS no PB e acrescentar outros trabalhos mais recentes como os de Spano (2002), Santos & Duarte (2006) e Freitas Jr. (2007).

Sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista, com base em um *corpus* de língua falada do Rio de Janeiro, Lira (1986) encontra apenas 20% de ordem VS dos 1836 dados analisados. A ordem VS ocorre, predominantemente, com os verbos intransitivos, com 21% dos casos, seguidos dos verbos de ligação, com 8%, e dos transitivos com 0,8%.

A autora constata que certos tipos de intransitivos<sup>31</sup>, considerados apresentativos, (*acabar, acontecer, aparecer, cair, chegar, começar, ir, parar, passar, pintar, sair, vir*), são mais frequentes em construções com a ordem VS (66%) do que a ordem SV (29%).

Lira (1996) propõe, baseada nos estudos de Omena (1981 *apud* Lira, 1996) e Duarte (1986), que a raridade de ocorrências da ordem VS com verbos transitivos pode ser explicada pelo fato de o objeto, no PB atual, frequentemente ser realizado por um pronome lexical (forma nominativa do pronome em posição acusativa) ou por uma categoria vazia (apagamento do objeto). Esses dois tipos de realização do objeto estariam inibindo a ordem VS para evitar o aparecimento de construções ambíguas, uma vez que o sintagma pós-verbal em contextos transitivos poderia ser interpretado ora como sujeito ora como objeto.

Aliados ao fator do tipo de verbo, outros contextos relacionados a características do sintagma nominal são apontados por Lira (1986) como favorecedores da ordem VS. No tocante à estrutura do SN, os SNs representados por pronomes indefinidos, embora sejam pouco comuns nos dados, apresentam um peso relativo de .77 de ordem VS. Devido ao efeito bastante significativo dos pronomes indefinidos sobre a ordem VS, a autora decide investigar a definitude do SN a partir de uma análise do uso do artigo e acaba por encontrar um percentual relevante (76%) de sintagmas antecidos por artigos indefinidos na ordem VS. Esses resultados evidenciam que a indefinidade atua fortemente na ordem VS.

---

<sup>31</sup> Os verbos arrolados como apresentativos pela autora são, na realidade, verbos inacusativos. Nesta seção, mantenho empregada pelos autores distinção de dois tipos de intransitivos foi proposta por Burzio (1986), que divide a classe dos verbos monoargumentais em inergativos (intransitivos) e inacusativos (v. seção 1.3, p.32).

O segundo tipo de estrutura associado à ordem VS, com o peso relativo de .69, são os SNs coordenados. Nesse caso, portanto, está envolvido o tamanho do SN. Como são constituintes mais “pesados”, “longos”, tendem, com mais frequência, a aparecer após o verbo.

Com relação ao estatuto informacional, Lira parte da oposição clássica na literatura entre referente “novo” e “dado”, este tendo uma referência no discurso anterior, e aquele, uma referência, como sugere o termo, ausente no discurso até o momento da sua menção. A autora constata que os sintagmas nominais que introduzem informação nova no discurso tendem, com bastante frequência, a aparecer após o verbo.

Além da indefinidade e da “novidade”, a inanimacidade do sintagma nominal apresenta-se como mais um traço que influencia a variação da ordem SV/VS. Na amostra de Lira, os sujeitos inanimados favoreceram fortemente a ocorrência da ordem VS ao contrário dos animados. A autora ainda observa que, com exceção de duas ocorrências, todos os sujeitos animados são humanos.

Pontes (1986), ao retomar estudos seus anteriores sobre a posposição do sintagma em textos orais (diálogos espontâneos) e em textos escritos (década de 80), constata que os seus resultados coincidem com os de Lira. A posposição ao verbo é predominante com verbos intransitivos, principalmente os apresentativos e os existenciais, e com sintagmas inanimados e veiculadores de informação nova.

Sob uma perspectiva funcionalista, o estudo de Votre & Naro (1986), revisto e ampliado em Naro & Votre (1999), mostra que as propriedades das construções VS, como, por exemplo, o estatuto informacional, estão relacionadas às suas funções comunicativas no discurso que, por sua vez, definem a escolha entre a ordem SV e VS. Segundo os autores, no



discurso, toda a informação apresenta um pólo, ou seja, um ponto de referência sobre o qual recai o foco da atenção do falante, o elemento central da comunicação.

No caso da ordem VS, em aproximadamente 400 dados da fala coloquial do Rio de Janeiro<sup>32</sup>, levantados de narrativas, Votre & Naro (1986) verificam que todos os sintagmas nominais apresentam uma informação não-polar, isto é, secundária no discurso. Observe-se a seguinte ocorrência exemplificada no seu estudo (*op. cit.*, p. 458):

(86) “Foi o cara, sabe? Ele estava perdido, assim. **Apareceu uns homens** [*sic*]. Aí, ele brigou, brigou. Aí ele não conseguiu, sabe, não conseguiu liquidá-los.” (grifo acrescentado)

Nesse exemplo, em que se fala sobre um filme de Kung Fu, o pólo de informação centra-se no constituinte *o cara*, sendo retomado pelo pronome *ele* nas demais sentenças, mesmo depois da menção de “*Apareceu uns homens*”. Para os autores, esta oração funciona discursivamente como um comentário, utilizada para contextualizar a informação central da mensagem. Devido a esse aspecto, classificam o sintagma presente na ordem VS como “sintagma de baixa polaridade” ao contrário dos SNs da ordem SV, que tendem a ser polares (centro da informação).

Essa constatação leva os autores a discordarem do caráter apenas apresentativo da ordem VS em que o referente posposto é tradicionalmente associado à informação “nova” no discurso<sup>33</sup>. Com o intuito de defenderem a sua posição, eles analisam o estatuto informacional do SN posposto de acordo com quatro categorias, *evocado*, *disponível*, *parcialmente novo* e *completamente novo* estabelecidas a partir das noções clássicas de “novo” e “dado” e de conceitos propostos por Prince (1980).

---

<sup>32</sup> A Amostra Censo é composta de falantes (homens e mulheres) de diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, distribuídos em quatro faixas etárias (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos de idade) e de três níveis de escolarização (primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental e Ensino Médio).

<sup>33</sup> Essa discussão é retomada em Berlinck (1997).

O conceito de referente “dado” foi desmembrado em duas categorias: **evocados** e **disponíveis**. Os evocados apresentam uma referência anterior no discurso que pode ser com ou sem a mesma lexicalização. Os disponíveis são os referentes que, mesmo sem serem previamente mencionados no discurso, são “prontamente acessados pelo ouvinte”. Neste grupo, os autores incluem referentes de “existência única” ou com uma função específica, como “o sol”, “o Ministro da Previdência”; referentes “irrelevantes” para o prosseguimento do discurso como, por exemplo, os indefinidos e os referentes inferíveis com base no conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Para o conceito de referente “novo”, os autores apresentam também duas categorias. Os **parcialmente novos** são os referentes que “não estão presentes e nem disponíveis no discurso”, mas são introduzidos por um tipo de conexão que pode ser feita, por exemplo, por um referente evocado ou disponível (advérbios, adjetivos). Os referentes **completamente novos** são os elementos ausentes no discurso até serem mencionados.

Após a categorização dos dados, os autores encontram a seguinte distribuição:

CATEGORIAS	SV		VS	
	Oco.	%	Oco.	%
Completamente novo	0	—	5	2,89
Parcialmente novo	19	12,6	54	30,7
Disponível	35	23,2	67	38,19
Evocado	97	64,2	50	28,1
<b>TOTAL</b>	151		176	

**Tabela 2.3: Distribuição das ocorrências, segundo o estatuto informacional do SN (adaptação da tabela 1 de Votre & Naro, 1986: 469)**

Conforme se observa, na posposição do SN, os resultados mostram a raridade de ocorrências com referentes “completamente novos” e a possibilidade de ocorrências com referentes “dados”, tanto evocados quanto disponíveis, sendo estes dois tipos mais comuns na amostra. Atente-se para o seguinte exemplo do estudo de Votre & Naro (1989, p. 460):

- (87) “De noite eu ia para ali perto do \_\_\_ na Rua Riachuelo, né? Tinha um depósito de jornal O Dia. Comprava o jornal, ia pra Copacabana, vender dentro dos ônibus. Aí, quando dava assim três e meia, mais ou menos, **acabava o jornal**. Aí quatro horas pegava o trem para Japeri.” (grifo acrescido)

Em (87), notamos que o sintagma “*o jornal*” não é um elemento novo introduzido no discurso, mas um elemento já mencionado anteriormente, classificado como evocado nos termos de Votre & Naro (1986).

Dessa forma, Votre & Naro (1986) trazem evidências que contradizem o estatuto informacional “novo” do SN como sendo condicionador de ordem VS. Para os autores, a ocorrência da ordem SV/VS é determinada pela propriedade discursiva da polaridade: se a informação é central na comunicação, o SN é polar e tende a ser anteposto ao verbo; se é periférica, o SN é não-polar (de baixa polaridade) e tende a ser posposto.

No entanto, convém destacar algumas considerações a respeito dos exemplos (86) e (87), retomados aqui, e de outros dados (88-90) retirados do estudo dos autores (Naro & Votre, 1999):

- (86) “Foi o cara, sabe? Ele estava perdido, assim. **Apareceu uns homens** [*sic*]. Aí, ele brigou, brigou. Aí ele não conseguiu, sabe, não conseguiu liquidá-los.” (Votre & Naro, 1986: 458) (grifos acrescidos)
- (87) “De noite eu ia para ali perto do \_\_\_ na Rua Riachuelo, né? Tinha um depósito de jornal O Dia. Comprava o jornal, ia pra Copacabana, vender dentro dos ônibus. Aí, quando dava assim três e meia, mais ou menos, **acabava o jornal**. Aí quatro horas pegava o trem para Japeri.” (Votre & Naro, 1986: 460)
- (88) “Aí o motorista ia entrar para a gente chegar ali no ponto de Antares. **Aí vinha outra Kombi**. Aí ele não ligou a seta, sabe? Ele foi entrar, aí a outra Kombi bateu na Kombi dele.” (Naro & Votre, 1999: 80)

(89) “Aqui na minha rua já **sumiu** carro.” (Naro & Votre, 1999: 95)

(90) “**Sumiram** esses homem [*sic*] todo que botaram.” (Naro & Votre, 1999: 96)

Conforme observamos, em todos os exemplos, a ordem VS é introduzida por um verbo inacusativo cuja estrutura argumental, como vimos no Capítulo 1 (seção 1.3, p.32), é a presença de um argumento interno na posição de objeto, ou seja, depois do verbo. Dessa forma, os inacusativos exibem a ordem VS, como sua ordem básica e expressam o seu caráter apresentacional, em que toda a frase constitui informação nova no discurso (Inês Duarte, 2003 p.319-20)<sup>34</sup>. Nessa perspectiva, adotada por diversos autores (Berlinck, 1989; 1995, Coelho, 2000; Spano, 2002 entre outros), tanto o componente sintático (estrutura argumental do verbo) quanto o componente discursivo devem ser considerados como fatores condicionadores na determinação da ordem VS, embora, em algumas línguas, como o italiano, por exemplo, o fator discursivo exerce o papel principal no licenciamento da ordem VS (Belletti, 2001).

No entanto, devido à abordagem funcionalista adotada por Naro & Votre (1999), eles não consideram a estrutura argumental do verbo ou qualquer outro fator sintático como condicionadores da ordem VS. Os autores acreditam que a motivação da ordem VS/SV reside nos seus papéis discursivos/pragmáticos. Dessa forma, a função comunicativa, a que está associada o tipo de ordem VS (informação periférica) e SV (informação central), determina o uso freqüente da ordem VS com verbos intransitivos (inacusativos) e o uso raro da ordem VS com verbos transitivos:

---

<sup>34</sup> A ordem VS com verbos inacusativos envolve outros fatores (tipo de inacusativo, definitude, item lexical) que serão comentados mais adiante, ao apresentarmos os estudos de Coelho (2000), Spano (2002), Santos & Duarte (2006).

“[...] a limitação da ordem VS aos verbos intransitivos [...] é simplesmente uma consequência prática da finalidade [informação periférica] para qual a ordem VS é usada na comunicação: a natureza altamente focal [informação central, ordem SV] dos verbos transitivos, em geral, torna o seu uso impróprio em trechos do discurso apresentados como periféricos para o centro da atenção.” (NARO & VOTRE, 1999, p. 100) [minha tradução]<sup>35</sup>

Outro estudo que merece também ser citado é o de Zilles (2000). A autora investiga a ordem VS em uma amostra do português falado no Rio Grande do Sul em quatro comunidades das quais três apresentam línguas de contato (espanhol, alemão e italiano).

Mesmo com essa peculiaridade lingüística, a análise dos dados, realizada separadamente para cada localidade, revela resultados similares a outras pesquisas já comentadas neste estudo, entre os quais o baixo percentual da ordem VS (apenas 5% dos dados em cada cidade) e os fatores relacionados à ordem VS, em especial a realização e animacidade do SN e o tipo de verbo.

Segundo os resultados, o elemento posposto tende a ser expresso por SNs plenos ou por pronomes indefinidos, sendo restrito com pronomes pessoais retos. Além disso, os SNs são predominantemente inanimados. Quanto à transitividade, os contextos com verbos intransitivos são os favorecedores da ordem VS ao contrário dos contextos com verbos transitivos, que correspondem, aproximadamente, a 2% dos dados de cada cidade. Nestes últimos, os poucos casos são as construções passivas sem agente expresso (“aí foi construída uma ponte”) e os verbos *dicendi* (“diz ela assim pra mim.”).

Examinemos agora outra valiosa contribuição para o tema aqui tratado: a da pesquisa de Coelho (2000) sobre as construções com verbos de um único argumento, no português falado da região de Florianópolis, num enfoque sociolingüístico associado a um modelo teórico

---

<sup>35</sup> “[...] limitation of VS to intransitive verbs [...] is simply a practical consequence of the purpose for which VS is used in communication: highly focused nature of transitive verbs makes them unsuitable for use in portions of discourse presented as peripheral to the center of attention.”

gerativista. A autora aponta uma restrição sintático-semântica entre os verbos de um argumento quanto ao uso da ordem SV e VS.

No tratamento estatístico das 2033 construções declarativas monoargumentais, Coelho verifica que os fatores mais significativos no condicionamento da ordem VS são a natureza do verbo e a natureza semântica do SN.

Para a natureza do verbo, são levantados o tipo categorial do verbo e a sua composição semântica. O primeiro aspecto é caracterizado a partir da proposta de Burzio (1986) que classifica os verbos monoargumentais em *intransitivos* (“*Eu viajei a noite toda*”) e *inacusativos* (“*capacidade eu tenho, agora falta estudo*”). Quanto ao segundo aspecto, é utilizada a tipologia de Jackendoff (1976, 1987) que, em linhas gerais, trabalha com as relações semânticas estabelecidas pelos verbos (existenciais, locativos, de ação e de mudança ou permanência de estado) bem como as relações temáticas (agente, tema) entre o verbo e o seu argumento.

Na caracterização da natureza semântica do SN, Coelho parte dos estudos de Belletti (1988) sobre os traços de definitude e de Enç (1991) sobre os de especificidade. Esses dois traços semânticos envolvem as relações de identidade — identificação do SN com outro referente pré-mencionado — e de inclusão — referência a uma parte de um conjunto previamente mencionado, denominada “leitura partitiva” — que o SN mantém com o discurso precedente. Dessa forma, é formulada a seguinte classificação:

(i) [+ **definido**] [+ **específico**]: Referem-se aos SNs previamente mencionados ou inferidos no discurso.

(91) “Chegou um telegrama pra ti urgente. (...) O telegrama veio de Criciúma.”

(ii) [+ **definido**] [– **específico**]: Referem-se aos SNs que não são identificados com outro referente pré-estabelecido, mas podem ser uma parte de um conjunto pressuposto.

(92) “(Fala do Plano Cruzado) Eu acho que saiu o dinheiro todo de circulação.”

(iii) [– **definido**] [– **específico**]: Referem-se aos SNs que são introduzidos no discurso pela primeira vez; SNs “novos”.

(93) “Chegou um telegrama pra ti urgente. (...) O telegrama veio de Criciúma.”

No que tange aos resultados encontrados no cruzamento desses dois fatores, Coelho observa que a natureza do verbo é um dos grupos de fatores de maior influência na determinação da ordem SV/VS. Independentemente de fatores semânticos, os contextos intransitivos são inibidores da ordem VS ao passo que os contextos inacusativos, verbos ainda produtivos nessa ordem, permitem uma maior variação da ordem devido à atuação dos traços de definitude e especificidade sobre o SN bem como o seu papel temático de [+ /– agente].

Entre as construções inacusativas, os verbos que indicam uma ação (*chegar, sair, vir*) e selecionam um argumento [+ agentivo] são desfavorecedores da ordem VS. Segundo Coelho, esse papel temático deve obrigar o alçamento do SN da posição de argumento interno para uma posição onde recebe caso nominativo. Dado o aspecto da agentividade ser comum também com os verbos intransitivos, a autora conclui que o papel temático de agente do SN é um dos fatores determinantes da ordem SV. Ao contrário desses inacusativos, os inacusativos existenciais (*existir, haver, ter*) são favorecedores da ordem VS, e seus SNs são preferencialmente marcados pelos traços [– definido] [– específico].

Além desses dois tipos de inacusativos, há um grupo composto pelos verbos indicadores de ação (*chegar, sair, vir*) com argumento [– agentivo] e pelos verbos indicadores de mudança (*nascer, aparecer, acontecer*) ou permanência de estado (*permanecer, ficar, estar*) que apresentam uma maior variação da ordem (SV/VS). Neste grupo, como já foi apontado, há uma forte correspondência entre a natureza do verbo e a natureza semântica do SN para a determinação da ordem: os SNs marcados com os traços [– definido] [– específico] aumentam as ocorrências da ordem VS diferentemente dos traços [+ definido] [+ específico] que diminuem o número de sintagmas pospostos. Uma outra característica semântica constatada é a realização do SN pós-verbal, preferencialmente, como tema.

Seguindo o estudo de Coelho (2000), Spano (2002) trabalha o fenômeno da ordem VS em construções declarativas monoargumentais, com três amostras de fala culta (PB, décadas

de 70 e 90 e PE, década de 90), à luz da Sociolinguística “Paramétrica” (Duarte, 1999), tendo como objetivos principais: (a) caracterizar os contextos correlacionados à ordem SN V e V SN nas amostras; (b) apontar possíveis semelhanças e/ou diferenças relativas a essa estrutura nas duas variedades e (c) confirmar ou não a diferenciação do parâmetro da ordem V SN no PB e no PE.

A análise dos dados revela que há mais semelhanças do que diferenças entre o PB e o PE quanto ao comportamento da ordem VS quando se consideram os verbos monoargumentais: a significativa predominância da ordem SV e a restrição de uso da ordem VS, em aproximadamente 30% dos dados, a certos tipos de verbos monoargumentais. Tais resultados não possibilitaram, portanto, a confirmação da diferenciação nas variedades estudadas, mas permitiram interessantes refinamentos de análises já realizadas sobre o tema (Lira 1986, 1996; Andrade Berlinck, 1995 e Coelho, 2000).

Os resultados de Spano (2002) confirmam os de Coelho (2002): o posicionamento do SN está fortemente associado à categoria sintático-semântica do verbo, que englobou dois grupos fatores: a categoria sintática (intransitivos, inacusativos e verbos de movimento) e a categoria semântica do verbo (noções semânticas de estado, mudança de estado, ação e as funções temáticas de agente e tema). Na categoria sintático-semântica do verbo, incluem-se os seguintes grupos:

**(i) verbos intransitivos de ação:** São os verbos que descrevem um ato volitivo, porém sem o deslocamento espacial do argumento, ou uma experiência de algum estado psicológico ou físico. Estão inclusos os verbos *acordar, chorar, dormir, rir, tremer*.

(94) Então ele [o Beto] almoça lá pela cidade. (PB 90)

**(ii) verbos intransitivos com deslocamento concreto:** São os verbos que expressam um deslocamento espacial (concreto) do argumento, tais como, *andar, correr, passear*.

(95) [...] a mulherzinha da limpeza andava lá no trabalho dela [...] (PE 70)



(iii) **verbos de movimento com deslocamento concreto:** São os verbos de movimento (*chegar, entrar, ir, passar, sair, ir*) que apresentam o seu sentido prototípico de deslocamento espacial do argumento cuja função temática pode ser de *agente* ou *tema*.

(96) “[...] e havia uma coisa hoje, que se, que se repete hoje, e que eu vi há dias muito bem repetido na peça da Eva, “Chiquinha Gonzaga”, que se chamava o zé-pereira. Vinha um, um cidadão com um vastíssimo tambor, seguro ao pescoço, tocava o tal tambor, então a criançada toda vinha à volta [...]” (PB 70)

(iv) **verbos de movimento com sentido inacusativo:** São os verbos de movimento que se distanciam do seu sentido prototípico de deslocamento e assumem o sentido de um verbo inacusativo que expressa uma mudança de estado (sem o deslocamento físico do argumento).

(97) “[...] eles fazem a casa assim: na frente tem um pequeno jardimzinho, aí tem uma entrada lateral, com uma varandinha, [...] depois vem um corredor comprido, aí vem, quarto, quarto, quarto, com aquelas, portas, sabe, [...] depois vinha a outra sala [...] vem o banheiro, vem a cozinha né, tudo, tudo separado [...]” (PB 90)

(v) **verbos inacusativos de mudança de estado:** São os verbos inacusativos prototípicos que expressam uma mudança de estado sem o deslocamento físico do argumento (*acontecer, aparecer, começar, ocorrer, surgir*).

(98) “[...] inda aqui há tempos apareceu aqui uma mulher com um problema [...]” (PE 70)

(vi) **verbos inacusativos de permanência de estado:** São um tipo específico de verbo inacusativo que expressa persistência de um estado (*imperar, predominar, funcionar*).

(99) “[...] eu acho que eles [os adolescentes] hoje, decididamente eles se vestem, não aceitam, pode haver uma opinião aqui mas no final prevalece a opinião deles na nossa época era o contrário [...]” (PB 90)

Esse grupo de verbos, denominado “construções inacusativas não-existenciais”, foi analisado separadamente das construções existenciais (*existir, ter, haver*) porque, nestas construções, se concentravam os dados da ordem VS em mais de 70% nas três amostras, o que poderia causar uma distorção nos dados. Além disso, são estruturas que apresentam um maior grau de rigidez quanto ao posicionamento do SN na ordem VS, com mais de 93% dos dados, tanto no PB (70 e 90) quanto no PE (90).

Spano (2002) verifica que as construções inacusativas não-existenciais mostram um comportamento diferenciado quanto à colocação do SN na frase, porém semelhante em

relação às três amostras analisadas. As construções com verbos intransitivos (de ação e de deslocamento concreto)<sup>36</sup> são contextos mais associados à ordem SV, independentemente do traço [-definido] do argumento externo.

O grupo dos verbos de movimento pode estar associado à ordem VS ou à ordem SV de acordo com o seu tipo semântico: os de movimento abstrato, por assumirem o sentido de um verbo inacusativo, apresentam preferencialmente a ordem VS; os de movimento concreto, por outro lado, exibem preferencialmente o posicionamento do SN antes do verbo.

Esses resultados atestaram uma das hipóteses da pesquisa da autora: os verbos de movimento com sentido inacusativo constituem um ambiente mais propício à posposição do que os de movimento com o sentido prototípico de deslocamento concreto, mais associados à ordem SV.

No caso dos inacusativos, aqueles indicadores de uma mudança de estado ou, em outros termos, os verbos prototipicamente inacusativos, são os contextos que ainda favorecem a ordem VS, diferentemente dos indicadores de permanência de estado, um tipo de verbo inacusativo mais propício à ordem SV.

De um modo geral, o comportamento heterogêneo das construções monoargumentais (v. Lira 1986, 1996; Andrade Berlinck, 1995 e Coelho, 2000) permite observar um *continuum* que vai desde contextos mais associados à ordem VS (construções inacusativas existenciais, de mudança de estado, construções de movimento (sentido inacusativo)) até contextos mais associados à ordem SV (construções intransitivas, construções de movimento com deslocamento concreto, inacusativas de permanência de estado)

Vejamos, na tabela abaixo, a distribuição da ordem VS pelas categorias sintático-semânticas do verbo de acordo com o número de dados, em cada amostra:

---

<sup>36</sup> Neste grupo, incluímos os casos dos verbos intransitivos indicadores de movimento (*andar, correr, passear*) por apresentarem o mesmo comportamento que os intransitivos indicadores de ação.

CATEGORIA SINTÁTICO-SEMÂNTICA	PE 70		PB 70		PB 90	
	Apl./T	%	Apl./T	%	Apl./T	%
<b>Inacusativas existenciais</b>	83/87	95%	431/458	94%	257/266	97%
<b>Movimento (sentido inacusativo)</b>	4/8	50%	34/39	87%	14/20	70%
<b>Inacusativo (mudança de estado)</b>	6/15	40%	72/145	50%	67/128	52%
<b>Movimento (desloc. concreto)</b>	12/37	32%	20/157	13%	20/172	12%
<b>Inacusativo (permanência)</b>	0	0%	2/13	15%	1/8	13%
<b>Intransitivo (ação)</b>	2/16	13%	5/104	5%	2/81	2%
<b>Total</b>	<b>24/76</b>	<b>32%</b>	<b>133/461</b>	<b>29%</b>	<b>104/426</b>	<b>24%</b>

**Tabela 2.4: Distribuição da ordem VS, segundo a categoria sintático-semântica do verbo, nas amostras do PE 70, PB 70 e PB 90**

Spano (2002) constata também, tal como Andrade Berlinck (1995) e Coelho (2000), que a ordem V SN não está associada apenas à categoria sintático-semântica do verbo. A atuação dos traços do SN, tais como a definitude e o estatuto informacional, também é importante na marcação da ordem V SN: SNs marcados com os traços [- definido], [novo] apresentam uma maior tendência de aparecerem pospostos ao contrário dos SNs marcados com os traços [+ definido] [dado].

Diferentemente das outras pesquisas, Santos & Duarte (2006), investigam a ordem VS exclusivamente com verbos inacusativos utilizando, além de amostras de fala carioca popular, em dois períodos de tempo (início dos anos 80 e anos 2000), uma amostra de língua escrita padrão, constituída de textos (crônicas, reportagens e artigos de opinião), publicados em dois jornais cariocas, entre os anos de 2002 e 2004.

Na fala popular, nos anos 80, a porcentagem de ordem VS é 41% ao passo que nos anos 2000, houve um aumento considerável de 9%, tornando os percentuais idênticos à ordem SV (50%). Por sua vez, na escrita padrão, a ordem VS é de 38%, ocorrendo, portanto, o predomínio da ordem SV (62%) nos verbos inacusativos. Uma explicação das autoras para esse predomínio é o fato de o argumento interno do verbo inacusativo está mais restrito aos traços [+novo] [-definido] [-animado] na ordem VS do que da ordem SV.

Outra contribuição importante desse estudo é a relevância de um novo grupo de fatores na análise da ordem VS com verbos inacusativos: o “item lexical”, em que os verbos são agrupados, grosso modo, de acordo com sua sinonímia, com o intuito de verificar sua frequência na ordem VS. Tal grupo de fatores foi selecionado tanto para a fala<sup>37</sup> quanto para escrita como condicionador da ordem VS.

Com base no peso relativo, entre os itens lexicais, na fala, o único grupo de verbos que desfavorece a ordem VS é *crescer, nascer e morrer* (.22) ao passo que todos os outros aparecem predominantemente na ordem VS: *começar* (.84); *existir* (.79); *aparecer/surgir* (.69); *acontecer/ocorrer* (.63) e *acabar/terminar* (.63). Na escrita, os itens lexicais mais associados à ordem VS são *faltar/bastar/sobrar* (.84); *existir* (.79); *aparecer/surgir/chegar* (.66). Numa posição intermediária, estão *subir/cair/circular* (.44); *acontecer/ocorrer* (.44), seguidos dos grupos que desfavorecem a ordem VS: *acabar/terminar* (.27) e *crescer, nascer e morrer* (.22). São depreendidos, nas duas modalidades, itens comuns quanto à ordem VS como *existir, aparecer/surgir* e quanto à ordem SV *crescer, nascer e morrer*.

Convém também destacar o estudo funcionalista de Freitas Jr. (2007) que traz outro tipo de contribuição aos estudos da ordem VS. Ao analisar a questão da transferência da ordem VS no PB (língua materna) para a aquisição do inglês como segunda língua (L2), ele constata que os alunos, principalmente os de nível básico<sup>38</sup>, ao escreverem textos narrativos, empregam a ordem VS nos mesmos contextos em que a usariam português, ou seja, nos contextos monoargumentais<sup>39</sup>, especificamente, com verbos inacusativos, com uso frequente dos itens verbais *to appear* (100) e *to happen* (101), e verbos cópula.

---

<sup>37</sup> No texto, não está claro o fato de as amostras da fala serem analisadas separadamente ou não.

<sup>38</sup> Para definir o nivelamento dos alunos, o autor utiliza, como critério, o tempo de exposição ao idioma: (a) nível básico (exposição de até 2,5 anos), (b) nível intermediário (de até 4,5 anos) e (c) nível avançado (de até 7 anos).

<sup>39</sup> No seu texto, autor emprega apenas os termos *verbo intransitivo* e *verbo cópula*.

Em inglês, tais construções se tornam agramaticais, porque é obrigatória a presença de um sujeito lexical ou de um sujeito expletivo como *there* ou *it* antes do verbo. Além disso, a ordem VS no inglês, como vimos, é bastante restrita, sendo produtiva em construções de ILs (PPVS).

(100) “When we were coming back appeared a thief and stilling the Bank Itaú the police arrived and arrested them” (nível básico) [grifo acrescido]  
 “Quando estávamos voltando apareceu um ladrão e roubando o Banco Itaú a polícia chegou e prenderam eles.”

(101) “But again, in the middle of the trip happened another thing that changed their lives again, but this time was a very good thing.” (nível intermediário) [grifo acrescido]  
 “Mas novamente, no meio da viagem, aconteceu outra coisa que mudou suas vidas outra vez, mas agora foi uma coisa muito boa.”

Para o autor, em linhas gerais, o aluno está transferindo da língua materna, ou seja, do PB uma estratégia discursiva de orações intransitivas, que constituem informação periférica no discurso, tal como propõe Naro & Votre (1999), e não um padrão de ordem VS (uma estrutura gramatical) presente no PB.

Passemos agora para duas importantes pesquisas realizadas por Andrade Berlinck (1989, 1995) que são referências diacrônicas valiosas para os trabalhos sincrônicos sobre o comportamento da ordem VS.

Sob o enfoque sociolingüístico, Andrade Berlinck (1989) desenvolve um estudo que utiliza três *corpora* que correspondem a três períodos de tempo. Para os séculos XVIII e XIX, a autora trabalha com textos escritos e, para o século XX, com textos orais, especificamente com a fala de jovens entre 20 e 30 anos (década de 80), naturais de Curitiba, de nível universitário.

Seus resultados revelam que, na passagem de um momento estudado para o outro (século XVIII a XX), há uma queda da ordem VS nas construções declarativas: de uma frequência 42% de VS no século XVIII (passando por 31% no século XIX) para 21% no século XX. Tal fenômeno, segundo a autora, está condicionado, principalmente, a um fator

discursivo, em um primeiro momento, e a um fator formal, em um segundo momento. No século XVIII, o grau de “novidade” do referente do SN é o primeiro fator selecionado que define a posposição do SN ao verbo, ao passo que, no século XX, é a transitividade do verbo que determina essa posposição.

A transitividade é um fator tão relevante na determinação da ordem SV/VS que, segundo a autora, a animacidade do sintagma nominal, terceiro fator selecionado na amostra sincrônica, é uma propriedade que se encontra vinculada e especificada pela grade temática do verbo.

Na tabela a seguir, são apresentados os resultados da ordem VS nos três momentos estudados, segundo a transitividade do verbo:

	SÉCULO XVIII		SÉCULO XIX		SÉCULO XX	
<b>TRANSITIVIDADE</b>	<b>Oco.</b>	<b>%</b>	<b>Oco.</b>	<b>%</b>	<b>Oco.</b>	<b>%</b>
<b>Intransitivo existencial</b>	14/14	100	30/31	97	322/326	99
<b>Intransit. não-existencial</b>	40/68	59	36/76	47	127/272	46
<b>Verbo de ligação</b>	67/144	47	40/133	30	107/456	23
<b>Expressão fixa</b>	16/34	47	9/32	28	10/76	13
<b>Transitivo direto</b>	27/79	34	33/91	36	8/91	8
<b>Transitivo indireto</b>	40/118	34	20/96	21	11/343	3
<b>Bitransitivo</b>	13/43	30	6/41	15	0/22	0

**Tabela 2.5: Frequência da ordem VS, segundo a transitividade dos verbos, nos três momentos históricos (adaptado de Andrade Berlinck, 1989: 102)**

Observamos que os contextos com verbos transitivos, com mais de um argumento, tornam-se, com a passagem dos séculos, mais avessos à ordem VS ao contrário dos intransitivos, verbos com um único argumento.

Para Andrade Berlinck (1989), o decréscimo do uso da ordem VS e a sua restrição a verbos de apenas um argumento nas sentenças declarativas evidenciam que a ordem (SV) dos constituintes na frase está atualmente mais fixa no PB. Dado esse enrijecimento, a posição

que cada elemento ocupa na frase passa a ter um papel fundamental na marcação da sua função sintática. Logo, tal como foi apontado por Lira (1996), nas construções transitivas, por exemplo, em que normalmente o elemento anteposto ao verbo é interpretado como sujeito e o posposto, como objeto, a posposição do SN sujeito pode gerar, com mais frequência, uma interpretação sintática ambígua por existirem dois elementos após o verbo.

A possibilidade maior de ambigüidade sintática da ordem VS em contextos transitivos é uma das explicações que Andrade Berlinck (1989) apresenta para o baixo percentual dessa ordem no *corpus* do século XX (v. tabela 2.5). Entretanto, a autora chama-nos atenção para o fato de, nos séculos XVIII e XIX, a ordem VS apresentar uma frequência significativa nas construções transitivas. Segundo ela, o aumento da ocorrência de ambigüidade nos contextos transitivos e, conseqüentemente, a perda da flexibilidade da ordem são decorrentes de um conjunto maior de mudanças ocorridas em outras áreas da gramática do PB.

Para tanto, Andrade Berlinck parte de uma análise diacrônico-comparativa entre os seus dados relativos à ordem VS com verbos transitivos e os dados da pesquisa de Tarallo (1983) sobre o apagamento do objeto anafórico no PB. A autora verifica que há um aumento da frequência do objeto nulo, sendo este predominante no *corpus* sincrônico (1982) e paralelamente a diminuição da frequência da ordem VS com verbos transitivos.

Essa constatação realizada por meio de uma análise diacrônica reforça o que já havia afirmado Lira (1996): o objeto nulo está desfavorecendo a ocorrência da ordem VS porque, nesses contextos, o elemento posposto pode ser interpretado sintaticamente ou como sujeito ou como objeto o que não ocorre nos casos em que são usados os clíticos acusativos de terceira pessoa, pouco produtivos no PB (v. Omena, 1978 e Duarte, 1986). Dessa forma, Andrade Berlinck (1989: 107) acredita que “[...] uma língua com um sistema clítico rico e produtivo na fala permita uma liberdade maior na ordenação dos constituintes na sentença.”

No trabalho diacrônico de 1995, Andrade Berlinck apresenta um estudo sobre a ordem VS tanto em construções monoargumentais quanto pluriargumentais, com base em textos escritos de peças de teatro de autores brasileiros e portugueses. Os resultados gerais apontam para uma predominância acentuada da ordem SV no conjunto dos dados com apenas 13% de ordem VS para o PB e 18% para o PE do século XX.

A diferenciação entre as duas variedades do português está na possibilidade de apenas o PE ainda pospor o SN em contextos pluriargumentais na configuração VSX ao contrário do PB. No caso das construções monoargumentais, tanto o PB quanto o PE modernos apresentam o mesmo comportamento embora a ordem VS seja mais acentuada no PE.

Em relação às variedades modernas do PB e do PE, a autora atesta a heterogeneidade das construções monoargumentais inicialmente observada por Lira (1986). Com base em Burzio (1986), Andrade Berlinck (1995) distingue dois tipos de intransitivos, os intransitivos ergativos (inacusativos) e intransitivos inergativos (intransitivos) verifica que os contextos inacusativos são mais propícios à ordem VS do que os verbos intransitivos, associados à ordem VS.

Com base nos resultados dos estudos expostos, é possível observar algumas tendências relativas ao fenômeno da ordem VS no PB.

A ordem VS mostrou-se pouco produtiva nos *corpora* analisados o que pode ser explicado a partir da pesquisa diacrônica de Andrade Berlinck (1989), que aponta um maior enrijecimento da ordem dos constituintes decorrente de outros fenômenos lingüísticos que estão em mudança no PB como, por exemplo, a redução do quadro dos clíticos (v. Omena, 1978; Duarte, 1989), posição também defendida por Tarallo & Kato (1988).

Devido a essa rigidez, foi verificado que os contextos favorecedores da ordem VS são os verbos que apresentam apenas um argumento. A esse fator, estão associados determinados traços semânticos do SN relativos às duas possibilidades de ordenação dos quais se destacam



[- definido] [- agentivo] [+novo] do SN posposto ao contrário do anteposto, [+definido] [+agentivo].

Um outro aspecto relevante inicialmente apontado por Lira (1986) é a diferença de comportamento dentro do próprio grupo de verbos monoargumentais quanto à ordem SV e VS que foi confirmada no trabalho de Andrade Berlinck (1995), de Coelho (2000) e Spano (2002).

Baseada principalmente na proposta de classificação de Burzio (1986) que divide os verbos monoargumentais em intransitivos e inacusativos, Andrade Berlinck (1995) verifica que os contextos inacusativos são mais propícios à ordem VS do que os verbos intransitivos, associados à ordem VS. Os verbos inacusativos são justamente aqueles que, em pesquisas anteriores a da autora (Lira, 1986; Pontes, 1986; Votre & Naro, 1986), são tradicionalmente classificados como intransitivos apresentativos e existenciais.

Ao se dedicar exclusivamente à análise de contextos de um único argumento, Coelho (2000) revela que os verbos intransitivos desfavorecem a ordem VS independentemente de fatores semânticos, ao passo que os inacusativos apresentam uma maior variação na ordem devido, entre outros fatores, aos traços de definitude e especificidade do SN. Resultados semelhantes são atestados em Spano (2002), que também observa o comportamento heterogêneo das construções monoargumentais quanto à realização da ordem VS tanto no PB quanto no PE.

O comportamento heterogêneo não está somente entre os tipos de verbos inacusativos mas também entre os itens lexicais que compõem esses grupos. Santos & Duarte (2006) mostram que certos itens lexicais, como *existir*, *aparecer/surgir*, ocorrem predominantemente com a ordem VS enquanto que outros, como *crescer*, *nascer* e *morrer*, com a ordem SV.

Outro dado revelador está na pesquisa funcionalista de Freitas Jr. (2007). Durante o processo de aprendizagem do inglês (L2), os alunos brasileiros transferem, ao escreverem

narrativas, o padrão de ordem VS presente no PB com verbos de um argumento, especificamente, os inacusativos. Como é uma língua de sujeito obrigatório, a ordem VS é agramatical nesses contextos, estando limitada a construções, principalmente, de “Inversão Locativa” (PPVS).

Sendo assim, acredita-se que tais considerações permitam uma investigação do fenômeno da ordem VS em construções declarativas e interrogativas na escrita padrão atual do PB e PE com o objetivo de apresentar possíveis semelhanças/diferenças entre as duas variedades que, segundo a literatura atual, estão se distanciando em diversos aspectos gramaticais.

## **Capítulo 3**

# **METODOLOGIA**

### **3.1 Introdução**

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos que norteiam esta pesquisa a partir da delimitação dos objetivos e hipóteses do estudo, a constituição e caracterização da amostra bem como o estabelecimento dos grupos de fatores, a serem utilizados na análise dos dados, em decorrência do instrumental quantitativo adotado, o pacote de programas VARBRUL.

### **3.2 Objetivos e hipótese**

A partir dos resultados das pesquisas apresentadas no Capítulo 2, foram delimitados os seguintes objetivos deste trabalho: (a) levantar os contextos da ordem VS e SV nos *corpora* constituídos por textos de língua escrita do PB e do PE; (b) identificar que tipo(s) de condicionamento(s) opera(m) nas construções VS em cada variedade; (c) apontar as semelhanças e as diferenças do fenômeno entre as variedades; (d) verificar se os grupos de fatores atuam na mesma direção nas duas variedades; (e) verificar em quais contextos a ordem VS se manifesta com maior frequência em cada variedade e (g) confirmar a relação ou não entre a ordem VS e o sujeito nulo e a ordem SV e o sujeito pleno, considerando o PB uma língua que caminha para o sujeito preenchido e o PE uma língua de sujeito nulo.

A hipótese que norteia esta pesquisa é a seguinte: com base na relação estabelecida entre sujeito nulo e ordem VS pela Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e no processo de mudança em direção ao preenchimento do sujeito pronominal no PB (Duarte, 1993, 1995), é de esperar que no PE, uma língua de sujeito nulo, à qual está associada a propriedade da ordem VS, haverá uma maior produtividade e diversidade da ordem VS do que no PB, uma língua com a tendência de exibir mais sujeitos plenos.

### 3.3 A amostra

Dados os objetivos e hipóteses deste estudo, o material analisado é composto por textos de um jornal brasileiro, *O Globo*, com sede no Rio de Janeiro e publicação diária, e um português, *Expresso*, com sede em Lisboa e periodicidade semanária (aos sábados).

A escolha desses jornais está baseada na sua ampla circulação nos seus respectivos países. No caso do *Expresso*, à época da coleta de dados, considerou-se ainda o fato de ser o único jornal português que publicava a edição impressa (réplica exata) em versão digital (HTML), permitindo o seu acesso pela Internet, através de uma assinatura mensal.

São utilizados 45 textos tanto para o PB quanto para o PE, escritos entre os anos de 2005 e 2008, representativos da expressão viva praticada por letrados contemporâneos, configurando uma tendência de uso da norma culta escrita<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> O termo *norma culta* é entendido aqui, segundo Lucchesi (2002: 65), como “padrões observáveis do comportamento lingüístico” de segmentos sociais que convivem “com várias práticas sociais de leitura e escrita” (Faraco, 2008:173). Este trabalho, portanto, se centra em um dos padrões reais de uso da norma escrita culta do PB e PE e adota os termos *língua escrita culta* e *escrita padrão* como sinônimos. Para uma discussão aprofundada a respeito da complexidade dos conceitos de *norma*, *norma culta* e *norma padrão*, consultar Lucchesi (2002) e Faraco (2008).

Os textos estão distribuídos em três gêneros textuais — artigos de opinião, crônicas e editoriais — a fim de analisar se a ordem VS nesses gêneros apresenta algum comportamento diferente<sup>41</sup>.

Para não configurar estilo de um autor, quando foi possível, priorizou-se a diferença de autoria dos textos. Quanto aos artigos, foram selecionados diferentes autores para cada texto devido a uma variedade maior de articulistas. Esse controle não ocorreu da mesma forma nas crônicas e nos editoriais devido ao modo de organização de cada um desses gêneros. Nas crônicas, há um número fixo de escritores, que se alternam ao longo da semana, permitindo, assim, uma menor variedade de cronistas ao passo que, nos editoriais, como não apresentam a assinatura de quem redigiu os textos, fica inviável controlar a sua autoria.

Outro cuidado que tivemos está relacionado ao espaço destinado a cada texto entre os jornais (tamanho diferente), o que poderia distorcer a distribuição dos dados da ordem VS entre os gêneros estudados e entre as variedades. Por exemplo, o espaço destinado aos editoriais do PB é menor em relação aos do PE e aos outros gêneros textuais das duas amostras. Decidimos, então, monitorar a média do número de palavras gráficas, em cada gênero, no PB e no PE, com o intuito de evitar uma distribuição dos textos o menos irregular possível.

A partir desses dois critérios, a distribuição foi quase uniforme para o PE: 15 textos para cada gênero, com uma média de 468 palavras gráficas. São 15 articulistas diferentes e 7 cronistas (cada um com dois textos). Para completar as 15 crônicas, foi acrescentado mais um texto.

No entanto, no PB, não houve esse equilíbrio entre o número de textos por gêneros devido à variação de espaço destinado pelo jornal a cada gênero e, conseqüentemente, do

---

<sup>41</sup> O conceito de *gêneros textuais* e a decisão de considerá-los como um dos grupos de fatores serão comentados com mais detalhes na subseção 3.5.4, p. 94-5.

número de palavras gráficas. No caso dos editoriais, por exemplo, a média de palavras foi de 340, representando praticamente a metade da média de palavras encontrada nos artigos e crônicas e reduzindo, assim, o número de ocorrências da ordem VS. Foi necessário ampliar, portanto, o número de editoriais para o PB em um pouco mais de 50% em relação aos artigos (13 textos) e às crônicas (12 textos, divididos por 6 cronistas diferentes).

A tabela a seguir resume as informações sobre a amostra utilizada.

GÊNERO TEXTUAL	NÚMERO DE TEXTOS		OCORRÊNCIAS DA ORDEM VS		MÉDIA DE PALAVRAS GRÁFICAS	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE
Artigos de opinião	13	15	313	331	638	472
Crônicas	12	15	364	310	714	468
Editoriais	20	15	321	359	350	468
<b>TOTAL</b>	45	45	998	1000	531 <sup>42</sup>	468

**Tabela 3.1: Distribuição da amostra do PB e do PE, segundo o número de textos, as ocorrências da ordem VS e a média de palavras gráficas por gênero textual**

### 3.4 A seleção dos contextos

Os contextos considerados para a análise são as construções SV e VS declarativas e interrogativas (diretas e indiretas) compostas por verbos monoargumentais e pluriargumentais que selecionam um argumento com a função sintática de sujeito. Esse sujeito deve ser

---

<sup>42</sup> Este resultado é a média gráfica de palavras do número total de textos (45).

foneticamente realizado com a marca verbal de tempo. Incluem-se, portanto, as seguintes construções verbais:

- (i) construções monoargumentais, compostas pelos verbos inergativos (102) e pelas construções inacusativas, que correspondem a verbos inacusativos que selecionam um SN (103), verbos copulativos, conhecidos como de ligação, que selecionam uma mini-orção (*small clause*) (104), a passivas analíticas (105) e a passivas sintéticas (106). A definição de cada uma das construções será detalhada na seção 3.5.2.1.:

(102) a. “[...]arrancava gritos de “Gol” das arquibancadas sempre que o maluco fantasiado de bola corria baliza adentro.” (PB, cro, 203)<sup>43</sup>

b. “Palavras podem tudo, podem até dar prazer. [...]Fora delas não há nada, no nada, grita o beato que toda quarta-feira abre o falante no Cosme Velho, puxa da guitarra desafinada e solta o verbo catártico contra diabos que só ele vê.” (PB, cro, 299)

(103) a. “Apesar da china o inverso também acontece, ou seja, um país entrar em marcha ré acelerada.” (PE, edit, 267)

b. “Por enquanto[...] é mesmo de sublinhar o quão pouco se sabe de como sucederam as coisas.” (PE, art, 132)

(104) a. “O governo Lula teve de sentir na pela as conseqüências desse tipo de paralisação para concluir que são necessários limites a greves no serviço público.” (PB, cro, 256).

b. “[...] [o livro] Dirige-se especialmente a médicos e juristas, dois grupos que muito lucrariam em dominar o raciocínio estatístico. Mas a leitura é interessante para todos.” (PE, art, 49)

(105) a. “Em 26 de fevereiro de 2005, há três anos, portanto, era publicado no *Expresso* um artigo intitulado “Perguntas sem resposta”.” (PE, edit, 273)

b. “[...] a polícia não apura: apenas 5% dos homicídios são elucidados, e menos que isso vão a julgamento.” (PB, art, 84)

---

<sup>43</sup> Os dados são identificados de acordo com o PB ou PE, seguidos, respectivamente, do gênero textual e do número da ocorrência.

- (106) a. “[...] cria-se um ambiente de insegurança jurídica que é altamente negativo para os investimentos e toda a cidade.” (PB, edit, 92)
- b. “O caminho para uma generalizada intervenção estrangeira (australiana?) estaria completamente aberto, pois seria impossível ao dedicado contingente da GNR acorrer a uma situação desta dimensão. E, note-se, tal intervenção verificar-se-ia em circunstância em que haviam desaparecido os mais reconhecidos e legitimados dirigentes timorenses” (PE, art, 149)
- (ii) construções pluriargumentais, constituídas pelo grupo dos verbos transitivos (107): transitivos diretos (107a), transitivos indiretos (107b), transitivos preposicionais (107c) e ditransitivos (107d).
- (107) a. “Como o Pentágono poderia abrir uma nova frente de luta?” (PB, edit, 66)
- a'. “[o governo] ocupado pelos trabalhos da presidência da UE, a agenda do país sempre um pouco mais ao abandono, poderia a oposição aproveitar.” (PE, edit, 127)
- b. “Aqui no Brasil o inquérito é aberto na polícia, por lá fica por 30 dias, e o delegado pode pedir ao juiz diversas prorrogações.” (PB, art, 104).
- b'. “A [George] Clooney, basta-lhe um sorriso quando já existem créditos finais no ecrã, para ilustrar a redenção da personagem.” (PE, cro, 116)
- c. “Dela [a avaliação] dependeria o salário do professor?” (PE, edit, 319)
- c'. “José de Braz lembra-se de uma [marchinha] que era cantada por Ronald Golias [...]” (PB, cro, 21).
- d. “O vírus assestaria, portanto, em mim, a sua maravilhosa bateria de transtornos.” (PE, art, 197)
- d'. “Neukomm deixou anotações precisas sobre os *tempi* do tempo de Mozart. Isso levou Malgoire a reestudar toda a obra.” (PB, cro, 362)

Destaca-se, ainda, que os discursos relacionados à fala ou à escrita de pessoas, que não o do autor do texto, foram excluídos além dos seguintes contextos:

- (i) construções existenciais com verbo *haver* e *ter*, por caracterizarem estruturas que apresentam uma maior rigidez quanto ao posicionamento do SN, com um alto índice de ordem VS, podendo enviesar os resultados. No entanto, foi considerado o verbo *existir* devido à sua maior variação entre a ordem VS/SV (v. Spano, 2002).
- (108) a. “O avanço só será possível se houver um salto educacional” (PB, art)
- b. “Tinha um rádio e auscultadores para me isolar do que quer que me viesse me perturbar da minha autocompaixão” (PE, cro)



(ii) as proposições de orações encaixadas em que o pronome relativo apresenta a função de sujeito pela total ausência de variação neste caso: o pronome relativo está sempre à frente da proposição de orações encaixadas.

(109) “Nada disso vai resolver enquanto não se construir uma sociedade rica e justa que ofereça boa escola e bons empregos para seus jovens.” (PB, art)

### 3.5 Os grupos de fatores

Partindo dos estudos apresentados no Capítulo anterior, que mostram a influência de fatores tanto gramaticais quanto discursivos na realização ordem VS/SV, principalmente aqueles que estão associados à estrutura argumental do verbo e à natureza do SN, descrevo, na próxima subseção, os grupos de fatores selecionados para este trabalho com o objetivo de avaliar a sua atuação no comportamento da ordem VS, nas construções declarativas e interrogativas, em *corpora* do PB e do PE escritos.

Esses fatores são analisados em relação às duas possibilidades de ordenação, SV e VS, para verificar quais deles estarão atuando no favorecimento de uma ou outra ordem. É importante ressaltar que as duas possibilidades de ordenação VS/SV representam a variável dependente.

#### 3.5.1 Fatores ligados ao sintagma nominal

##### 3.5.1.1 Realização do SN sujeito

Neste grupo, utilizo cinco categorias, exemplificadas a seguir, com o intuito de confirmar a tendência de SNs representados por pronomes pessoais (110), demonstrativos

(111) e nomes próprios (112) inibirem a ordem VS ao contrário dos SNs representados por nomes comuns (113) e pronomes indefinidos (114), que estão mais ligados à ordem VS.

(110) “Roth não consegue falar bem disto, não, o seu território. O mundo em que ele cresceu é o da Rússia contra a América, e da I e II Guerras.” (PE, cro, 68)

(111) “[...] dissidentes do regime comunista que estava a ser implantado na Alemanha Oriental. Quando esta caiu, em 1990, descobriu-se nas proximidades do campo uma cova coletiva com os restos de cerca de dez mil pessoas.” (PB, art, 100)

(112) “Nestes três anos aconteceu o chamado “caso Maddie”. [...] e que sabemos nós? O mesmo que no primeiro dia: só sabemos que nada sabemos. Única verdade indesmentível: a Maddie não aparece. Só isto. Mesmo viva ou morta já entra no pântano da especulação.” (PE, cro, 141)

(113) “Enquanto a operação padrão dos controladores engarrafava pátios de aeroportos, congestionava céus sobre grandes cidades e convertia salões de terminais em grandes e precários albergues, surgiram na imprensa provas irrefutáveis de problemas técnicos na rede de radares e de comunicação entre torres e pilotos.” (PB, edit, 316)

(114) “Mais uma vez, não há relevância do ponto de vista legal. Mas, uma vez mais, fica tudo muito mal explicado do ponto de vista do actual chefe do Governo.” (PE, edit, 221)

### 3.5.1.2 Definitude do SN sujeito

Vamos considerar aqui a proposta de Spano (2002) de controlar a definitude a partir de uma marca formal, isto é, do tipo de determinante utilizado com base na proposta de Prince (1992).

Empregamos o termo [+ definido] (115) para os SNs modificados por artigos definidos, possessivos, demonstrativos e pelos chamados quantificadores universais, tais como *todo*, *cada* e o termo [– definido] (116) para aqueles marcados por artigos indefinidos, pronomes indefinidos, numerais e expressões partitivas .

Devido à ocorrência de contextos com ausência de determinantes, como é o caso dos SNs representados por pronomes pessoais, nomes próprios e SNs “nus” (singular e plural), decidimos então atribuir o traço [+definido] aos pronomes pessoais e aos nomes próprios, por

indicarem um carácter definido, específico, particular (117). Marcamos, por outro lado, com o traço [– definido] os SNs “nus” (118) por apresentarem um carácter mais genérico.

- (115) “Só as abelhas não rompem regras, justamente porque não as têm. Mas sei também que, em todos os sistemas, há uma consciência aguda para o crime, a menos – e , isso que me assusta – que a violação da norma seja ela própria um valor.” (PB, art, 03-04)
- (116) “Está a decorrer no Museu de Ciência da Universidade de Lisboa um encontro do Seminário Nacional de História da Matemática.” (PE, cro,191)
- (117) “Ele [o presidente da república] deve sair da posição de fazer cobranças como um cidadão comum” (PB, edit, 322)
- (118) “Mas uma coisa parece certa: não é multiplicando o número de salas que o problema se continuam a anunciar-se projectos um pouco por todo o país e também na Grande Lisboa.” (PE, art, 23)

### 3.5.1.3 Animacidade do SN sujeito

Como apontado em Spano (2002), a distinção entre [+/- animado] parece ser simples, o que leva alguns estudiosos (v. Lira 1986, 1996 e Coelho 2000) a tratarem-na de forma óbvia, sem a preocupação de defini-la como já advertido em Pontes (1986).

Dessa forma, neste trabalho, definimos o conceito de [+ animado] a partir de duas propriedades que devem ocorrer concomitantemente: (a) uma tradicionalmente utilizada, “ter vida” e (b) outra apresentada em Pontes (1986), “ser capaz de realizar movimento espontâneo”. Essas noções se aplicam aos SNs que designam os seres humanos e animais e foram estendidas aos SNs que representam grupos de pessoas (“personificações”, segundo Andrade Berlinck, 1995), tais como nomes coletivos, de países, de partidos.

Por oposição a [+ animado] (119), empregamos o traço [– animado] (120) a todos os SNs que estão excluídos na definição do primeiro grupo.

- (119) “Pinto Ribeiro que, como divulgamos, deu a boa nova da nomeação ao próprio Berardo, surge assim como alguém que vai estabelecer uma ponte, ainda mais directa, entre o Governo e o comendador.” (PE, edit, 207)

- (120) “Circula por aí o argumento, considerado humanista, dizendo mais ou menos o seguinte: se a sociedade não ampara suas crianças, se as deixa largadas nas ruas e favelas, não tem o direito moral de punir os adolescentes quando estes cometem os crimes”. (PB, art, 52)

### 3.5.1.4 Função temática do SN sujeito

Diferentemente do traço de animacidade, a função temática é especificada pela estrutura argumental do verbo, ou seja, o verbo, ao selecionar o número de argumentos, também define determinadas propriedades semânticas estabelecidas pela relação que mantém com seus argumentos. (v. Haegeman, 1994).

Como, neste estudo, são consideradas também as construções pluriargumentais, em um primeiro momento, entre as várias funções, selecionamos aquelas ligadas ao sujeito, com base na classificação de Andrade Berlinck (1995), que adota um conjunto de traços proposto por MacCoy (1969, *apud* Andrade Berlinck, 1995) para identificar cada função temática. No quadro que segue, apresentamos os papéis temáticos considerados com os traços que são pertinentes à sua identificação.

TRAÇOS SEMÂNTICOS	FUNÇÕES TEMÁTICAS					
	Agentivo	Causativo	Experiencial	Beneficiário	Instrumento	Objetivo
<b>Causa</b>	+	+	–	–	+	–
<b>instigador</b>	+	+	–	–	–	–
<b>“performer”</b>	+	–	–	–	–	–
<b>Intenção</b>	±	–	–	–	–	–
<b>Fonte</b>	±	–	±	–	–	–
<b>objetivo</b>	±	–	±	+	–	–
<b>Ativo</b>	+	+	–	–	+	–
<b>Controle</b>	+	–	–	–	–	–
<b>Afetado</b>	–	–	+	±	–	+

**Quadro 3.1: Distribuição dos traços semânticos, segundo a função temática**  
(retirado de Andrade Berlinck, 1995:190)

O papel que Mc Coy classifica como “objetivo” corresponde, em linhas gerais, àquele que nós denominamos correntemente como “tema”.

Em seguida, constatamos, a partir de uma rodada preliminar dos dados, que os contextos pluriargumentais apresentavam uma diversidade de funções temáticas, contrapondo aos monoargumentais, restringindo-se aos papéis temáticos de tema, experienciador e agente. Tal comportamento se explica devido, como já apontado, à estrutura argumental do verbo, que prevê, por exemplo, que o argumento interno das construções inacusativas sempre seja representado pelo papel de tema (v. Capítulo 2, seção 1.3, p.32).

A partir de uma leitura mais atenta dos traços do quadro de funções temáticas apresentado anteriormente, observamos que os papéis de “agente” e “tema” podem englobar as outras funções segundo a presença e a ausência de dois traços semânticos que os mais diferencia: causa e afetado. O “agente” é marcado pelos traços [+ causa] [– afetado], e o “tema”, pelos traços [– causa] e [+afetado]. Vejamos o quadro a seguir:

FUNÇÕES TEMÁTICAS						
TRAÇOS SEMÂNTICOS	Agentivo	Causativo	Experiencial	Beneficiário	Instrumento	Objetivo
Causa	+	+	–	–	+	–
Afetado	–	–	+	±	–	+

Quadro 3.2: Distribuição dos traços semânticos “causa” e “afetado”, segundo a função temática (retirado de Andrade Berlinck, 1995:190)

Dessa forma, os papéis temáticos “causativo” (121a), “instrumento” (121b) estão mais próximos à função de “agente” (121c) ao passo que “experienciador” (122a) e “beneficiário” (122b), mais próximos à de tema (122c). Dessa forma, acreditamos que a distinção entre “agente” e “tema”, amplamente empregada na literatura, é suficiente para dar conta dos contextos analisados, evitando-se assim uma classificação pormenorizada.

- (121) a. “A escolha mais pacífica para o BCP, aceita pelos maiores accionistas, abriu lugares no maior banco português, a Caixa Geral de Depósitos.” (PE, edit, 183)
- b. “Desde que os desfiles de escola de samba se transformaram numa seqüência acelerada de celebridades [...] tudo meio igual como manda a cartilha do showbis [...] desde então o recolhimento passou a dar o tom da folia.” (PB, cro, 221)
- c. “Em 1994, o presidente Bill Clinton conseguiu fechar um acordo de desnuclearização com os norte-coreanos, que depois roeram a corda. Enquanto brincavam de gato e rato com a comunidade internacional, tiveram tempo de testar um artefato nuclear, em outubro último, aumentando seu cacife na mesa de negociação.” (PB, edit, 9)
- (122) a. “As pessoas sentem que os “medias” ampliam as suas queixas.” (PE, cro, 132)
- b. “Mas estas estrelas não são estrelas. Uma delas [Vênus] recebe por vezes o nome de estrela da tarde, mas nem isso a faz estrela.” (PE, art, 60)
- c. “Recentemente surgiram algumas críticas à Corte e ao Ministro Gilmar Mendes [...].” (PB, art, 281)

Ressalte-se que, embora a função temática seja definida pela grade temática do verbo, acreditamos que, ao ser testada juntamente com o fator [+/-] animado do SN, passaria a desempenhar um papel mais significativo na determinação da ordem VS (v. Coelho, 2000).

### 3.5.1.5 Estatuto informacional do SN

Embora não seja uniforme a tipologia empregada para o tratamento da informação veiculada por um SN, há um ponto convergente na literatura sobre a ordem do SN: a tendência mais favorável à ordem VS quando o SN não é previamente mencionado no discurso, exercendo uma função apresentativa, que indica informação nova no discurso.

Levando em conta essas evidências, estabelecemos três categorias fundamentadas na tipologia de Prince (1980, 1992) e adaptadas para este estudo: referentes novos, referentes “disponíveis”<sup>44</sup> e referentes dados.

O primeiro grupo é composto por referentes mencionados pela primeira vez no discurso (123), opondo-se ao terceiro grupo (124).que abarca os referentes previamente citados no discurso podendo estar no contexto textual (SNs, elementos co-referenciais ou dêiticos) ou situacional (participantes do discurso, 1ª e 2ª pessoas).

(123) “O presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia, da OAB, Fábio Konder Comparato, foi objetivo: os instrumentos de democracia direta e participativa são meios de controle da ação dos governantes pelo próprio povo.” (PB, edit, 25)

(124) “Roth não consegue falar bem nisso. Não é seu território. O mundo em que ele cresceu é o da Rússia contra a América, e da I e II Guerras.” (PE, cro, 68)

No caso dos referentes disponíveis, adotamos a definição de Votre & Naro (1986), que engloba, nessa categoria, os referentes inferíveis, deduzidos a partir da associação com um outro referente anteriormente mencionado no discurso (relacionados semanticamente) e os casos de referentes de “existência única”, como “o sol”, “o mês de maio” ou com uma função específica, como “o Ministro da Previdência”.

(125) “Ah!, mas os EUA formam a sociedade mais desigual entre os ricos. Tudo bem, mas Alemanha, França, Itália são menos desiguais e também gastam fortunas com polícia e presídios.” (PB, art, 69)

---

<sup>44</sup> A expressão *referentes disponíveis* foi cunhada por Votre & Naro (1986) para os referentes *unused* de Prince (1980).

Cumprir destacar que, na nossa análise, a atribuição do conceito disponível é baseada unicamente em uma perspectiva discursiva, ou seja, em informações presentes no texto analisado (v. Andrade Berlinck, 1995), visto que, em uma perspectiva cognitiva, esse conceito parte do conhecimento de mundo dos interlocutores envolvidos ao qual não temos acesso.

### 3.5.1.6 Extensão do SN

No estudo Spano (2002), especificamente na amostra da fala culta do PB 90, o tamanho do SN foi um fator relevante na marcação da ordem VS, conforme já revelaram os estudos de Lira (1986, 1996) e Coelho (2000).

No entanto, Spano (2002) verificou que a atuação da extensão do SN estava associada à categoria sintático-semântica do verbo: os SNs com mais massa fonética, ou seja, mais “pesados” ou “longos” apareceram, freqüentemente, na ordem VS, com as construções inacusativas de mudança de estado (os inacusativos prototípicos), nas construções de movimento concreto e nos verbos intransitivos. Neste último tipo de verbo, em todos os casos de ordem VS, o SN apresentava o traço [+pesado].

Devido à sua significância, vamos considerar a extensão do SN como um dos grupos de fatores, tendo, como critério de classificação, o número de palavras que compõem o SN. A partir de uma adaptação de Coelho (2000), os SNs constituídos por até três palavras são considerados [– pesado] (126) e os SNs com mais de três, [+ pesado] (127).

(126) “[...] ali Chico fala de um Rio de Janeiro submerso, onde os escafandristas virão explorar sua casa, seu quarto, suas coisas, sua alma, devãos, [...] tentarão decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos, vestígios de estranha civilização. [...]”  
(PB, cro, 231)

(127) “A oposição a um partido de esquerda depende de um factor: a existência de um partido de direita.” (PE, art, 103)



### **3.5.2 Fatores ligados ao sintagma verbal**

#### **3.5.2.1 Tipo de construção verbal**

Neste grupo de fatores, examinamos a construção verbal, segundo a grade temática do verbo (v. Haegeman, 1994), que leva em conta o número e a natureza dos argumentos bem como as suas relações temáticas com o verbo.

De acordo com esses aspectos, com base nas classificações de Andrade Berlinck (1995), Coelho, (2000), Spano (2002) e Mateus, *et al.* (2003), distribuimos as construções em nove grupos. De um lado, estão as construções monoargumentais compostas pelos verbos inergativos, verbos inacusativos, passivas analíticas, passivas sintéticas, verbos copulativos e de outro, as construções pluriargumentais, constituídas pelos verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos preposicionais e ditransitivos.

Passemos a seguir para a caracterização de cada um deles:

#### **A) Verbos inergativos e inacusativos**

Partimos da classificação de Burzio (1986), baseado nos estudos de Perlmutter (1978)<sup>45</sup>, que diferencia os verbos de um único argumento, tradicionalmente conhecidos como intransitivos, em duas classes autônomas: a dos inergativos e a dos inacusativos (ergativo), sendo cada classe associada a uma estrutura profunda distinta. Enquanto os verbos inergativos (*almoçar, brincar, gritar, trabalhar, viajar*), apresentam um argumento externo ao sintagma verbal, posição de um SN sujeito, os inacusativos (*acabar, acontecer, aparecer, crescer,*

*faltar, morrer, nascer, ocorrer, surgir*) selecionam um argumento gerado internamente ao sintagma verbal, ou seja, na posição de complemento que não recebe Caso acusativo como acontece com os argumentos dos verbos transitivos<sup>46</sup>. Isso implica, portanto, em linhas gerais, que o papel temático atribuído ao argumento de verbos inergativos é o de agente (128) e o de construções inacusativas, o de tema (129) (v. Haegeman, 1994).

(128) “Danilo jogou no meio e Bigode na lateral. Mas tenho boas lembranças do Bigode. No meu jogo de totó, um Fla-Flu, ele jogava na linha média do Fluminense.” (PB, cro, 72 e 73)

(129) “Crescem, assim, as situações de recibo verde, de trabalho temporário e de vários outros esquemas que provocam instabilidade, stresse e salários baixos [...].” (PE, edit, 43)

É a partir fundamentalmente dessa distinção semântica (agente e tema)<sup>47</sup> que classificamos os verbos em inergativos e inacusativos. Dessa forma, como já foi apontado por Perlmutter, alguns verbos podem se comportar ora como intransitivo ora como inacusativo conforme o tipo de argumento selecionado.

Com o estabelecimento desse critério semântico, defrontamo-nos com dois problemas de classificação em relação a dois grupos de verbos, pouco ocorrentes nos *corpora* aqui analisados..

O primeiro grupo correspondem aos verbos que denotam deslocamento espacial (“verbos de movimento”) tais como *entrar, chegar, ir, passar, sair, vir, voltar* são comumente assinalados na literatura como inacusativos devido ao fato de o seu comportamento ser semelhante a estes verbos. No entanto, como atestam os resultados de Andrade Berlinck (1995), Coelho (2000) e Spano (2002), os verbos de movimento podem selecionar

<sup>45</sup> (PERLMUTTER, *apud* COELHO, 2000)

<sup>46</sup> Várias são as discussões a respeito da atribuição do caso aos argumentos do verbo inacusativo (v. Burzio, 1986; Belletti, 1988 e Coelho 2000). No entanto, neste estudo, não será abordada essa questão.

<sup>47</sup> Para obtermos uma classificação mais coerente, adotamos as definições de agente e tema apresentadas na seção 3.5.1.4.

diferentemente dos intransitivos e inacusativos, tanto um argumento agente (130) quanto tema (131):

(130) “Um executive [*sic*] entra numa salinha e paga uma consulta com um executante qualificado e sai da spa com a cara toda injectada de botulina tóxica e uma expressão igualzinha à dos guerreiros chineses de terracota que têm milhares de anos e estão muito bem para a idade.” (PE, cro, 263)

(131) “Logo depois, veio [*surge*]o movimento dos controladores de vôo, o qual o governo [...] tentou politizar, permitindo que líderes sindicais participassem das primeiras negociações.” (PB, edit, 312).”

Optou-se, então, por classificá-los como inacusativos, quando apresentam um argumento [+tema], e como transitivos preposicionais, quando selecionam um argumento externo [+agente] e um complemento circunstancial (direcional ou locativo).

O segundo grupo se associa a verbos que descrevem processos corporais, tais como *acordar, chorar, dormir, rir, tremer*. Ainda que se trate de verbos cujo argumento seja caracterizado como tema, eles se distanciam dos verbos inacusativos devido ao fato de seu argumento, além de apresentar o traço [+afetado], ser o experienciador da ação, ou seja, experienciam algum estado psicológico ou físico (v. Miotto *et al.*, 2007), traço este que não caracteriza o argumento de verbos inacusativos. Assim, para a análise dos dados, classificamos esses verbos, raros nas amostras, entre os verbos inergativos<sup>48</sup>.

(132) a. “Um pai russo portentoso enfia o pequeno na sauna apesar da proibição inscrita na parede. Para maiores de 16 anos. O miúdo sua com os adultos [...]. (PE, cro, 269)

b. “Ninguém desmaia nem se desconecta do fluxo sanguíneo. Somos reconhecidos pelos Alcoólicos Anônimos.” (PB, cro, 159)

---

<sup>48</sup> Com exceção de Andrade Berlinck (1995), os demais estudos que seguem a classificação de Perlmutter (1978, *apud* Coelho, 2000) apenas listam esses verbos sem comentarem a questão de o seu argumento realizar a função temática de experienciador.

## B) Verbos copulativos

Aqui os verbos copulativos (comumente classificados como “verbos de ligação”) serão considerados uma tipo de verbo inacusativo, que selecionam como complemento uma mini-orção (*small clause*). O predicado da mini-orção pode ser um sintagma adjetival (133a) , um sintagma preposicional (133b) ou um sintagma nominal (133c).

- (133) a. “Se tudo isso fosse correto, os EUA, país mais rico do mundo e com uma boa estrutura educacional, não precisariam gastar a fortuna que gastam com presídios e polícia.”  
(PB, art, 66)
- b. “Eu não estava em Caravelos – e suponho que Oliveira também não. Mas estava a minha filha e um grupo de amigos ao pé da bola do Nívea.” (PE, art, 84)
- c. “Cada morte na estrada é uma tragédia a nível pessoal. São parentes e amigos que se perdem, famílias que se desfazem.” (PE, edit, 140)

Nesse tipo de estrutura, o sujeito é o argumento do predicado da mini-orção, e não do predicado da sentença. (Miotto *et al.* 2007:156-7). Dessa forma, é o predicado da mini-orção que atribui papel temático ao SN, uma vez que, para os verbos copulativos, não é permitido atribuir essa propriedade semântica. (Haegemam, 1994: 68).

## C) Construções passivas analíticas

As passivas analíticas compreendem outro caso de construção inacusativa, porque é a flexão passiva que tem a capacidade de “inacusativizar” o verbo.

Em termos configuracionais, as construções passivas são idênticas às dos chamados verbos inacusativos (v. Perlmutter, 1976, Burzio, 1986), por apresentarem, a mesma estrutura

argumental, ou seja, como o argumento externo é suspenso nas passivas, podendo ou não aparecer sob a forma de PP, a que a tradição se refere como agente da passiva, as construções passivas exibem um único argumento, o interno, que, da mesma forma que o argumento dos inacusativos, não pode receber Caso acusativo do participípio. Daí receberem Caso nominativo de flexão.

(134) a. “Então, o Estado teve outra ideia fabulosa: decidiu fazer um levantamento dos produtos tradicionais que necessitem de um enquadramento específico. Foi aprovado esta semana no Parlamento um grupo de trabalho que se dedica a essa momentosa questão.” (PE, edit, 232)

b. “[...] um esforço concentrado e fecundo foi realizado pelos Ministros do STF para encontrar soluções equitativas e adequadas no sentido de apressar os julgamentos.” (PB, art, 280).

#### **D) Construções passivas sintéticas**

Tal como se apresenta para os verbos inacusativos, verbos copulativos e construções passivas analíticas, nas passivas sintéticas, o constituinte interpretado como sujeito representa o argumento interno do verbo que recebe o papel temático de *tema*. Dessa forma, as sintéticas constituem mais um caso de construção inacusativa. (Inês Duarte, 2003).

(135) a. “No programa ([www.nuclio.pt](http://www.nuclio.pt)) incluem-se palestras, passeios e, claro, a observação colectiva do eclipse perto de Bragança.” (PE, art, 28)

b. “As letras maiores diziam “Réquiem”. Abaixo, em tipos menores, lia-se “WA. Mozart.”” (PB, cro, 328)

### E) Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos apresentam dois argumentos: um externo e um interno, em que este exerce a função de objeto direto e o papel temático de “tema”.

Neste grupo também estão incluídos os chamados verbos leves. Segundo Inês Duarte (2003b:311-2), os verbos leves são formados por um verbo, que sofre um processo de esvaziamento lexical como *dar*, *fazer*, *ter*, e por uma expressão nominal (*dar contribuição*, *fazer queixa*, *ter influência*), formando um predicado complexo.

- (136) a. “Observadores colocados no coração do acontecimento vêem o disco solar enegrecido no meio.” (PE, art, 20)
- b. “Maria Padilha do Cruzeiro das Almas vê na sobreloja de Copacabana o que está acontecendo no grande salão de sua vida.” (PB, cro, 169)

### F) Verbos transitivos indiretos

Como os verbos transitivos diretos, os indiretos são marcados pela presença de dois argumentos, um externo e outro interno, porém este com a função sintática de objeto indireto, sendo regido pela preposição a ou para (137). O verbo transitivo indireto é identificado a partir da substituição do SN pela forma dativa *lhe* (137c). Além disso, o objeto direto é tipicamente [+ animado] (Inês Duarte , 2003).

- (137) a. “[...] tal ganho de produtividade deve retornar à sociedade sob a forma de redução gradativa de impostos.” (PB, edit, 42)
- b. “[...] que essa distinção escapa ao nosso primeiro ministro, quando diz “Se o povo deu ao OS uma maioria absoluta pela primeira vez, não é para que tudo continue igual” [...]” (PE, cro, 91)
- c. “A [George] Clooney, basta-lhe um sorriso quando já existem créditos finais no ecrã, para ilustrar a redenção da personagem.” (PE, cro, 116)

### G) Verbos preposicionais

Segundo Inês Duarte (2003:299), diferentemente dos verbos transitivos indiretos, os verbos preposicionais<sup>49</sup> selecionam um argumento interno com uma função oblíqua (um argumento interno de natureza preposicional ou adverbial). Apresentam-se com preposições fixas, principalmente, *de* (138a), *a* (138b), *em* (138c).

- (138) a. “os escritores americanos dependem da pátria e da história e não escrevem romances europeus, escrevem romances americanos.” (PE, cro, 65)
- b. “[...] esse argumento leva a dois absurdos opostos. Primeiro, só se poderia punir numa sociedade rica e educada, pois aí o criminoso seria bandido mesmo, porque teria tido todas as oportunidades para ser um cidadão de bem. Se a sociedade injusta é a causa de tudo, uma sociedade justa resolve tudo, não é mesmo?” (PB, art, 62)
- c. “Mas, enquanto a África do Sul enterrou o apartheid e avançou, o Zimbábue, sob ditadura, mergulha no abismo”. (PB, edit, 275)

### H) Verbos ditransitivos

Devido à semelhança entre as estruturas argumentais, decidi considerar “ditransitivos” dois tipos de transitivos apresentados por Inês Duarte (2003: 296-7): os propriamente ditransitivos e os transitivos de três lugares. Esses verbos selecionam, além do argumento externo, dois argumentos internos, o objeto direto e um objeto preposicionado.

A diferença entre os verbos reside na relação gramatical estabelecida pelos argumentos internos preposicionados: enquanto, nos ditransitivos, é um argumento interno com a função de objeto indireto (139a), nos verbos de três lugares, é um argumento interno

---

<sup>49</sup> Para fins de simplificação, adotei o termo *verbos preposicionais* no lugar de *verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo*, utilizado por Inês Duarte (2003:299).

como função oblíqua (tipicamente de natureza preposicional ou adverbial) (139b), ou seja, não é possível substituí-lo pela forma dativa (*lhe*, no caso da 3ª pessoa) do pronome pessoal como no caso do objeto direto.

- (139) a. “Encontraram nestas famílias o lar e a estabilidade emocional que os seus pais biológicos [...] não lhes puderam dar.” (PE, art, 284)
- b. “Partido Democrata cobra do presidente um cronograma de retirada das tropas, sintonizado com uma opinião pública descontente com ;a brutalidade no dia-a-dia iraquiano e com a morte de 3.150 americanos desde 2003.” (PB, edit, 180)

### 3.5.2.2 Forma de complemento do verbo

Esse grupo de fatores está relacionado exclusivamente aos argumentos internos dos verbos transitivos que exercem a função gramatical de complemento (objeto direto, objeto indireto e oblíquo (argumento interno preposicionado). Com base em Andrade Berlinck (1995), consideramos tanto os complementos expressos lexicalmente quanto aqueles fonologicamente ausentes da frase, uma vez que estes podem ser recuperados pelo contexto.

Foram consideradas as seguintes categorias: formas nominais (140), formas preposicionadas (SPrep) (141), clíticos (142), complementos ausentes da frase (143), orações (144) e formas com elemento Qu- (pronome relativo e pronomes interrogativos) (145).

(140) “Ruben Carvalho manifestava a sua surpresa e enfrentava quase todas as possibilidades face aos atentados de Dili”. (PE, art, 135)

(141) “Isso conduz a uma cultura da impunidade, afetando a todos as vítimas, que se tornam cada vez mais indefesas; e os criminosos, cada vez mais ousados, por não terem o que temer.” (PB, edit, 281)



- (142) “Ainda se abusa da velocidade, mesmo quando tudo a desaconselha, ainda se abusa das manobras perigosas [...] ainda se abusa do álcool apesar de todas as campanhas de sensibilização.” (PE, edit, 139)
- (143) “Olhe que é tudo verdade, disse-me a voz de 83 anos, e eu acredito Ø. Tanto que, logo que possa, vou passar por Odemira. Só para olhar.” (PE, cro, 298)
- (144) “O Palácio do Planalto decretou que não vai haver mudança na idade penal.” (PB, art, 136)
- (145) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único.” (PB, edit, 276)

### 3.5.3 Outros fatores

#### 3.5.3.1 O tipo de frase

São considerados dois tipos de frase, as declarativas e as interrogativas. Estas podem ser globais (146), que têm como objetivo obterem uma resposta afirmativa (sim) ou negativa (não), e interrogativas Qu- (parciais) (147) que são caracterizadas pela presença de elementos interrogativos (pronomes e advérbios interrogativos) (Ana Brito *et al.*, 2003). Incluem-se, também, as chamadas interrogativas indiretas (148).

- (146) a. “Um grande e poderoso país tem sempre uma política externa cínica e interesseira. Mas os pequenos, como Portugal, não deveriam basear a sua em valores?” (PE, edit, 55)
- b. “Ela [a Justiça] sempre segue na direção da brutalidade contra a pessoa humana ou um menino indefeso?” (PB, art, 10)
- (147) a. “O que é que a gente fala quando ganha a Beija-Flor?” (PB, cro, 259)
- b. “Mas o que terá ela [a televisão] para mostrar daqui a cinco ou dez anos?” (PE, cro, 310)
- (148) a. “Acabamos de descobrir que Paulo Betti, quando não está pensando na Casada Gávea , só pensa em sassaricar. Depois de perguntar se vale carnaval paulista [...], ele também manda sua sugestão.” (PB, cro, 15)
- b. “Weigl [o biógrafo norte-americano do Papa João Paulo II] perguntou o que pede a Igreja ao Estado.” (PE, art, 258)

### 3.5.3.2 O tipo de oração

O estabelecimento deste grupo parte do estudo de Helena Brito *et al.* (1996) que verifica a influência do tipo de oração na ordem VS. Segundo a autora, a ordem VS encontra-se predominantemente com orações absolutas. Entre as subordinadas, as adverbiais e as integrantes apresentam frequências altas de ordem VS.

Fazem parte deste grupo de fatores as seguintes orações:

#### a) *oração absoluta*

(149) “Na realidade, o peso da melancia diminui para a metade.” (PE, cro, 13)

#### b) *oração principal*

(150) “Enquanto Hitler promovia as Olimpíadas de Berlim, em 1936, a famigerada SS construía o campo de concentração [...].” (PB, cro, 86)

#### c) *oração primeira coordenada*

(151) “A mobilidade é baixíssima, e os jovens, mesmo com aqueles com mais habilitações, ficam de fora.” (PE, edit, 38)

#### d) *oração segunda coordenada*

(152) “A arrecadação sobe e a precariedade no mercado de trabalho se retrai.” (PB, edit, 154)

#### e) *oração subordinada completiva*

(153) “E teme-se que uma das conseqüências desse período possa ter sido trazer o discurso chauvinista de Le Pen para a área de respeitabilidade.” (PE, art, 40)

#### f) *oração subordinada relativa*

(154) “Como mostra a recente situação do Rio, onde policiais organizados disputam favelas com bandidos organizados, a polícia no Brasil é o problema, não a solução.” (PB, art, 87)

#### g) *oração subordinada adverbial*

(155) “Mas se um brasileiro que nunca veio a Portugal fizer a mesma pergunta [quanto tempo demora um táxi do aeroporto até Areeiro], a resposta ‘varia muito’ é quase insultuosa.” (PE, art, 38)

### 3.5.3.3 Preenchedores das fronteiras periféricas

A presença de elementos à esquerda do verbo se mostra um grupo de fatores relevante na marcação da ordem VS, principalmente, com verbos inacusativos nos estudos de Coelho (2000), Spano (2002) e Santos & Duarte (2006). As autoras mostram que há um uso freqüente de sintagmas adverbiais e preposicionais de tempo e de lugar que ocupam a posição antes do verbo na ordem VS. Esse fato leva Coelho (2002) a defender a hipótese de que, com verbos inacusativos, essa posição à esquerda do verbo funcionaria como mais um argumento do verbo, tornando, assim, a construção inacusativa uma ordem mais fixa (XVS).

Tal hipótese pode ser reforçada pelos resultados muito próximos encontrados em Spano (2002) e Santos & Duarte (2006). Em posição inicial, o verbo aparece em apenas 26 % dos verbos monoargumentais na fala culta do PB 70 (Spano 2002); 28% dos verbos inacusativos na fala popular e 30% na escrita padrão do PB (Santos & Duarte, 2006). Os 70% restantes apresentam um elemento à esquerda do verbo na ordem VS. Para Santos & Duarte, baseadas em Kato & Duarte, 2003, o sistema do PB estaria obedecendo a uma restrição fonológica ao evitar preencher a primeira posição com um verbo (V1).

Sendo assim, decidimos observar que tipos de elementos ocupam a posição imediatamente anterior à ordem SV / VS, a fim de observar o seu comportamento em cada tipo de verbo e verificar se há uma maior tendência de posposição de SNs ao ocorrer o preenchimento dessa posição.

Com base no estudo de Spano (2002), são considerados os seguintes preenchedores de fronteira periférica:

### A) Tópico

O estabelecimento desta categoria deve-se ao fato de ocorrerem, nas amostras deste estudo, casos em que o elemento à esquerda do verbo ou do SN é um tópico marcado, ou seja, um elemento sobre o qual se faz uma declaração e que não coincide com o sujeito gramatical (v. Mateus *et al.*, 2003: 152).

- (156) “Outro leitor também um são-paulino [...] escreveu que a formação da linha média do São Paulo que o técnico da seleção de 50, Flávio Costa, escalava inteira quando jogava no Pacaembu era Rui, Bauer e Noronha, não Bauer, Rui e Noronha. Isso eu discuto, e apostado na minha memória.” (PB, cro, 64)

### B) Marcadores discursivos (tais como *então*, *e*) e conectores coordenativos

Diferentemente de Coelho (2000), englobamos as conjunções coordenativas (157) e marcadores discursivos (158) em um único grupo, por apresentarem o mesmo comportamento no sentido de não contraírem uma função sintática com um elemento ou com a oração anterior.

- (157) “Teixeira Santos não resiste à tentação da desorçamentação para compor o ramalhete. Por exemplo, a transformação das Estradas de Portugal de entidade pública empresarial em sociedade anónima levou a que a despesa total consolidada do Ministério das Obras Públicas caísse este ano de 969 milhões de Euros para 449,2 milhões, uma redução de 53, 6%. E vem mais engenharia financeira a caminho ...” (PE, edit, 331)
- (158) “Quando as coisas se mostram mais difíceis, lembramo-nos de tanta coisa que queríamos esquecer. Aí vem a Alba Zaluar na TV e diz que a solução [para a violência] está na educação [...]” (PB, cro, 136)

### C) Conectores subordinativos

Neste estudo, estamos considerando conectores os elementos que subordinam orações, como é o caso das conjunções subordinativas adverbiais (159), das integrantes (160) e dos pronomes relativos (161). Cada um dos conectores será avaliado separadamente nas amostras.

(159) “Se isso fosse verdade, a criminalidade no Brasil deveria estar em queda.” (PB, art, 74)

(160) “É inaceitável que bandidos como Sebastião Gama de Paula, suspeito de ter assassinado o músico francês Sébastien Emmanuel Jérôme, na Dutra, mesmo condenado por um homicídio tenha recebido o benefício da liberdade condicional sem maiores cuidados.” (PB, edit, 286)

(161) “Se sempre se reconheceu a importância da nossa Corte Suprema na subsistência do Estado Democrático de Direito, em cuja defesa se manteve corajosamente até durante o regime militar também deve ser enfatizada a sua atuação [...]” (PB, art, 277)

### D) Advérbios e sintagmas preposicionais indicadores de lugar e de tempo<sup>50</sup>

(162) “É muito fácil dizer que não podemos atirar os adolescentes à cova dos leões do sistema penitenciário porque alí viceja uma escola do crime.” (PB, art, 166)

(163) “Nestes três anos aconteceu o chamado ‘caso Maddie’. Descobriu-se que a investigação criminal é fraca.” (PE, edit, 291)

### E) Advérbios aspectuais (*já, sempre*)

(164) “Já chega o constante fechar de olhos em relação ao que se passa em Angola e noutros países africanos.” (PE, edit, 66)

### F) Advérbios multi-focais (*só, também, apenas, inclusive, ainda*)

- (165) a. “[...] três horas depois, olho para o relógio e constato, horrorizado, que ainda só passou meia hora. O duelo do ano, que marcaria um novo ciclo e a prodigiosa ressurreição de Santana [...].” (PE, art, 234)
- b. “[...] precisamos, em primeiro lugar, de mais polícia. De mais policiais também, mas, antes disso, de policiais bem remunerados, treinados [...] Também são necessários mais presídios [...] e uma bela reforma no judiciário para acelerar os julgamentos.” (PB, art, 87).
- c. “Apenas 1% da melancia é sólida, os outros 99% são água” (PE, cro, 02)

### G) Negação

- (166) “Uma brincadeira de verão como outra qualquer: bilboquê, bambolê, videokê, e ela só está aqui porque foi-se o bate-bola das bexigas dos clóvis e ainda não acontece nada lá fora”. (PB, cro, 292)

### H) Outros advérbios

Estabelecemos um grupo à parte para os casos (advérbios em [*-mente*]; às vezes) que não podem ser enquadrados nos grupos dos advérbios indicadores de tempo ou lugar, aspectuais e multi-focais.

- (167) “Subitamente a minha visão total foi-se. Ao fim de 60 anos de muito ver uma retina deu de si.” (PE, cro 278)

### I) Ausência de preenchedor (∅)

A ausência de preenchedor é identificada pela não-ocorrência de qualquer tipo de elemento à esquerda do verbo ou do sujeito.

- (168) “∅ Esta é uma missão para o próprio presidente da República. ∅ Ele deve sair da posição de fazer cobranças como se fosse um cidadão comum e usar o poder recebido dos eleitores para tirar o setor dessa grave crise.” (PB, edit, 322)

---

<sup>50</sup> Como, dentro da classe dos advérbios, há elementos que apresentam diferenças quanto ao seu posicionamento na sentença e ao seu sentido, seguimos a subclassificação dos advérbios apresentada em Coelho (2000).

### 3.5.4 Gêneros textuais

Esta pesquisa centrada na análise da ordem VS/SV estabelece os gêneros textuais como único grupo de fatores extralingüístico. Antes de a escolha ser elucidada, é necessário que se estabeleça o que aqui está sendo entendido como gêneros textuais.

Na consideração dos gêneros textuais<sup>51</sup>, toma-se como ponto de partida a de definição de Bakhtin (2003: 262), que diz “ [...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do *discurso*. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discursos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]”,

Em linhas gerais, observamos, então, os gêneros textuais correspondem às necessidades do nosso dia-a-dia porque neles estão envolvidas práticas sociais. Segundo Maingueneau (2002:59-60), cada gênero apresenta suas “regras específicas”, que os interlocutores têm de conhecer. Assim, todo gênero textual está associado a uma certa organização textual que leva em conta tanto o papel discursivo quanto social do gênero.

Dessa forma, os artigos de opinião, crônicas e editoriais correspondem, cada um deles, a um gênero textual específico, porque constituem tipos relativamente estáveis de enunciados, permitindo tanto o emissor quanto o receptor reconhecê-los como artigos de opinião, crônicas e editoriais (e não como reportagens, manchetes, classificados, romance).

Passemos para alguns elementos que caracterizam esses três gêneros. Os artigos de opinião, crônicas e editoriais, aqui selecionados, estão inseridos no discurso midiático, o da imprensa escrita, que apresentam um caráter periódico de publicação.

---

<sup>51</sup> Estamos empregando o termo *gêneros textuais* como equivalente ao termo *gêneros do discurso* usado por Bakhtin (2003)

NO *Globo* e *Expresso*, são destinados espaços e cadernos específicos para cada gênero textual, identificado explícita ou implicitamente pelo próprio veículo de comunicação. Em ambos os jornais, os editoriais e artigos de opinião aparecem no 1º caderno, sempre na mesma página (respectivamente 2 e 3 no jornal português e 6 e 7 no jornal brasileiro).

No entanto, enquanto os editoriais portugueses são identificados com o nome “editorial”, sem assinatura, junto com outras reportagens, os editoriais brasileiros apresentam o título “Opinião”, sem assinatura, ao lado esquerdo das cartas dos leitores. A falta de assinatura indica a opinião do jornal, sendo, portanto, um outro aspecto de reconhecimento do gênero em questão. Em alguns momentos, o jornal *O Globo* emprega o título *Nossa opinião* para contrapor a uma *Outra opinião* (esta, por sua vez, assinada, configurando um artigo de opinião) sobre o mesmo tema de discussão.

Diferentemente dos editoriais, nos dois jornais, os artigos de opinião apresentam uma página exclusiva sob o rótulo de “Opinião”, com uma variedade de articulistas, embora alguns sejam recorrentes, que abordam diferentes temas.

Quanto às crônicas, localizam-se nos suplementos dos jornais. No *O Globo*, por ser um jornal diário, há apenas uma crônica, no *Segundo Caderno*, na última página (p.10), sem nomeação do gênero. Muitas vezes, os autores desse gênero, ao escreverem, explicitam que são cronistas e/ou que estão escrevendo crônicas. Convém destacar que aparecem também algumas crônicas, como Luis Fernando Veríssimo, na seção “Opinião”, em um espaço destacado no início da página.

Já no *Expresso*, devido à sua publicação ser semanária (aos sábados), existem diversas crônicas na *Revista ÚNICA*, devidamente identificadas na seção intitulada “Crônicas”. Em ambos os jornais, ao contrário dos artigos de opinião e editoriais, há um número fixo de cronistas que se alternam diária (jornal brasileiro) ou semanalmente (jornal português).



Apesar de contar com uma organização própria, observamos que os editoriais, artigos de opinião e a maioria das crônicas adotados para esta análise apresentam um discurso eminentemente argumentativo, o que não impede que sejam entremeados por fragmentos narrativos e/ou descritivos. Em algumas crônicas, predomina o discurso narrativo entremeado pelo argumentativo e descritivo.

Como esses gêneros apresentam diferenças quanto à sua estrutura e estão inseridos na escrita, uma modalidade conservadora, em que a pressão normativa é maior, vimos que, no estudo de Cavalcante (1999), as novas estratégias de indeterminação do sujeito, como o uso das formas *a gente* e *você*, estavam presentes nas crônicas, ausentes nos editoriais e raras nos artigos de opinião (v. Capítulo 2, seção 2.2, p 66-8).

Tendo em vista essas considerações, o grupo de fatores extralingüístico “gênero textual” é adotado na presente análise com o intuito de observar se os contextos de ordem VS, no PB e no PE, apresentam alguma diferença no comportamento quando está envolvido determinado gênero textual.

## Capítulo 4

### ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.1 Introdução

Este capítulo apresenta a descrição e a análise dos resultados a partir das rodadas estatísticas do pacote computacional VARBRUL, considerando os seguintes objetivos (a) encontrar evidências que testem as hipóteses levantadas, (b) avaliar o papel dos contextos favorecedores da ordem VS na escrita do PB e PE e (c) comparar, sempre que possível, os resultados deste trabalho com aqueles comentados em seções anteriores.

#### 4.2 Resultados gerais

Nesta seção, são apresentados os resultados iniciais obtidos na análise de 45 textos para cada variedade. Foram computadas, respectivamente, 998 e 1000 ocorrências para o PB e para o PE, englobando tanto as construções declarativas como interrogativas. Vejamos a distribuição geral dos dados na tabela 4.1 a seguir:

	PB		PE	
	Oco	%	Oco	%
Construções SV	892	89%	867	87%
Construções VS	106	11%	133	13%
<b>TOTAL</b>	<b>998</b>		<b>1000</b>	

**Tabela 4.1: Frequência de construções SV/VS no PB e PE**

Os resultados da tabela 4.1 apontam uma distribuição semelhante no tocante aos tipos de ordem, com uma frequência expressiva da ordem SV nas duas variedades e um percentual

ligeiramente maior no PE de ordem VS. Antes de prosseguir a análise, é necessário, porém, separar as declarativas das interrogativas para verificar se essa mesma distribuição percentual permanece nas duas variedades:

	PB		PE	
	DECLARATIVAS	INTERROGATIVAS	DECLARATIVAS	INTERROGATIVAS
SV	867 (90%)	25 (76%)	856 (88%)	13 (50%)
VS	98 (10%)	8 (24%)	120 (12%)	13 (50%)
TOTAL	<b>965</b>	<b>33</b>	<b>976</b>	<b>26</b>

**Tabela 4.2: Frequência de construções SV/VS em construções declarativas e interrogativas no PB e PE**

Ao considerarmos os resultados apenas das construções declarativas da tabela 4.2 e confrontá-los com os da tabela 4.2, observamos que a variação entre os percentuais é de 1% tanto para a ordem SV quanto para a ordem VS. Dessa forma, não se modifica a diferença de 2% entre as variedades com relação à ordem VS das construções declarativas, porque as interrogativas são pouco ocorrentes nos *corpora*: 33 dados no PB e 26, no PE, ou seja, representam menos do que 3,5% em relação ao total de, aproximadamente, 1000 construções levantadas em cada *corpus*.

Dos 45 textos analisados para cada variedade, as construções interrogativas aparecem em 13 textos do PB e 18 do PE e se concentram em apenas três textos do PB (19 ocorrências, 58%) e dois textos do PE (9 ocorrências, 23%). Essa distribuição desequilibrada de dados já era suficiente para descartar as construções interrogativas da análise, uma vez que enviesaria a seleção dos grupos de fatores bem como os seus pesos relativos nas rodadas estatísticas.

Mesmo assim, optei por efetuar rodadas computacionais, com e sem as interrogativas, para confirmar essa suspeita. Inicialmente, foram comparados os resultados de duas rodadas: uma com a presença do grupo de fatores “declarativa e interrogativa” e outra com sua eliminação. Como previsto, a inclusão das interrogativas na rodada influenciou a seleção de

grupos, os pesos relativos, aumentando os valores de significância de cada rodada tanto no PB quanto no PE . Esse efeito deveu-se, como já foi apontado, à concentração de dados nas declarativas.

No entanto, na segunda seção de rodadas, em que foram mantidos os dados das interrogativas nos outros grupos de fatores, eliminando apenas a contagem do grupo em questão, os resultados variaram: em algumas combinações de rodadas, com e sem interrogativas, o PB mostrou os mesmos resultados: mesma ordem de seleção de fatores e mesmos valores de *input*<sup>52</sup> e nível de significância. Por sua vez, no PE, essa semelhança só foi possível na seleção dos dois primeiros fatores (número de argumentos e elemento à esquerda de VS).

Um dado estatístico que pode ter contribuído para o comportamento distinto nas rodadas do PE com relação ao PB é a diferença percentual da ordem VS entre as declarativas e interrogativas. No PE, a ordem VS nas interrogativas (50%) é, aproximadamente, quatro vezes maior do que nas declarativas (12%) enquanto no PB é a diferença entre as construções é um pouco mais que o dobro (24% para as interrogativas e 10% para as declarativas).

Devido aos poucos dados das construções interrogativas quando comparadas às declarativas presentes nos *corpora*, à sua distribuição irregular nos gêneros textuais e ao comportamento diferenciado nas rodadas no PE, decidimos excluir as interrogativas da análise estatística do Programa Varbrul. No entanto, vamos considerar os seus resultados de frequência com o intuito de examiná-los e capturar alguns dados que se mostram relevantes para a ordem VS nas duas variedades.

---

<sup>52</sup> “O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente. [...] Quando o valor do *input* se distancia da taxa geral [valor percentual de aplicação da regra] isso indica que a distribuição dos dados através dos vários fatores não é equilibrada[...]” (Guy & Zilles: 2007:238)

Como, no PB, a ordem SV é o padrão de comportamento das interrogativas, dos 33 dados, apenas 8 ocorrem na ordem VS, dos quais 2 são interrogativas diretas Qu- (169), 2 interrogativas indiretas (170) e 4 são interrogativas globais (171) com valor retórico.

- (169) a. “Para que lado desemboca a justiça? Ela segue sempre na direção da brutalidade contra a pessoa humana ou um menino indefeso?” (PB, art, 09)
- b. “Se pensarmos que a justiça social pode ser liquidada na ponta de uma arma e não por meio da regra da lei para onde vai o ideal de democracia e justiça social?” (PB, art, 12)
- (170) a. “Acabamos de descobrir que Paulo Betti, quando não está pensando na Casada Gávea , só pensa em sassaricar. Depois de perguntar se vale carnaval paulista [...], ele também manda sua sugestão.” (PB, cro, 15)
- b. “Os gênios surrealistas entraram para a História, deixando fluir solto o que lhes viesse à cabeça, sem medo de dar bandeira, de evocar o tenente Bandeira, de perguntar por onde anda a Silvia Bandeira.” (PB, cro, 317)
- (171) a. “Não seriam esses apêndices de privilégio legal os maiores produtores de injustiça, de crime e de ilegalidade, justamente porque este país [...] assiste rotineiramente aos mais escabrosos escândalos envolvendo membros do governo serem premiados com a impunidade?” (PB, art, 14)
- b. “Se o sujeito tem, aos 16 anos, o discernimento e a responsabilidade de escolher quem vai administrar o país, por que ele é singularizado quando comete um delito? Não seria esse um fator de aliciamento preferencial dos menores pelos bandidos?” (PB, art, 19)

Constatamos que, à exceção do exemplo (169) com um verbo prepositivo (*desembocar em*), as demais interrogativas na ordem VS ocorrem com um verbo monoargumental, especificamente com um inacusativo (incluindo aqui também o verbo copulativo) e com sujeitos nominais. São justamente os poucos contextos a que se limita a ordem VS nas interrogativas (Tarallo, & Kato, 1988; Duarte, 1992; Kato, Duarte, Cyrino e Andrade Berlinck, 2006.). Além desses aspectos, a ordem VS apresenta um elemento interrogativo nos dados de (169) e (170b) e o sujeito em posição final (169 e 170).

Um aspecto significativo é o fato de 75% das interrogativas na ordem VS e 24% na ordem SV se concentrarem em um único texto no PB, um artigo de opinião que aborda um tema bastante polêmico, a redução da maioria penal, a partir da tragédia da morte do menino João Hélio, assassinado por menores de idade, em 2007.

O articulista apresenta uma série de questionamentos a partir de perguntas, a maioria de caráter retórico como as presentes em (171) e (172) em que ele espera uma confirmação (ou não) da sua hipótese e não uma resposta categórica de tipo sim/não (Âmbar,1992).

Dessa forma, observamos que os poucos casos da ordem VS nas interrogativas no PB estão vinculados a fatores sintáticos (169 e 170) e discursivos (171).

Diferentemente do PB, em que a ordem VS é restrita nas interrogativas a determinados contextos, no PE, nas interrogativas Qu- diretas (172), a ordem VS é obrigatória, sempre que o elemento interrogativo não for seguido de um SN foneticamente realizado (“Que disco o Pedro ofereceu à Joana?”), e nas interrogativas QU- indiretas com os elementos *que* e *porque* (173a) (Âmbar, 1992:60-2). Por isso, das 13 ocorrências de ordem VS no PE, 10 predominam nesses contextos obrigatórios, distribuídas em 6 ocorrências para as interrogativas Qu- diretas e 4 para as Qu- indiretas, e apenas 3 casos são contextos de ordem VS opcional: 1 dado para Qu- indireto com elemento interrogativo *como* (173b) e 2 dados para interrogativas globais (174).

(172) a. “A melancia é colocada ao sol e desidrata-se. Passa a ter 98% do precioso líquido. A pergunta é: quanto pesa agora a melancia?.” (PE, cro,05)

b. “Nestes três anos aconteceu o chamado “caso Maddie”. [...] e que sabemos nós? O mesmo que no primeiro dia: só sabemos que nada sabemos”. (PE, cro, 140)

c. “Mas o que terá ela [a televisão] para mostrar daqui a cinco ou dez anos?” (PE, cro, 310)

d. “Muita mais do que uma questão jurídica ou uma questão entre empresas é uma questão estratégica: como pode Portugal ficar do lado dos vencedores do mundo global, se descuida os seus próprios factores competitivos como a inovação?” (PE, art, 193)

(173) a. “No mesmo artigo, o próprio jornalista explicava o que diz a lei portuguesa sobre o crime de tortura, revistos e punidos nos artigos 243º e 244º do Código Penal de então.” (PE, edit, 281)

b. “Por enquanto[...] é mesmo de sublinhar o quão pouco se sabe de como sucederam as coisas.” (PE, art, 132)

(174) a. “Estarão nessa altura as forças sociais de frente de um televisor? PE, edit 311)

b. “Dela [a avaliação] dependeria o salário do professor?” (PE, edit, 319)

Devido ao forte papel do elemento Qu- que desencadeia a ordem VS no PE, ocorrem diversos contextos nas interrogativas Qu- diretas: verbos inacusativos (172a e 172d), verbos transitivos e sintagmas nominais (172b e 172c) e locuções verbais em que o sujeito ocorre entre o auxiliar e o principal (172d), estrutura com 3 ocorrências no *corpus*. Estas últimas estruturas (172d) desapareceram no PB desde 1937 (Duarte, 1992).

Segundo Âmbar (1992:61), nas interrogativas indiretas Qu-, em que a ordem VS não é obrigatória, salvo nos casos já mencionados (173a), na presença do *é que*, a ordem SV parece mais natural. No *corpus* do PE, aparecem 3 ocorrências desse tipo (175):

(175) “A questão é saber o que é que o Bloco faria se fosse governo, que medidas proporia para colmatar o déficit acumulado.” (PE, art, 88).

Devido às interrogativas globais não representarem estruturas típicas de ordem VS no PE, mais da metade dos dados de ordem SV (7) se concentra nesse tipo de interrogativa. Por isso, quando ocorrem na ordem VS (174), apresentam um emprego retórico tal como é verificado nos dados do PB. A única diferença entre o PB e o PE está na presença do verbo transitivo (preposicional) em uma das ocorrências (174a), que é um contexto desfavorecedor da ordem VS no PB, tanto nas construções interrogativas como declarativas. (Tarallo & Kato, 1988; Duarte, 1992; Andrade Berlinck, 1995).

Apesar da pouca ocorrência dos dados, verificamos que os resultados confirmam certas tendências do comportamento das construções interrogativas do PB e do PE, apontadas em outros estudos já citados anteriormente. No PB, a ordem SV é a ordem não-marcada nas construções interrogativas, sendo restrita a contextos de um argumento, em particular, a verbos inacusativos e sempre com sujeitos nominais. Por outro lado, no PE, a ordem VS nas interrogativas é mais produtiva, se estendendo a contextos com verbos transitivos, com locuções verbais e sujeitos pronominais. Além disso, a ordem VS é obrigatória nas

interrogativas diretas Qu- e nas Qu- indiretas na presença dos elementos interrogativos *que* e *porque*.

Voltemos à distribuição das construções declarativas. Vimos que a estrutura SV é a ordem amplamente preferida nas duas amostras (90% para o PB e 88% para o PE), o que é esperado. No entanto, os resultados quanto à ordem VS se distanciam do esperado, especificamente os do PE quando comparados aos do PB. Embora seja uma língua de sujeito nulo, a variante europeia (12%) apresenta somente uma frequência ligeiramente maior de posposição do que o PB (10%), que, por sua vez, preenche mais sujeitos que o PE.

Esses resultados se assemelham e se distanciam com os de Andrade Berlinck (1995), que trabalha com peças de teatro do século XX. O PB apresenta também um percentual (13%) de ordem VS menor do que o PE (18%), porém a distância percentual entre as variedades é maior (5%). Quando os percentuais de ordem VS do PB e do PE são comparados, observamos que, da escrita do século XX para a escrita XXI, há uma redução da ordem VS no PB e no PE, sendo neste mais acentuada.

O que está em jogo na ordem VS, na escrita do século XXI, nas duas variedades? Seria um problema de distribuição de dados? Seria alguma característica dos gêneros analisados, que não propiciam a ocorrência de VS? Ou haverá diferenças qualitativas nessas semelhanças quantitativas?

Antes de investigar essas questões, em que será descrito e examinado o quadro dos grupos de fatores que influenciam a ocorrência da ordem VS, em cada variedade, passemos para a análise das construções interrogativas na seção seguinte.



### 4.3 Seleção dos grupos significativos

Para se ter uma análise aprimorada dos dados e evitar distorções na sua distribuição, foram realizadas algumas medidas de ajuste quantitativo que implicaram modificações nas rodadas estatísticas realizadas pelo pacote de programas computacional Varbrul (v. Naro, 1992 e Guy & Zilles, 2007). Tais procedimentos são comuns nesse tipo de análise quantitativa, pois cabe ao pesquisador alcançar “a análise mais geral possível, eliminando fatores supérfluos, de maneira a restarem apenas efeitos significativos.” (Guy, 2007: 65).

Entre as medidas, que só serão analisadas detalhadamente na apresentação dos grupos de fatores significativos, a primeira foi eliminar os nocautes, ou seja, os fatores que são categóricos tanto para a ordem SV ou VS. Quando foi possível, optou-se por amalgamá-los, em vez de excluí-los do *corpus*, com outros fatores semelhantes lingüística e estatisticamente. Nesse caso, se encontra o grupo de fatores “estrutura argumental do verbo”, em que foram reunidos, em um único fator, os quatro tipos de verbo transitivos por apresentarem o mesmo comportamento sintático e frequências semelhantes, superiores a 94%, ocorrendo, preferencialmente, na ordem SV, nas duas variedades. No entanto, nesse grupo de fatores, os verbos de um argumento continuaram com suas subcategorias.

Como segunda medida, quando não se pôde fazer a amalgamação de fatores por falta de justificativas teóricas e estatísticas, decidiu-se desconsiderar os fatores com menos de 15 dados, uma vez que, como apontam Guy & Zilles (2007: 107), podem interferir na obtenção de resultados confiáveis.

Essa interferência nos resultados foi verificada tanto no PB como no PE com o fator “estruturas de graduação e comparação”, que reúne as orações tradicionalmente classificadas como adverbiais comparativas, conformativas, proporcionais e consecutivas, do grupo “tipo de estrutura sintática”. Embora, na variedade brasileira, ocorressem 19 dados, o

comportamento foi o mesmo do PE nas rodadas estatísticas: na presença do fator, o grupo “tipo de estrutura”, era selecionado como significativo; na sua ausência, o grupo era descartado. Além disso, as rodadas sem o fator “orações de gradação e comparação” foram mais regulares e significantes quanto à seleção de fatores, aos pesos relativos, ao nível de significância. Dessa forma, a escolha das rodadas sem o fator “orações de gradação e comparação” mostrou mais pertinente para a análise dos dados do PB e do PE.

Convém ressaltar que os fatores com um total de menos de 15 dados somente foram retirados do grupo a que pertenciam, optando-se por mantê-los nos demais grupos de fatores. Por sua vez, os outros fatores com uma distribuição entre 15 e 20 dados, que são em número reduzido nos *corpora* (1 fator para o PB e 3 fatores para o PE), permaneceram nos seus respectivos grupos pelo fato de não alterarem, com sua presença ou ausência, as rodadas estatísticas.

A partir do novo tratamento dos dados, em função dessas alterações, vejamos, no quadro a seguir, os grupos de fatores selecionados, por ordem de significância, que se revelaram pertinentes na marcação da ordem VS, nas construções declarativas, na escrita do PB e do PE.

	<b>PB</b>	<b>PE</b>
<b>1º grupo</b>	Tipo de construção verbal	Tipo de construção verbal
<b>2º grupo</b>	Forma de complemento do verbo	Elemento à esquerda do verbo
<b>3º grupo</b>	Elemento à esquerda do verbo	Extensão do SN
<b>4º grupo</b>	Definitude do SN	Forma de complemento do verbo
<b>5º grupo</b>	Extensão do SN	Definitude do SN
<b>6º grupo</b>	—	Estatuto informacional do SN
	<b>INPUT .02</b>	<b>INPUT .04</b>
	<b>SIGNIFICÂNCIA .005</b>	<b>SIGNIFICÂNCIA .035</b>

**Quadro 4.1: Seleção dos fatores correlacionados à ordem VS no PB e PE**

Em todas as combinações estatísticas feitas, tanto no PE como no PB, os três primeiros fatores foram sistematicamente selecionados, mantendo a mesma ordem de significância, e estão correlacionados a aspectos de natureza sintática. Antes de passar à análise de cada fator, façamos algumas observações sobre os grupos estatisticamente não significativos, que foram eliminados das rodadas.

Os fatores recusados pelo programa Varbrul, nas duas variedades, foram a animacidade e a função temática do SN, tipo de estrutura sintática e o gênero discursivo. No caso do PB, a realização do SN e o estatuto informacional do SN também foram eliminados de todas as rodadas.

A não-seleção dos traços semânticos [+agente/+tema] e [animado/inanimado] está ligada à estrutura argumental do verbo, uma vez que cada construção verbal leva em conta o número e a natureza dos argumentos bem como as suas relações temáticas com o verbo (Haegeman, 1994). As construções inacusativas, por exemplo, independentemente do tipo, sempre selecionam um argumento interno [+tema], enquanto os intransitivos, um argumento externo [+agente]. Quanto às construções transitivas, o seu argumento externo é caracterizado, predominantemente, como [+agente].

Além disso, como vimos na seção 3.5.1.3 (p.97), o traço [+animado], embora não seja selecionado pelo verbo como as funções temáticas, está associado ao traço de [+agente]. Tal correspondência não se verifica com os SNs [+tema], que podem ter o traço [+animado] ou [-animado]. Dessa forma, o argumento externo dos intransitivos sempre será [+animado], o argumento interno dos inacusativos pode ser tanto animado quanto inanimado e o argumento externo dos transitivos, predominantemente, animado.

Em decorrência desses aspectos, ao cruzarmos o grupo de fatores tipo de construção verbal com os traços de [+/-animado] do SN, os resultados mostram, nas duas variedades, que o SN com o traço [inanimado] é o que aparece freqüentemente na ordem VS, se concentrando

nas construções com um argumento, em especial, nos verbos inacusativos, enquanto o traço [+animado] é mais freqüente nos casos de ordem VS quando são consideradas as construções com mais de um argumento.

Quanto ao tipo de oração, a sua eliminação pode estar relacionada à interferência com outros fatores sintáticos que se mostraram significativamente mais fortes. Levando-se em conta que as orações coordenativas e subordinativas já apresentam um elemento à esquerda (as completivas e as relativas desenvolvidas são essencialmente introduzidas por um complementizador ou elemento Qu-), pode-se supor que os grupos de fatores “tipo de oração” e “elemento à esquerda” estejam se sobrepondo. Além disso, na distribuição entre as freqüências e os pesos relativos dos fatores que compõem o grupo, encontram-se disparidades. Por exemplo, as adverbiais apresentam um segundo percentual maior de ordem VS, porém o seu peso relativo é o menor de todos os outros tipos de oração.

Esses resultados são encontrados na análise de Helena Britto *et al.* (2002) para a fala culta do Rio de Janeiro e São Paulo. Os autores haviam constatado a necessidade de se examinar o tipo de oração com outros fatores, devido também à falta de consistência entre os dados percentuais e probabilísticos. Ao cruzarem o tipo de verbo com o tipo de oração, eles observam que os verbos ergativos (inacusativos, intransitivos e verbo de movimento) apresentam casos de ordem VS em todos os tipos de oração ao contrário dos verbos de ligação que restringem a ordem VS à 2ª coordenada. Ainda verificam uma distribuição complementar no tocante ao tipo de configuração: #VS está mais correlacionada às orações não-subordinativas, e a XVS, às orações subordinadas em que X é um elemento Qu-.

A partir dessas considerações sobre o tipo de estrutura, a fim de se confirmar a ocorrência ou não de sobreposição de fatores, é preciso avaliar conjuntamente o comportamento desse grupo com outros fatores sintáticos.

Os grupos de fatores “estatuto informacional do SN” e “realização do SN” apresentam comportamentos diferentes nas duas variedades. No PB, os dois grupos são eliminados de todas as combinações de rodadas, o que indica um maior peso dos fatores sintáticos sobre os demais fatores na caracterização da ordem VS. Já no PE, essa regularidade não se mantém, pois o estatuto informacional do SN aparece entre os grupos selecionados apenas nas rodadas com todos os tipos de verbos e com as construções inacusativas.

Como “estatuto informacional do SN” é um dos grupos de fatores que restringem a ordem VS nos verbos de um argumento, em particular, os inacusativos prototípicos (v. Lira, 1986; Andrade Berlinck, 1995; Spano, 2002; Santos & Duarte, 2006), optamos por considerá-lo na análise interpretativa dos dados do PB para que se tenha uma avaliação mais precisa da influência desse grupo de fatores na ordem VS.

A eliminação do gênero textual, único fator extralingüístico, sugere que, a princípio, as diferenças entre os gêneros não são significativas no fenômeno da ordem VS na escrita, como os fatores sintáticos, que são mais ocorrentes na seleção nas duas variedades. Isso reforça a idéia de que a ordem VS está associada a componentes de natureza mais gramatical.

Discutiremos a seguir apenas os fatores que se mostraram mais significativos na ordem VS de acordo com sua ordem de significância, conforme mostrado no quadro 4.1. Decidimos examinar conjuntamente os resultados do PB e do PE, porque a seleção de fatores é semelhante, embora em uma ordem de seleção diferente. A cada grupo de fatores selecionado para o PB, são apresentados os resultados referentes ao *corpus* do PE e suas devidas considerações. No caso do estatuto informacional, apenas selecionado para o PE, a análise será descrita após os resultados dos outros grupos de fatores.

### 4.3.1 Tipo de construção verbal

O tipo de construção verbal se mostrou bastante importante na realização da ordem VS tanto na escrita do PB quanto no PE, sendo o único fator comum, nas duas variedades, a ocupar a mesma posição de significância. Vejamos a tabela 4.3 que apresenta, para cada *corpus*, a distribuição dos tipos de construções com o número de aplicação da ordem VS (Apl.) sobre o total de dados (T.), acompanhado, respectivamente, dos percentuais (%) e dos pesos relativos (P.R.):

TIPO DE CONSTRUÇÃO VERBAL	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
Construções passivas sintéticas	17/20	85%	.97	32/37	86%	.98
Verbos inacusativos prototípicos	47/95	49%	.92	43/96	45%	.92
Verbos inergativos	1/16	6%	.45	1/20	5%	.43
Construções copulativas	10/240	4%	.44	19/237	8%	.52
Construções passivas analíticas	5/77	6%	.38	3/57	5%	.36
Verbos transitivos	21/517	4%	.36	22/529	4%	.33
<b>TOTAL</b>	<b>101/965</b>	<b>10%</b>		<b>120/976</b>	<b>12%</b>	

Tabela 4.3: Distribuição da ordem VS no PB e PE, segundo o tipo de construção verbal

A partir da tabela anterior, temos uma visão quantitativa do fenômeno da ordem VS nas duas variedades. Observamos um comportamento bastante semelhante entre o PB e PE, inclusive nas construções com verbos transitivos diretos na voz ativa em que se esperava um percentual maior de ordem VS no PE devido ao seu caráter de licenciar mais sujeitos nulos que o PB. Isso mostra que a restrição da ordem VS não é de fato peculiar ao PB.

Além disso, ocorre uma gradação entre os valores dos pesos relativos quando os dois primeiros e os dois últimos tipos de construção verbal são considerados, mostrando uma nítida oposição: de um lado, estão as passivas sintéticas e os verbos inacusativos, como

contextos mais propícios à ordem VS e de outro, as passivas analíticas e os verbos transitivos diretos, como contextos inibidores dessa ordem.

Quanto aos verbos intransitivos, embora apresentem uma única ocorrência na ordem VS, nas duas variedades, optou-se por não retirá-los da análise por três motivos. Conforme comentado na seção 4.3, nas rodadas estatísticas, não houve alterações nos resultados com a presença ou ausência dos dados dos verbos intransitivos. Estamos trabalhando com um fenômeno que apresenta contextos restritos de ocorrência (101 dados para o PB e 120, para o PE) em relação ao número total de dados, ou seja, a ordem VS é pouco produtiva nas duas variedades. Além disso, esse resultado reforça a tendência de os verbos intransitivos serem um contexto com raros ou poucos dados de ordem VS seja em contextos de escrita (Andrade Berlinck, 1995) seja de fala (Coelho, 2000 e Spano, 2002).

Podemos ainda verificar, em relação à ordem VS, a distinção básica, já apresentada na literatura (v. 2.3), entre os tipos de construções monoargumentais e transitivas. Enquanto o primeiro grupo é o contexto favorecedor da ordem VS, em que se concentra a maioria dos dados (80% (80 ocorrências) e 82% (98 ocorrências), respectivamente, para o PB e PE), o segundo tipo inibe a ordem VS nas duas variedades.

Esses resultados na escrita sincrônica do PB e PE trazem mais evidências sobre a forte correlação entre a ordem VS e a estrutura argumental do verbo que vem sendo atestada, independentemente da abordagem, desde os estudos de Lira (1986), Tarallo & Kato (1989), Andrade Berlinck (1989, 1995) entre outros. Andrade Berlinck (1989) defende a grande importância da estrutura argumental do verbo na realização da ordem VS com base no fato de determinadas propriedades do SN, como, por exemplo, o traço [inanimado], predominante nas construções monoargumentais, estarem vinculadas à grade temática do verbo. Dessa forma, a relevância do traço [inanimado] na ordem VS é derivada da relação sintático-semântica que o

argumento estabelece com o verbo. No trabalho diacrônico de 1995, a autora reforça esse posicionamento ao verificar, nas amostras do século XX do PB e PE que

“[...] a idéia bem conhecida de que o sujeito pós-verbal típico é [- animado] e que ele carrega função temática [tema] decorre, em grande parte, do tipo de construção verbal em que o sujeito aparece. [...] No português moderno, a posposição do sujeito tende a se limitar aos verbos monoargumentais. Ainda que o sujeito desse tipo de verbo seja predominantemente [-animado] e [tema], a correlação entre esses traços e a posposição aparece como um fato derivado.”<sup>53</sup> (Andrade Berlinck, *op. cit.* p. 362-3) [minha tradução]

A seguir, apresentamos os resultados das construções monoargumentais e transitivas, que são analisados separadamente, por constituírem ambientes opostos quanto à realização da ordem VS. Quando pertinente, comentaremos os pontos comuns entre as construções.

#### 4.3.1.1 Construções monoargumentais

As construções monoargumentais correspondem aos verbos inacusativos prototípicos, os intransitivos, as construções passivas sintéticas e analíticas e as construções copulativas. Na análise geral dos dados, os monoargumentais não foram reunidos em um único grupo, como os transitivos diretos, por apresentarem diferenças significativas na sua estrutura argumental e sintática. Os verbos intransitivos selecionam um argumento externo, diferentemente das construções inacusativas, sejam elas constituídas de inacusativos prototípicos sejam elas passivas sintéticas ou analíticas, todas exibindo o argumento interno na função de sujeito. E as construções copulativas selecionam como argumento uma mini-orção.

---

<sup>53</sup> “[...] l’idée bien connue que le sujet postverbal typique est [-animé] et qu’il porte le rôle thématique [objectif] découle en grande partie du type de construction verbale où le sujet apparaît [...] En portugais moderne, la position tend à se limiter aux verbes monovalents. Puisque le sujet de ce type de verbe est de façon dominante [-animé] et [objectif], la corrélation entre ces traits et la position apparaît comme un fait dérivé.”



Para uma melhor visualização dos dados, retomamos os resultados da tabela 4.1 sem os dados dos verbos transitivos diretos:

CONSTRUÇÕES MONOARGUMENTAIS	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R. <sup>54</sup>	Apl./T	%	P.R.
Construções passivas sintéticas	17/20	85%	.97	32/37	86%	.98
Verbos inacusativos prototípicos	47/95	49%	.92	43/96	45%	.92
Verbos inergativos	1/16	6%	.45	1/20	5%	.43
Construções copulativas	10/240	4%	.44	19/237	8%	.52
Construções passivas analíticas	5/77	6%	.38	3/57	5%	.36
<b>TOTAL</b>	<b>80/448</b>	<b>18%</b>		<b>98/447</b>	<b>22%</b>	

**Tabela 4.4: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo o tipo de construção monoargumental**

Em termos probabilísticos, os resultados da tabela 4.4 (p.134) apontam, nas duas variedades, um contraste: em um extremo, estão as passivas sintéticas e os inacusativos prototípicos que favorecem a ordem VS, no outro, as passivas analíticas que desfavorecem essa ordem. Esses pesos são obtidos numa rodada que inclui os transitivos. Na rodada em que estes não foram considerados, os pesos se mostraram diferentes, embora mantivessem a mesma ordem de significância quanto à ordem VS.

Na posição intermediária, com os pesos relativos muito mais próximos em relação às construções que desfavorecem a ordem VS, encontram-se, em posições invertidas, as construções copulativas e os intransitivos nas duas variedades. No entanto, a diferença entre os seus pesos relativos é mais acentuada no PE (.52 construções copulativas e .43 verbos intransitivos) do que no PB (.44 construções copulativas e .45 verbos intransitivos). Talvez essa diferença possa ser um indício para uma diferença qualitativa entre as variedades. A confirmação dessa idéia depende, contudo, da observação mais acurada dos dados.

<sup>54</sup> Os pesos relativos são referentes ao número total de dados de VS, considerando os verbos transitivos.

Inicialmente, levantamos as características do argumento das construções monoargumentais que estão ligadas à ordem VS, considerando apenas os fatores não-selecionados pelo Varbrul: o traço de animacidade, a forma de realização e o estatuto informacional do SN. A partir do cruzamento destes fatores com os tipos de construção monoargumental, conforme apontado na literatura, temos uma tendência nítida na ordem VS, nas construções inacusativas, de os traços do SN serem tipicamente [inaminado], [+nominal], [+novo] e, nas construções inergativas, [+animado], [+nominal].

Como comentamos em 4.3, a oposição entre os traços de animacidade entre as construções inacusativas e inergativas já era previsível em função do certo paralelismo com o papel temático exercido por cada um dos argumentos. Já a forma de realização do SN essencialmente [+lexical] está relacionada ao fato de as construções monoargumentais inibirem a ordem VS com pronomes pessoais e demonstrativos, uma vez que estes se referem a um elemento mencionado no contexto precedente e, portanto, possuem uma carga informacional diversa daquela característica desse tipo de construção de um argumento (função apresentativa/informação nova). No caso dos pronomes pessoais, há uma tendência maior de não ocorrerem na ordem VS, porque, quando carregam os traços [+humano] (176 e 177) ou [-humano] (178 e 179), apresentam, respectivamente, um alto e “médio” grau de referencialidade<sup>55</sup> (v. Cyrino, Duarte & Kato, 2000). Por isso, os pronomes pessoais são deslocados para a posição de sujeito:

---

<sup>55</sup> Com base no estudo de Tarallo (1983), que constata a correlação entre a diminuição da categoria vazia na posição de sujeito e seu aumento na posição de objeto, Cyrino, Duarte & Kato (2000) verificam que a referencialidade do pronome é um dos fatores que influenciam os processos de mudança que envolvem a sua representação. O objeto nula começa a se implementar pelos itens menos referenciais, enquanto os sujeitos plenos, pelos itens mais referenciais. Com base nessa observação, as autoras propõem uma hierarquia de referencialidade, que tem num dos extremos os pronomes [+ referenciais] – os de 1ª. e 2ª. pessoas, inerentemente [+animados], seguidos pelos de 3ª. No extremo oposto, estão os que se referem a uma proposição.

## [+ humano]

- (176) “No nosso imaginário, a história da violência na cidade pode ser resumida numa coleção de casos exemplares de forte impacto, o último dos quais a morte estupefaciente do menino João Hélio após um roubo de carro. Quando eles acontecem, a omissão torna-se efervescência.” (PB, art, 24)
- (177) “O 11 de Setembro teria de entrar, como o assassinato de J.F. Kennedy, na história da literatura americana. Roth não consegue falar bem disto, não é o seu território. O mundo em que ele cresceu é o da Rússia contra a América e da I e II Guerras.” (PE, cro, 68)

## [-humano]

- (178) “O Supersimples é um largo passo à frente, por unificar impostos federais, estaduais e municipais, e ainda permitir algumas medidas para ampliar a desburocratização por exemplo, na emissão de alvarás para o funcionamento de uma nova empresa. A depender da atividade, ele pode ser emitido em 48 horas, emitido em 48 horas, como já ocorre no município de Petrópolis.” (PB, edit, 137)
- (179) “Claro que as provas são o essencial, mas tão depressa como elas são exigidas se esquece que há uma denúncia que diz em voz alta o que em voz baixa quase toda a gente sabe.” (PE, edit, 214)

Nos *corpora*, as ocorrências de pronome pessoal se restringem à 3ª pessoa devido à própria estrutura argumental do verbo (por exemplo, passivas sintéticas e determinados verbos inacusativos prototípicos como *acontecer*, *acabar*, *bastar*, *ocorrer*) e às características dos gêneros textuais que favorecem, na escrita, o uso de 3ª pessoa. Além disso, na variedade brasileira as ocorrências com pronomes pessoais e demonstrativos ocorrem categoricamente na ordem SV e estão concentradas nas construções copulativas. No PE, esse comportamento categórico não ocorre com os pronomes demonstrativos, pois aparecem três casos na ordem VS, 2 com as construções copulativas e 1 com verbo inacusativo prototípico. Nestes dois tipos de construções, é encontrada a maioria das ocorrências dos demonstrativos com a ordem SV.

O traço [+ novo], a marca discursiva do SN na ocorrência da ordem VS, decorre do caráter apresentativo das construções inacusativas de introduzirem novos elementos no discurso. No PB e no PE, os verbos inacusativos prototípicos e as passivas sintéticas são as construções mais associadas a essa propriedade discursiva. Como os verbos inergativos

apresentam, nos dois *corpora*, uma única ocorrência na ordem VS, não é possível estabelecer uma tendência em relação ao estatuto informacional, embora, tanto no PB como no PE, o SN seja marcado pelo traço [+novo].

Como podemos observar, os traços do SN relativos à ordem VS até aqui apresentados estão associados, em grande parte, à grade temática das construções monoargumentais e, por isso, não se mostraram relevantes na marcação na ordem VS nos *corpora* analisados. Portanto, o tipo de construção verbal atua fortemente na realização da ordem VS, se sobrepondo ao comportamento dos outros fatores. A importância do papel do tipo de construção verbal é ratificada a partir das rodadas a que foram submetidas apenas as construções monoargumentais, utilizando os mesmos grupos de fatores (à exceção do grupo de fatores ligado ao tipo de complemento por ser restrito a construções transitivas). Mais uma vez, nas duas variedades, o tipo de construção verbal é selecionado como primeiro fator significativo para a ordem VS, apresentando a mesma distribuição probabilística dos dados, quanto ao tipo de estrutura monoargumental, mostrada na tabela 4.4.

No PB, a única diferença foi a eliminação do último grupo de fatores “extensão do SN” entre os fatores selecionados na rodada com os transitivos (v. quadro 4.1, p.128) que seguiram a mesma ordem de significância: tipo de construção monoargumental, elemento à esquerda e definitude. Também no PE o último grupo de fatores, o estatuto informacional do SN, presente nas rodadas com todos os tipos de construções (monoargumentais e transitivas) foi descartado. A seleção dos demais fatores é exatamente a mesma: tipo de construção monoargumental, elemento à esquerda do verbo, extensão do SN e definitude.

Vamos agora verificar como cada tipo de construção verbal se comporta em relação à ordem VS nas duas amostras.

A passiva sintética é a construção inacusativa que mais favorece a ordem VS, apesar da pouca ocorrência de dados, sobretudo no PB. O comportamento quase categórico na ordem

VS deve-se à própria natureza da construção. Derivada de uma estrutura com o verbo transitivo direto, a passiva sintética seleciona um argumento interno que tipicamente permanece na posição de objeto (sua posição de origem) e apresenta o traço [inanimado]. Nos *corpora* aqui considerados, todos os dados são marcados pelo traço [inanimado]. Dessa forma, o argumento interno apresenta características que o impedem de ocupar a posição de sujeito na estrutura superficial. Observem-se os seguintes exemplos:

• **PB**

- (180) “Quando esta [Alemanha Oriental] caiu, em 1990, descobriu-se nas proximidades do campo uma cova coletiva com os restos de cerca de dez mil pessoas.” (PB, cro, 101)
- (181) “A primeira discussão que surgiu foi em relação às ações de improbidade nas quais se analisou a política do governo.” (PB, art, 284)

• **PE**

- (182) “Na mesma semana em que entravam em vigor os novos Código Penal e Código do Processo Penal, choveu um coro de protestos e levantou-se um mar de dúvidas.” (PE, edit, 087)
- (183) “O paradoxo , educativo, mostra que não se podem fazer proporções simples<sup>56</sup> quando se usam medidas relativas”. (PE, cro, 023)

No entanto, ainda se encontram algumas construções em que o argumento interno se desloca da sua posição de origem para ocupar a posição de sujeito superficial conforme os seguintes dados exemplificam:

• **PB**

- (184) “As privatizações geraram um saldo negativo.A maioria dos processos não atendeu as necessidades do país. Prejudicou o Estado brasileiro [...].A universalização dos serviços, um dos argumentos usados para justificar a venda do patrimônio público não se concretizou.” (PB, edit, 201)

---

<sup>56</sup> Tanto no PB quanto no PE, em todos os dados, ocorre a concordância entre o verbo transitivo e argumento interno plural.

• PE

- (185) “O caminho para uma generalizada intervenção estrangeira (australiana?) estaria completamente aberto, pois seria impossível ao dedicado contingente da GNR acorrer a uma situação desta dimensão. E, note-se, tal intervenção verificar-se-ia em circunstância em que haviam desaparecido os mais reconhecidos e legitimados dirigentes timorenses” (PE, art, 149)
- (186) “No mundo das artes e das letras, por norma, os best-sellers são mal vistos. A razão não é completamente despicienda: os avanços fazem-se com quem arrisca”. (PE, cro, 321)
- (187) “O que interessa é participar e o futebol é, como se sabe, contra o racismo e a violência. Além disso, o desporto é uma escola de homens (com H grande) e de virtudes. Tudo isto se diz quando se ganha. Quando se perde, a coisa muda de figura”. (PE, edit, 078)

Quando o argumento interno se desloca para a posição de sujeito da superfície, recebe Caso nominativo e estabelece com o verbo uma relação de tópico-comentário (v. Mateus, *et al.*, 2003), em que toda a frase adquire o estatuto de informação nova. Em (184), por exemplo, a sentença representa a conclusão do editorial.

No entanto, é possível uma outra leitura para os SNs das sentenças (185) e (186) uma vez que se remetem a itens já mencionados no discurso. Os pronomes *tal* e *tudo* reforçam a retomada de informação do SN para onde dirigem o foco informacional.

Seguidos das passivas sintéticas, estão os verbos inacusativos prototípicos que também apresentam um peso probabilístico bastante elevado quanto à ordem VS (.92) nas duas variedades). No entanto, se atentarmos para as frequências percentuais do PB (49%), praticamente se anula a distinção entre a ordem SV/VS enquanto, no PE, a ordem VS apresenta uma frequência 10% mais baixa (45%) do que a ordem SV (55%). De certa forma, os resultados para o PB interagem com os de Spano (2002) na medida em que, também na fala culta do PB (década 90), os inacusativos apresentaram essa distribuição quase equativa entre as ordens SV/VS. Partimos, então, para uma análise qualitativa dos dados.

Diferentemente das passivas sintéticas, que exibem praticamente uma ordem VS, os inacusativos prototípicos apresentam, frequentemente, tanto a ordem VS como a ordem SV, pois impõem menos restrições ao seu argumento interno que as sintéticas. Embora

compartilhem os mesmos traços semânticos do SN em relação à ordem VS, determinados inacusativos prototípicos podem admitir também o traço [animado].

No levantamento dos dados, verificamos que, embora os SNs marcados pelo traço [+animado] sejam pouco ocorrentes no PB e no PE, representando, respectivamente, 14% e 9%, a presença do traço [+animado] tende a favorecer a ordem VS nos inacusativos prototípicos (188) e (189). Além disso, à exceção de um caso no PE (190), que representa a sentença introdutória do texto, as ocorrências com o traço [+animado] na ordem VS apresentavam um elemento à esquerda do verbo (188, 189, 191), justamente um fator selecionado para a marcação da ordem VS (v. 4.3.4).

(188) “[...] a polícia não apura: apenas 5% dos homicídios são elucidados, e menos que isso vão a julgamento. E faltam, no mínimo, 150 mil vagas em presídios [...]” (PB, art, 086)

(189) “Nestes três anos aconteceu o chamado “caso Maddie”. Descobriu-se que a investigação criminal é fraca, que a maioria das provas são escutas telefônicas ou confissões. Ou seja, criaram-se mais dúvidas [...]” (PE, edit, 291)

(190) “Faleceu Luciano Pavarotti;aquele que foi, talvez, o primeiro cantor de ópera “superstar” do mundo.” (PE, edit, 51).

(191) “Nesta semana, o governo espanhol comemorou a queda nos indicadores de criminalidade. No país europeu, morreram 1,2 mil pessoas vítimas de homicídio no ano passado.” (PB, art, 169)

Um outro aspecto a ser destacado nas construções inacusativas é o tipo semântico que, de acordo com Coelho (2000) e Spano (2002) participam na definição de contextos que mais se adaptam à ordem VS. Com base na classificação de Spano (2002), os verbos inacusativos foram agrupados de acordo com o seu sentido existencial (*existir*), mudança de estado (*acabar, acontecer, surgir*), permanência de estado (*predominar, prevalecer*) e movimento (*entrar, chegar, ir, vir*). Vejamos a distribuição dos dados nas duas variedades:

TIPO SEMÂNTICO DOS VERBOS INACUSATIVOS PROTOTÍPICOS	PB		PE	
	Apl./T	%	Apl./T	%
<b>Movimento</b>	11/13	85%	15/17	88%
<b>Existencial</b>	2/3	67%	5/8	63%
<b>Mudança de estado</b>	34/75	45%	23/69	33%
<b>Permanência de estado</b>	0/4	0%	0/2	0%
<b>TOTAL</b>	47/95	49%	43/96	45%

**Tabela 4.5: Distribuição da ordem VS em construções declarativas na escrita do PB e do PE, segundo o tipo semântico dos verbos inacusativos prototípicos**

Na tabela 4.5, embora o número de dados não seja tão significativo com os verbos com sentido existencial e permanência de estado, os resultados confirmam que existe uma relação entre o tipo semântico do verbo inacusativo e o tipo da ordem. Nas duas variedades, os verbos de movimento (192) e os existenciais (193) são aqueles que mais se associam à ordem VS, enquanto os de permanência de estado ocorrem categoricamente na ordem SV (194). Entre esses dois tipos semânticos, estão os verbos de mudança de estado que apresentam uma diferença de comportamento entre as variedades. Ao compararmos os percentuais entre os tipos semânticos, os verbos mudança de estado se aproximam mais da ordem VS no PB do que no PE (196).

(192) “Depois de perguntar se vale carnaval paulista (como não, Betti?) [...] ele também manda sua sugestão: “Receita pra bom carnaval” [...]E chega outro e-mail de Paulo Betti.[...] Outra pérola de Botucatu: “Papagaio come milho”.” (PB, cro, 22)

(193) “Por outro lado, os poucos resultados produzidos, designadamente na recolha da prova, consolidam o sentimento latente na sociedade portuguesa de que os “poderosos” se protegem e de que existe uma certa impunidade.” (PE, art, 169)

(194) “Desde a década de 60 já se sabe que energia limpa é melhor e, no longo prazo, mais barata e menos danosa, mas os grandes colossos econômicos decidiram que a energia fóssil ia mesmo prevalecer.” (PB, cro, 140)



- (195) “A fórmula para a proliferação do *Aedes aegypti* no verão é sempre a mesma: ignorância da população — porque as medidas preventivas são, na verdade, muito simples — resultado da falta de uma campanha de esclarecimento. Bem como a ausência da pronta reação das autoridades que se deve esperar assim que começam a aparecer os primeiros casos. Para piorar, geralmente surge um desanimador ingrediente adicional: a troca de acusações entre as administrações municipal, estadual e federal..” (PB, edit, 112)
- (196) “Ano inseguro acaba, ano inseguro começa. É quase uma ironia. Depois de um ano marcado pela questão da segurança e das armas ilegais, que acaba com o procurador-geral da República a avisar que o caso da violência da noite do Porto está longe do fim, o novo começa com uma morte. Uma bala perdida numa comemoração perigosa do réveillon num bairro social de Gaia: tiros para o ar, “como há sempre”, segundo uma vizinha [...]” (PE, edit, 156, 157, 159)

O comportamento do tipo semântico nos verbos inacusativos na escrita padrão do PB se mostra similar aos resultados encontrados por Spano (2002): os verbos de movimento que assumem um sentido inacusativo seguidos dos inacusativos de mudança de estado são os contextos mais favoráveis à ordem VS enquanto os verbos inacusativos de permanência de estado constituem um ambiente mais propício à ordem SV. Quanto aos verbos existenciais, não é possível comparar os dados, porque a autora considerou os verbos *haver*, *ter* como existenciais diferentemente deste estudo.

No caso dos verbos de mudança de estado, a diferença de comportamento entre as variedades pode estar relacionada à distribuição dos itens lexicais que o compõem. Esse grupo abarca uma variedade de verbos cuja ocorrência é bastante diversificada. Por exemplo, um verbo como *acontecer* aparece, na ordem VS, uma única vez no PB, mas quatro vezes no PE, sendo apenas uma na ordem VS. Na análise de Santos & Duarte (2006), com textos de jornais cariocas, o item lexical se revela como um fator significativo para a ordem VS. As autoras verificam que certos grupos de itens lexicais (aqui trabalhados como inacusativos de mudança de estado) como *faltar/bastar*, *aparecer/surgir/chegar* tendem para a ordem VS, enquanto outros, como *morrer/crescer/nascer* para SV.

Apesar de não controlar o item lexical na análise, levantamos os verbos mais frequentes que seguiram a tendência verificada pelas autoras. Para a ordem VS, encontram-se os itens

lexicais *surgir*, *vir* (movimento), *faltar* no PB, e no PE, *vir* (categórico), *chegar*, *entrar*, justamente os verbos de movimento. Para a ordem SV, no PB, são os verbos *acontecer*, *crescer*, *morrer* e no PE, *crescer* e *começar*.

Cumpramos destacar que optamos por fazer uma rodada somente com os inacusativos, apesar das poucas ocorrências, para avaliar a relevância do tipo semântico do verbo e comparar a seleção dos fatores com aquela apresentada pelas construções monoargumentais. Foram selecionados apenas dois fatores no PB e no PE. Nas duas variedades, a definitude do SN se mostrou como o mais relevante. Como segundo fator, aparece o gênero textual no PB e, no PE, a extensão do SN.

Verifica-se que, à exceção do gênero textual, os demais fatores estão presentes entre os que foram considerados relevantes para a marcação da ordem VS em todas as rodadas. Dessa forma, os comentários a respeito da definitude e extensão do SN para as construções inacusativas serão especificamente apresentados nas seções em que esses grupos de fatores serão analisados (4.3.4 e 4.3.5, respectivamente).

Quanto ao gênero textual, como os inacusativos são contextos específicos de ocorrência, a sua seleção pode estar relacionada a uma distribuição irregular dos dados entre os informantes. Seria necessária a coleta de mais dados e o controle sobre cada informante para melhor verificar a atuação do gênero textual nos inacusativos prototípicos.

Em oposição aos inacusativos e a outras estruturas monoargumentais inacusativas, estão os verbos inergativos que selecionam um argumento externo. Como o seu argumento exige o traço [+agentivo], o comportamento sintático dos inergativos está relacionado essencialmente à ordem canônica SV. Nas duas variedades, os seus pesos relativos estão mais próximos aos grupos das construções (passivas analítica) que desfavorecem a ordem VS.

No entanto, ainda que raramente, a ordem VS é possível com esses verbos devido ao seu caráter monoargumental. Observem-se os seguintes exemplos:

- (197) (a) “No jogo final da Copa de 50 contra o Uruguai, Bauer apoiou,Danilo jogou no meio e Bigode na lateral” (PB, cro, 72)
- (b) “Palavras podem tudo, podem até dar prazer. [...]Fora delas não há nada, no nada, grita o beato que toda quarta-feira abre o falante no Cosme Velho, puxa da guitarra desafinada e solta o verbo catártico contra diabos que só ele vê.” (PB, cro, 299)
- (198) (a) “Greene precisava de viajar para escrever.Roth viaja dentro do quarto (PE, cro, 44)
- (b) “A palavra resort provoca frio na espinha e ataque de ansiedade estival. O resort é um lugar para onde viajam espécies migratórias do Norte e Centro da Europa à procura de Sol e calor.” (PE,cro,237)

Nos exemplos (197b) e (198b), em contraste com (197a) e (198a), o SN é marcado com o traço [+pesado], que está entre os fatores selecionados na realização da ordem VS. Nas rodadas em que se consideraram, primeiro, apenas as estruturas monoargumentais e, em seguida, somente os inacusativos, no PE, a extensão do SN sempre está entre os fatores mais significativos. Além disso, Coelho (2000) e Spano (2002) também apontam esse traço como uma possível explicação para a ordem VS nos verbos inergativos.

Esses casos correspondem a estruturas denominadas por Tarallo & Kato (1989, 2003) de frontamento do verbo (“*V-fronting*”) em que é o verbo que se antepõe ao sujeito. Segundo os autores, geralmente há um elemento à esquerda da oração que desencadeia o movimento do verbo. Nos casos (146b) e (147b), são o sintagma adverbial *no nada* e o elemento Qu- onde, respectivamente. Dessa forma, o argumento externo é interpretado como parte do foco da sentença.

No PE, essa análise é reforçada a partir do SN “nu” (“espécies migratórias”) selecionado pelo verbo que, segundo Duarte (2003:286), é um tipo de SN mais facilmente admitido na posição de objeto do que de sujeito.

A presença de um elemento à esquerda do verbo, portanto, é um outro fator que atua conjuntamente com a extensão do SN. Como veremos mais detalhadamente nas seções 4.3.3 e 4.3.5, são justamente esses elementos que mais favorecem a ordem VS.

Passemos agora para as construções copulativas que se diferenciam das outras construções inacusativas por selecionarem como complemento uma mini-orção [<sub>sc</sub>[João]<sub>SUJ</sub> [jogador]<sub>PRED</sub>]), em que o sujeito é argumento do predicado da mini-orção. (Mioto *et al.*, 2007). Semelhantemente aos inergativos, as construções copulativas apresentam de forma sistemática a ordem SV, em mais de 90% das ocorrências, nas duas variedades de modo que a ordem VS se limita a alguns (senão raros) casos.

Do ponto de vista quantitativo (v. tabela 4.4), observamos uma diferença de comportamento entre o PB e o PE: enquanto no PB, os pesos relativos se assemelham aos dos inergativos, no PE, se afastam consideravelmente, fazendo com que as construções copulativas sejam um ambiente mais favorável à ordem VS que os inergativos, embora, nas duas variedades, os pesos relativos se aproximem mais dos contextos que desfavorecem a ordem. É necessário ainda assinalar que, ao comparamos as freqüências de uso da ordem VS entre as variedades, o PE apresenta 50% a mais de ocorrências que o PE.

Para analisar essas diferenças do ponto de vista qualitativo, foi considerado o tipo de configuração empregado nas construções copulativas que, nos estudos de Andrade Berlinck (1995 , 2000), se mostrou relevante para a diferenciação entre as variedades. Encontramos três tipos de configuração que são exemplificadas a seguir:

- **VXS**

(199) “[..] precisamos, em primeiro lugar, de mais polícia. De mais policiais também, mas, antes disso, de policiais bem remunerados, treinados [...] Também são necessários mais presídios [...] e uma bela reforma no judiciário para acelerar os julgamentos.” (PB, art, 087)

- (200) “Para afastar a hipótese de uma epidemia de dengue no Rio de Janeiro ;durante a realização dos Jogos Pan-Americanos, está em curso uma operação integrada entre governos federal e estadual e a prefeitura.” (PB edit, 097)
- (201) “O jornal denunciava que em nenhum dos interrogatórios tinha estado presente um advogado de defesa [..]” (PE, edit 276)
- (202) “Apesar de filho de eminente jurista, dos meandros e das técnicas próprias de um processo de justiça percebo pouco. Muito pouco, mesmo. Não me são diferentes contudo, bem pelo contrário, algumas decisões de tribunais sobre casos que ferem o mais elementar senso comum.” (PE, art, 276)

• **VSX**

- (203) “Para esses jovens assassinos, o Estado, que se resume à polícia e ao juiz, só surge em suas vidas para apontar o crime e lavrar a pena. Não tem sido diferente com jovens de classes média e alta e aqui podemos dizer que o Estado não é o único responsável. Sim, somos todos nós responsáveis por aquela cena de horror.” (PB, art, 222)
- (204) “O mais santo dos cidadãos começa a rever suas idéias sobre pena de morte, sobre cidadania que só atinge criminosos, até mesmo sobre desforra física. E chegamos lá, afinal, pelo menos em pensamento, somos todos bárbaros.” (PB, cro, 33)
- (205) “O “Público” revela que, na década de 80, Sócrates ter assinado projectos de engenharia que não eram da sua autoria, mas de colegas da Câmara da Guarda que não os podiam assinar por incompatibilidade legal. Mais uma vez, não há relevância do ponto de vista legal. Mas, uma vez mais, fica tudo muito mal” (PE, edit, 221)
- (206) “E o brilhante economista Francisco Loução como que consegue fazer a quadratura do círculo?Controlar o défice, sem aumentar impostos, nem congelar carreiras na Função Pública, reduzir o desemprego, mas aumentar os impostos sobre as empresas e os bancos, esperando que o investimento suba e o consumo também, sem desequilíbrio nas contas externas.É esta a receita que o BE propõe.” (PE, art,94)

• **XVS**

- (207) “Esse flagelo [o das drogas] não poder ser vencido, apenas, com medidas isoladas. Indispensável é o papel do médico, muito útil à ação legal, especialmente contra os traficantes.” (PB, art, 271)
- (208) “Vejam os Governo de José Sócrates. Entrou decidido a reformar, apesar das críticas e de todos os contratemplos. Não se importou que lhe chamassem autoritário e pouco dialogante, porque na sua cabeça (e na de todos) estava o excesso de diálogo de Guterres. (PE, edit,304)

• **VX#S (antitópico)**

- (209) Nas próximas noites a separação entre os dois [Júpiter e Vênus] aumenta, até que Júpiter cair engolido pelo brilho do Sol, enquanto Vênus continuar a sua subida no céu. São assim as deusas.” (PE, art, 72)

Entre as configurações, a mais comum no PB (7 dos 10 dados) é a configuração VXS, sendo raras as configurações XVS (2 dados), VSX (1 dado). Por sua vez, o PE apresenta uma distribuição quase uniforme das ocorrências entre os três primeiros tipos de configuração VXS (5 dados), XVS (6 dados), e VSX (7 dados), seguidos pela VX#S(1).

Em todas essas construções, o sujeito pós-verbal apresenta um tipo de leitura, tendo em vista a sua natureza informacional (Kato & Tarallo, 1993; Andrade Berlinck, 1995): o sujeito de VXS, ao ocupar a posição final da sentença sem estar deslocado, constitui o foco da sentença. Conforme se observa tanto nos exemplos (199 a 202) como na maioria dos dados, o SN dessa construção é marcado pelos traços [-definido] e [novo], além de apresentarem um elemento à esquerda do verbo.

Já em VSX o sujeito faz parte do comentário e não exerce isoladamente qualquer função discursiva. Nos *corpora*, em todos os casos (203 a 206), o SN apresenta o traço [+definido], remetendo a um elemento já mencionado textual ou situacionalmente no discurso.

Na configuração XVS, também o sujeito está associado ao verbo, mas o elemento X, que está deslocado, é interpretado como tópico da sentença. Nesse caso, todos os SNs sujeitos são marcados [+definido]. E, em VX#S, o sujeito é analisado como *tópico* que está fora da sentença. No único exemplo do PE, o SN contém [+definido].

Apesar de representarem casos residuais de ordem VS, os resultados das construções copulativas mostram diferenças significativas entre o PB e o PE já levantadas por Andrade Berlinck (1995, 2000) no seu trabalho com peças de teatro: a marginalidade das configurações XVS e VSX no PB e a possibilidade de maior variedade de configurações no PE. Podemos ainda observar que o sujeito da configuração XVS no PB limita-se ao pronome indefinido *todos* enquanto no PE aparecem sujeitos nominais e pronominais (demonstrativos e

indefinidos). Quanto à configuração VX#S, a sua única ocorrência pode estar ligada ao fato de a escrita mais formal não ser um contexto propício a esse tipo de construção como a fala.

Cumprido destacar que as construções copulativas também foram submetidas a uma rodada estatística sem as demais construções monoargumentais. Mais uma vez, a definitude apareceu entre os fatores selecionados, sendo o primeiro nas duas variedades e o único no PE. No PB, o grupo de fatores elemento à esquerda do verbo também se mostrou significativo. Esses resultados confirmam as observações feitas anteriormente para as construções copulativas que serão aprofundadas à medida que forem apresentando cada fator selecionado como relevante na análise.

Finalmente, entre as construções inacusativas, com os índices de frequência e probabilísticos mais baixos de ordem VS, estão as construções passivas analíticas. Sua ordem básica SV é decorrente do movimento do argumento interno para a posição de sujeito na estrutura superficial onde recebe caso da flexão. Entretanto, ocorrem raros casos (4, em cada variedade) em que o argumento interno não se move da sua posição de objeto conforme se ilustra com os seguintes exemplos:

- (210) “Aqui no Brasil, o inquérito , aberto na polícia, por lá fica por 30 dias, e o delegado pode pedir ao juiz diversas prorrogações. Na delegacia são colhidas as provas, tomados os depoimentos, ouvidas as testemunhas. Quando chega ao juiz, o processo já está preparado para inocentar ou para culpar [...]” (PB, art, 106)
- (211) “Dizem que , para garantir que todos podem escolher a melhor escola, pública ou privada, só que, como se vê, se todos a pudessem escolher ela rapidamente deixaria de ser a melhor. E, para que tal não acontecesse, só mesmo aos bons alunos poderia ser dada a liberdade de escolha.” (PE, art, 217)
- (212) “Infelizmente, entretanto, em Mato Grosso do Sul, onde não estão programados grandes eventos internacionais, esportivos ou não, foram infectadas pela dengue, somente no mês de janeiro, cerca de 15mil pessoas e mais três mil na primeira semana de fevereiro.” (PB, edit, 106)
- (213) “Então, o Estado teve outra ideia fabulosa: decidiu fazer um levantamento dos produtos tradicionais que necessitem de um enquadramento específico. Foi aprovado esta semana no Parlamento um grupo de trabalho que se dedicar a essa momentosa questão.” (PE, edit, 232)

Os exemplos (210), (211) e (212) mostram que, quando há um elemento que ocupa primeira posição antes do verbo, não ocorre o deslocamento do argumento interno para a posição de sujeito. Nesses casos, esses elementos constituem o tópico da sentença e, especificamente em (211), é um tópico marcado (Inês Duarte 2003b: 318).

Somente o PE apresentou um único caso (213) em que o verbo inicia a sentença, deixando a posição à sua esquerda vazia. Dessa forma, toda a sentença tem estatuto de informação nova no discurso. O seu argumento apresenta os traços de [+extenso] [-definido] que estão relacionados à ordem VS.

Outro aspecto relevante dessas estruturas é que, além de terem a capacidade “inacusativizar” o verbo, estão relacionadas às frases ativas dos verbos transitivos. Entre os aspectos, estão a correspondência na atribuição dos papéis temáticos entre o sujeito da passiva [tema] e o objeto direto [tema] e entre o agente da passiva e o sujeito da ativa e a forma participial ocorrer somente de verbos transitivos (Inês Duarte, 2003a: 522, 529). Talvez esse seja mais um indício de as passivas analíticas se aproximem do comportamento dos verbos transitivos quanto a serem contextos desfavorecedores da ordem VS.

#### 4.3.1.2 Construções transitivas

As construções transitivas correspondem aos verbos que apresentam, ao menos, dois argumentos: um externo e outro interno. O argumento externo é marcado essencialmente pelo traço [agentivo] e estabelece com o verbo a relação gramatical de sujeito enquanto o argumento interno exhibe tipicamente o traço [tema] com a relação gramatical de objeto. Como vimos, as propriedades de seleção semântica e sintática de um verbo permitem delimitar a sua ordem básica que, no caso dos transitivos, é a ordem SV. Dada à natureza da grade temática



do verbo, tanto no PB e no PE, a ordem VS com os verbos transitivos é reduzida a 4% dos dados, sendo o único contexto em que os SNs dessa ordem são marcados predominantemente pelo traço [+animado].

Em princípio, neste estudo, estabelecemos quatro categorias de verbos transitivos de acordo com a natureza do(s) seu(s) argumento (s) interno (s) e a relação gramatical estabelecida com o verbo, baseando-se na classificação Andrade Berlinck (1995) e Inês Duarte (2003b): transitivos diretos (1 argumento interno, objeto direto), transitivos indiretos (1 argumento interno, objeto indireto sob a forma de um dativo (lhe), com as preposições *a* e *para*), transitivos preposicionais (1 argumento interno oblíquo, com valor preposicional ou adverbial, com preposições fixas, principalmente, *de*, *a*, *em*), verbos ditransitivos (2 argumentos internos, objeto direto e indireto) Incluímos na categoria dos transitivos preposicionais, os verbos de movimento que selecionam um argumento externo [+agente] e um complemento circunstancial (direcional ou locativo), que pode ou não ser expresso, para diferenciá-los dos verbos de movimento que assumem um sentido inacusativo (Spano, 2002).

No levantamento de dados, nas duas variedades, observamos que a concentração dos dados está restrita a dois tipos de verbos: transitivos diretos (34%), transitivos preposicionais (9%). À exceção dos ditransitivos, os demais tipos de verbo apresentam menos de 15 ocorrências. Como era previsível, em todos os tipos, a ordem SV se mostrou altamente produtiva com uma frequência que variava de 90% a 100% nas duas variedades. Em muitos casos, a ocorrência de VS se limitava a poucos dados ocorrência. Por isso, nas rodadas estatísticas, eles foram reunidos em um único grupo.

O comportamento quantitativo da ordem VS nos verbos transitivos nas duas variedades são similares, o que nos surpreendeu, pois esperávamos confirmar nossa hipótese de encontrar uma frequência significativamente maior de ordem VS no *corpus* do PE do que no do PB, tendo em vista a característica de a variedade brasileira exibir preferencialmente sujeitos

preenchidos ao contrário da européia. Faz-se necessária uma análise qualitativa dos dados para verificar se essas semelhanças permanecem entre as variedades.

Vejamos a distribuição dos dados da ordem VS, em cada variedade, em relação aos tipos de verbo:

TIPO DE VERBO TRANSITIVO NA ORDEM VS	PB		PE	
	Apl./T	%	Apl./T	%
Transitivos diretos	20/344	6%	17/411	4%
Transitivos preposicionais	01/85	1%	04/73	5%
Transitivos indiretos	0/02	0%	01/11	9%
<b>TOTAL DA ORDEM VS</b>	<b>21/431</b>	<b>5%</b>	<b>22/495</b>	<b>4%</b>

**Tabela 4.6: Ordem VS, segundo o tipo de verbo transitivo, em construções declarativas na escrita do PB e do PE**

Embora os tipos de verbo transitivos apresentem poucas ou raras ocorrências de ordem VS, é possível apontar algumas considerações. Em números absolutos, tanto no PB quanto no PE, a ordem VS se concentra nos verbos transitivos diretos que são mais suscetíveis à ordem VS. No PE, os verbos preposicionais apresentam praticamente a mesma frequência de ordem VS que os transitivos diretos, embora sejam superados pelos transitivos indiretos. Verifica-se, portanto, que, ao contrário do PE, o PB tende a impedir a realização da ordem VS quando o argumento interno é precedido por uma preposição seja um argumento preposicionado seja um objeto indireto. Por isso, no PB, a possibilidade de ordem VS é ainda maior com os verbos transitivos que apresentam um único argumento interno sem preposição.

Levando em consideração os dados de ordem VS dos verbos transitivos, verifica-se que, no PB, das 20 ocorrências, 14 aparecem com orações conformativas (214) e 3 com verbos *dicendi* (215) e 3 com verbos leves (216):

- (214) (a) “Não se podem desrespeitar as garantias individuais pois, como já ensinava o Padre Vieira, “dispensam-se as leis por utilidade e abre-se a porta à ruína universal que só se pode evitar com a observância inviolável das leis”.” (PB, art, 291)
- (b) “Como mostra a recente situação no Rio, onde policiais organizados disputam favelas com bandidos organizados, a polícia no Brasil é o problema, não a solução.”. (PB, art, 80)
- (215) (a) “*Tempo é dinheiro* [...] *nenhuma*, diz um verso de “Contrapartida”, canção que abre o disco do Binário. (PB, cro, 226)
- (b) “Diz ele [o papa João Paulo II] ser “particularmente oportuno refletir sobre a gravidade da problemática apresentada pelo fenômeno da droga. [...]”.” (PB, art, 254)
- (c) “Disse o Santo Padre II: “*A luta contra o flagelo da toxicomania , problemática de todos os homens, cada qual segundo a responsabilidade que lhe compete* [...]”.” (PB, art, 259)
- (216) a. “Plebiscitos e referendos, válidos quando usados criteriosamente, tornam-se perniciosos ao serem manipulados por forças políticas que costumam investir contra a arquitetura da democracia representativa. Não é sem motivo que faz parte do kit bolivariano de tomada do poder a convocação imediata de uma Constituinte, na esteira da vitória nas urnas.” (PB, edit, 30)
- b. “É bem verdade que a maior parte dos integrantes do Fundo costuma ter uma orientação mais próxima do pensamento econômico liberal ou ortodoxo. Mas não se deve perder de vista que, na criação do FMI, teve papel central o maior economista do século XX: John Maynard Keynes é um economista que nada tinha de ortodoxo ou convencional.” (PB, art, 193)

Podemos observar que a ordem VS no PB nos transitivos diretos está concentrada em estruturas que apresentam uma ordem VS “mais fixa”, as orações conformativas e orações com verbos *dicendi*, com uma configuração predominantemente XVS.

As orações conformativas, quando comparadas aos outros tipos de oração, são pouco ocorrentes nos dois *corpora*, o que torna a ordem VS com os transitivos diretos ainda mais restrita. É também nesse tipo de oração que ocorre a maioria dos casos de ordem VS com nome próprio. Além disso, as orações conformativas se mostram mais produtivas na variedade brasileira do que na europeia, chegando ao dobro das ocorrências tanto em relação ao número total de dados (13 dados no PB, 6 dados no PE) quanto de ordem VS. Enquanto no PE, as estruturas de comparação na ordem VS se restringem ao verbo *dizer*, no PB, ocorrem de forma variada com verbos como *mostrar, ensinar, estabelecer, prever*.

A variedade de verbos com as orações conformativas na ordem VS no PB parece estar ligada a estratégias argumentativas específicas, uma vez que a maioria dos dados é encontrada nos artigos de opinião. Quando as estruturas aparecem (v. exemplo 214), introduzem, na sua maioria, frases de alguma pessoa (uma autoridade) ou fatos comprováveis cujo emprego reforçam a argumentação/contra-argumentação do informante (argumentos de autoridade). Dessa forma, as orações conformativas desempenham o papel de apresentar a sentença subsequente, para onde o foco da informação recai.

Nos casos com verbo *dicendi*, (215a) é um exemplo de estrutura que geralmente é empregada após a reprodução de citações, comentários, mostrando-se mais fixa. A citação constitui o foco da sentença (Tarallo & Kato, 1989).

Os exemplos (215b) e (215c) representam ocorrências residuais de ordem VSX: os SNs sujeitos estão relacionados à informação já mencionada no discurso e, por isso, a ênfase recai sobre o objeto que, nos dois casos, são representados por citações, tal como em (215a). Segundo Kato *et al.* (2006: 421), esses exemplos com a ordem, VSX, “soam pouco usuais para o falante do PB moderno, revelando no contexto uma opção marcada com nítidos objetivos discursivos”. As duas ocorrências são utilizadas pelo mesmo informante para destacar fragmentos de textos de João Paulo II em que o informe quer defender o ponto de vista do pontífice a respeito do uso das drogas.

Quanto aos casos de ordem VS com verbos leves (172 e 173), conforme já constado por Pilati (2002), são contextos com verbos transitivos em que a ordem VOS pode ser licenciada, por meio da presença de um elemento à esquerda do verbo: elementos Qu- (216a), sintagmas adverbiais (216b) e operadores de foco. Esse tipo de construção também ocorre no italiano (v. seção 1.3), que, como no PB, constitui um contexto específico de ordem VOS.

Destaca-se ainda que, nas duas ocorrências, os SNs são marcados pelo [+pesado], um fator que se mostra relevante na realização da ordem VS. Com base em Costa (2001) que

trabalha com o PE, a ordem VS nos verbos transitivos representados pelos verbos leves apresenta uma leitura de foco sentencial, tendo em vista que o comportamento do PB nessas estruturas é o mesmo no PE, conforme veremos mais adiante.

No caso do verbo transitivo preposicional, também a ordem VS é desencadeada pela presença de um elemento QU à esquerda do verbo:

(218) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único.” (PB, edit, 276)

Tal como o PB, o PE apresenta um número maior de dados de ordem VS com verbos transitivos diretos em estruturas de comparação com relação de conformidade (6 dados) e com os verbos *dicendi* (6 dados), em que ocorre um elemento à esquerda próprio da natureza dessas construções (conjunção *como* e a *citação*), mostrando uma configuração XVS.

No entanto, no PE, há tipos de estrutura com os verbos transitivos na ordem VS, que estão ausentes no PB: a possibilidade de o SN ficar entre o auxiliar e o verbo principal (219) com 3 dados e o verbo transitivo direto iniciar uma oração principal e ser seguido de um complemento oracional (220) com 1 dado. Além disso, o único caso de ordem de VS com verbo leve ocorre sem a presença do elemento à esquerda do verbo (221):

(219) (a) “Ao mesmo tempo, anda o BE a colar cartazes pelo país com os dizeres: “Foi para isto?” e uma fotografia de José Sócrates, de cara zangada, e mais umas frases: “Aumento de impostos, aumento de combustíveis”, etc.” (PE, art, 87)

(b) “Além disso, o desporto , uma escola de homens (com H grande) e de virtudes. Tudo isto se diz quando se ganha. Quando se perde, a coisa muda de figura. Tivesse Portugal vencido a Sérvia e nunca Scolari teria dado o célebre soco.” (PE, edit, 080)

(c) “[o governo] ocupado pelos trabalhos da presidência da UE, a agenda do país sempre um pouco mais ao abandono, poderia a oposição aproveitar.” (PE, edit, 127)

(220) “Curiosamente, o mesmo alarmismo não existiu com a libertação de Carlos Silvino, um dos arguidos do processo Casa Pia que confessou parte das acusações de que é alvo. Significa isto que o alarme actual tem menos a ver com os factos em si e mais com a visão política” (PE, edit,094)

- (221) “Teve lugar no passado fim-de-semana, em Madrid, a nona edição anual do Congresso “Católicos e Vida Pública”. Com mais de 1500 participantes, o evento decorreu num ambiente de tensão crescente entre o Governo socialista e a Igreja Católica. (PE, art, 255)

Os exemplos de (219) e (220) representam a configuração VSO. Em (219), o objeto, representado por um SN lexical, está localizado entre o verbo auxiliar e o principal enquanto em (220), o objeto está contíguo a uma forma verbal simples e constitui uma oração. No primeiro caso, seguiremos a interpretação de Costa (2001) de que o foco incide no sujeito e no objeto. Porém, em se tratando de uma oração, não se tem a mesma leitura: o sujeito não apresenta isoladamente uma função discursiva porque faz parte do comentário (Andrade Berlinck, 1995).

Em (221) ocorre ordem VOS com um verbo-leve. Devido ao traço [+ pesado] e [inanimado do SN], temos uma leitura em que o foco é ampliado para toda a sentença (Costa, 2001).

Quanto aos verbos transitivos preposicionais e transitivos indiretos, configura-se a ordem XVS em que o argumento interno preposicionado (222 a 224) e o objeto indireto (225) constituem tópicos marcados (v. Helena Brito *et al.* 2003):

- (222) “A cada cêntimo de dinheiros públicos gasto deverá corresponder a publicitação para o exterior do sistema institucional, da forma como foi utilizado”. (PE, art. 173)
- (223) “O vírus assestaria, portanto, em mim a sua maravilhosa bateria de transtornos. À dor de garganta sucederia a de cabeça”. (PE, art. 198)
- (224) “É ainda e sempre a clássica dança da oferta e da procura. É conveniente lembrar que na relação entre os McCann e a imprensa manda uma outra entidade, essa estrondosa maioria silenciosa a que chamamos opinião pública.” (PE, cro, 146)
- (225) “A [George] Clooney, basta-lhe um sorriso quando já existem créditos finais no ecrã, para ilustrar a redenção da personagem.” (PE, cro, 116)

Os exemplos (219a), (219b), (220) e (221) deixam a posição inicial vazia antes do verbo. No PB, como vimos, essa possibilidade com os verbos transitivos é praticamente

vedada, tendo em vista que as ocorrências de ordem VS sem o elemento à esquerda do verbo são contextos marcados. A atuação do elemento à esquerda do verbo é apresentada com mais detalhes na seção 4.3.3.

Cumprir destacar que as poucas ou raras ocorrências de ordem VS com os transitivos confirmam, mais uma vez, o que vem sendo apontado desde 1989, por Tarallo & Kato, para o PB: a restrição de monoargumentalidade, quanto mais argumentos o verbo possui, maior a tendência de ocorrer a ordem SV.

Os resultados do PE em relação às construções transitivas sugerem que a restrição de monoargumentalidade pode ser também estendida à variante européia. No entanto, não se pode ignorar que, no PB, as restrições são ainda maiores. Nesta variedade, as ocorrências de ordem VS nos transitivos diretos se concentram em estruturas que tendem para uma ordem fixa, embora apresentem raros dados com a ordem VOS somente com verbos leves. No PE, além desses casos, ainda ocorrem, mesmo que raramente, as ordens VSO e XVS, com os verbos transitivos.

#### *4.3.2 Forma do complemento do verbo*

Este grupo de fatores está associado intimamente aos verbos transitivos, que acabamos de apresentar, uma vez que leva em conta a forma de realização do argumento interno, exercendo a função gramatical de complemento do verbo. A nossa expectativa estava no fato de a presença de um clítico tornar a ordem VS mais favorável com verbos transitivos, principalmente no PE, por esta variedade apresentar o sistema de clíticos plenos ao contrário do PB, que perdeu o clítico de terceira pessoa (Kato *et al.*, 2006).

No entanto, a forma de complemento do verbo se mostrou mais significativa, entre os grupos de fatores selecionados, para a ordem no PB (2ª posição) do que no PE, sendo selecionado nesta variedade como penúltimo grupo de fatores. Observemos os resultados na tabela 4.7:

FORMA DO COMPLEMENTO VERBAL	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
<b>Objeto nulo</b>	14/20	60%	.98	6/24	25%	.89
<b>Oração</b>	3/49	6%	.85	7/60	12%	.77
<b>Pronome relativo</b>	1/23	4%	.72	0/32	0%	—
<b>SN</b>	3/285	1%	.37	4/266	2%	.28
<b>Clítico</b>	0/11	0%	—	2/47	4%	.68
<b>Sintagma Preposicionado</b>	0/103	0%	—	3/90	3%	.55
<b>TOTAL</b>	21/469	4%	—	22/519	4%	—

Tabela 4.7: Distribuição da ordem VS no PB e PE, segundo a forma do complemento verbal.

Em linhas gerais, a tabela 4.7 mostra que o “objeto nulo” (226) e “oração” (227) , nas duas variedades, são os contextos mais favoráveis à ordem VS do que o complemento em forma do SN (228).

- (226) a. “A recusa, a covardia e o medo de discutir os limites da responsabilidade criminal que como sabem os psicólogos, são, a partir de uma certa idade, sempre arbitrários?” (PB art, 02)
- b. “[...] Que estão a servir o país, evitando um conflito com a China como eles próprios seguramente entendem?” (PE, edit, 57)
- (227) a. “*Tempo é dinheiro* [...] *nenhuma*, diz um verso de “Contrapartida”, canção que abre o disco do Binário. (PB, cro, 226)
- b. “Curiosamente, o mesmo alarmismo não existiu com a libertação de Carlos Silvino, um dos arguidos do processo Casa Pia que confessou parte das acusações de que é alvo. Significa isto que o alarme actual tem menos a ver com os factos em si e mais com a visão política” (PE, edit,094)



- (228) a. “É bem verdade que a maior parte dos integrantes do Fundo costuma ter uma orientação mais próxima do pensamento econômico liberal ou ortodoxo. Mas não se deve perder de vista que, na criação do FMI, teve papel central o maior economista do século XX: John Maynard Keynes é um economista que nada tinha de ortodoxo ou convencional.” (PB, art, 193)
- b. “Teve lugar no passado fim-de-semana, em Madrid, a nona edição anual do Congresso “Católicos e Vida Pública”. Com mais de 1500 participantes, o evento decorreu num ambiente de tensão crescente entre o Governo socialista e a Igreja Católica. (PE, art, 255)

Ao PB, acrescenta-se o pronome relativo (229) e ao PE, a presença de complemento em forma de um pronome clítico (230) e de sintagma preposicionado (231). Em contraste a essas formas, estão os SNs que desfavorecem a ordem VS no PB e no PE.

- (229) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único.” (PB, edit, 276)
- (230) “A [George] Clooney, basta-lhe um sorriso quando já existem créditos finais no ecrã, para ilustrar a redenção da personagem.” (PB, cro, 116)
- (231) “O vírus assestaria, portanto, em mim a sua maravilhosa bateria de transtornos. À dor de garganta sucederia a de cabeça”. (PE, art. 198)

Destaca-se que, em nenhuma das variedades os pronomes nominativos ocuparam a posição de complementos. Para o PB, talvez isso esteja relacionado às pressões normativas a que modalidade escrita é submetida, uma vez que esta veda o uso desses pronomes na posição de complemento por apresentarem um uso mais estigmatizado, sendo substituídos pela categoria vazia do objeto, por um SN anafórico ou pelo próprio clítico (Duarte, 1989). Como se observa, os clíticos na posição de complemento apresentam um número bastante reduzido no *corpus*, totalizando apenas 11 dados no PB. Já, para o PE, tem-se também a opção do uso dos clíticos nessa posição.

Verificamos que esses dados refletem a distribuição da ordem VS nos verbos transitivos apresentada na seção anterior. Nas formas “objeto nulo” e “oração”, são encontradas justamente as construções que foram mais frequentes na ordem VS tanto no PB quanto no PE e estão relacionadas a uma ordem “mais fixa”: as orações conformativas e os verbos *dicendi*.

Nas primeiras, os objetos não se encontram no interior do sintagma verbal, fazendo parte da proposição precedente/subseqüente à qual a estrutura de comparação está subordinada (226). Nas últimas, o objeto é quase sempre uma citação (227a). Somente no PE ocorre um caso em que o objeto é representado por uma oração (227b):

No caso em que a forma do objeto é um pronome relativo, temos a única ocorrência de ordem VS em verbos preposicionais no PB (229). Por sua vez, no PE, a forma do complemento dessas estruturas está ligada a um sintagma preposicionado (231).

Também os contextos com SNs como complementos são distintos nas duas variedades. Enquanto no PB, são os verbos leves que licenciam a ordem VOS com SNs (228a), no PE, são os verbos transitivos sob a forma de locução verbal, que permitem a ordem VSO. Além destes, há ainda um único caso de XVS com o verbo transitivo indireto (230).

Quanto aos clíticos, verifica-se que somente no PE a presença do clítico é pertinente quanto ao licenciamento da ordem VS nos verbos transitivos. Temos, portanto, parcialmente confirmada a nossa hipótese uma vez que o complemento clítico não constitui o contexto mais favorecedor, se considerarmos “objeto nulo” e “oração”.

Levando em conta o conjunto dos dados deste grupo de fator, chegamos a algumas conclusões. Primeiramente, não se pode negar que as formas do complemento, nestes *corpora*, são um efeito da distribuição dos (poucos) dados dos verbos transitivos diretos que se encontram, predominantemente, com estruturas com uma ordem VS mais fixa como as construções comparativas de conformidade e os verbos *dicendi*. Por isso, as frequências e os pesos relativos na forma de complemento “objeto nulo” e “oração” são os mais altos, principalmente, no PB, variedade em que o grupo de fatores forma de complemento verbal se mostrou mais significativa do que o PE.

Em segundo lugar, o PE é mais “sensível” à ordem VS do que a variedade brasileira quando há um complemento sob a forma de sintagma preposicionado e clíticos ao passo que ,

ambas as variedades, os SNs como complemento são os contextos que mais impedem a ordem VS nos verbos transitivos.

Para Kato (2000), a entrada de elementos nominativos na posição de complemento impede o licenciamento da ordem VS com os verbos transitivos por representarem material visível na sintaxe, diferentemente dos clíticos que esvaziam a posição de complemento. Devido à sua natureza, o clítico é incorporado fonologicamente ao verbo. Isso também explicaria o favorecimento da ordem VS com formas de complemento com “objeto nulo”. No entanto, devido, à peculiaridade das construções que ocorrem com essa forma, seria necessária uma coleta maior de dados para controlar, ao mesmo tempo, os tipos de verbos e os tipos de complemento e, assim, verificar com mais precisão o efeito dessas variáveis.

Por fim, a seleção deste grupo de fatores, nestes *corpora*, mesmo com o número reduzido de dados, sugere que a forma do complemento possibilita a ordem VS nos verbos transitivos. Nas duas variedades, o complemento “categoria vazia” e “oração” são relativamente mais favoráveis à posposição do que o complemento sob a forma de SNs. No PE, ainda atuam significativamente os sintagmas preposicionais e os clíticos.

#### *4.3.3 Preenchedores das fronteiras periféricas*

O grupo de preenchedores das fronteiras periféricas se mostra um dos fatores relevantes na marcação da ordem VS, sendo o segundo em significância no PE, como já constatado em outros estudos Andrade Berlinck (1998), Coelho (2000), Spano (2002) e Santos & Duarte (2006). Vejamos o comportamento dos elementos em cada variedade:

PREENCHEDORES PERIFÉRICOS <sup>57</sup>	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
Sintagma adverbial ou preposicionado	25/140	18%	.71	22/110	20%	.69
Elemento qu-(relativos, interrogativos)	7/60	12%	.71	9/79	11%	.61
Conjunção subordinativa adverbial	16/99	16%	.68	8/76	11%	.60
Marcador discursivo	5/85	6%	.43	10/102	10%	.49
Ausência de elemento	22/413	5%	.43	36/447	8%	.47
Conjunção integrante	2/104	2%	.24	3/103	3%	.18
Advérbios aspectuais	11/11	100%	—	16/22	73%	.91
<b>Total</b>	<b>77/923</b>	<b>8%</b>		<b>104/939</b>		

Tabela 4.8: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo o tipo de preenchedor periférico

Na tabela 4.8, observamos que, nas duas variedades, há um comportamento bastante semelhante. Os pesos relativos mostram que os sintagmas adverbiais (232), elementos qu- (233) e as conjunções subordinativas adverbiais (234) são elementos que mais favorecem a ordem VS. Podemos incluir neste caso também os advérbios aspectuais (235) que são os contextos que apresentam maior peso relativo no PE e categóricos no PB.

- (232) “De qualquer modo, aqui vai a letra completa de acordo com os arquivos de Luiz Gonzaga de Carvalho.” (PB, cro, 03)
- (233) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único.” (PB, edit, 276)
- (234) “Quando estão em causa coisas menos prosaicas do que uma viagem de táxi, as estimativas podem ser ainda mais importantes. Para um doente diagnosticado como canceroso num teste clínico, por exemplo, muito importante saber a probabilidade de o teste estar enganado e a probabilidade de estar certo.” (PB, art, 41)
- (235) “Já chega o constante fechar de olhos em relação ao que se passa em Angola e noutros países africanos (veremos o que se passará com o Zimbabwe na cimeira UE/África). Um pequeno país como Portugal deve ter uma política externa baseada em princípios e valores. (PE, edit, 66)

<sup>57</sup> Como já apontado no item 4.3, não foram computados nas rodadas os fatores com menos de 15 dados que, neste grupo, englobam os advérbios em [-mente], tópico, negação, advérbios multi-focais e advérbios aspectuais.

Era esperado que a ausência de elemento à esquerda dos verbos fosse o fator menos favorável para a marcação da ordem VS. Tanto no PB quanto no PE, eles estão, na mesma proporção, mais próximos dos pesos relativos dos marcadores discursivos e distantes das conjunções integrantes, elemento que apresenta o menor efeito sobre a ordem VS.

No entanto, se partimos para a oposição entre a presença e a ausência de elemento à esquerda do verbo, o PB e o PE (71% e 65%, respectivamente) apresentam frequências de ordem VS significativamente mais elevadas com elemento à esquerda do verbo do que aquelas observadas sem a presença do elemento pré-verbal. Esses resultados podem ser uma evidência de que, como já apontado por Kato & Duarte (2003) para a fala, o PB escrito também evitaria a posição inicial de uma sentença com um verbo (V1).

Esse tipo de estrutura também nos remete a línguas de sujeito obrigatório que conservam a ordem VS desde que apareça um elemento, preferencialmente circunstancial, na primeira posição. É o caso do inglês que licencia a ordem VS, especificamente, em estruturas denominadas “Inversões Locativas”, em que são constituídas por um sintagma preposicionado à esquerda de um verbo inacusativo.

Para melhor avaliar o comportamento do elemento à esquerda do verbo, faz-se necessário, portanto, um cruzamento desse grupo de fatores com o tipo de construção verbal.

A partir do levantamento dos dados, constatamos que tanto no PB quanto no PE o tipo de construção verbal influencia a seleção do elemento à esquerda do verbo. No PB, os sintagmas preposicionais (50%), os elementos *qu-* (60%), as conjunções adverbiais (50%) e os marcadores discursivos (100%) se concentram com os verbos inacusativos, o segundo tipo de construção verbal que tende mais à ordem VS.

Outro dado interessante é que também nos casos de ausência de preenchedor, 50% dos casos estão com os inacusativos. Esses resultados mostram que, no PB, os inacusativos são os contextos ainda mais resistentes à ordem SV uma vez que o elemento à esquerda permite que

o argumento interno permaneça na sua posição de objeto. No caso dos transitivos, é a presença de conjunções, principalmente as adverbiais (44%), e de pronomes relativos (21%) que mais permitem a ordem VS.

No PE, os inacusativos dividem com passivas sintéticas a maioria dos dados em ordem VS com os sintagmas preposicionados (36% e 31%, respectivamente) e com os marcadores discursivos (cada tipo de construção com 40%). Também no PE são os inacusativos que mais ocorrem na ordem VS (47%) sem a presença do preenchedor periférico, seguidos pelas passivas sintéticas (19%) e pelos transitivos diretos (17%). Como se observa, os verbos transitivos diretos no PE são mais suscetíveis à ordem VS sem o elemento à esquerda do verbo do que o PB. No entanto, no PE também as conjunções adverbiais e pronomes relativos (1%) atuam na marcação da ordem VS com os transitivos diretos.

Podemos depreender do grupo de fatores “preenchedores à esquerda” a configuração a que cada construção verbal está mais associada na ordem VS. A maioria das construções monoargumentais aparece, com maior frequência, com a configuração XVS, nas duas variedades, à exceção das copulativas. No PB, a ordem é marcada, principalmente, pela configuração VXS e no PE, se distribui por três tipos de configurações VSX, a mais ocorrente, seguidas, respectivamente, por XVS e VXS.

No caso dos transitivos, no PB, a ordem XVS é a mais comum entre os dados, aparecendo raramente VOS, com verbos leves, e VSO em contextos bastante específicos, configurando, portanto, o caráter marginal dessas configurações no PB (Kato *et al.* 2006).

Quanto ao PE, os verbos transitivos diretos apresentam as configurações XVS e VSO, sendo as primeiras mais frequentes entre os dados.

Em comum, as duas variedades compartilham a ordem XVS com os verbos monoargumentais e transitivos, mas se distanciam no uso das configurações relacionadas às construções copulativas (PB somente VXS) e aos verbos transitivos diretos (VSO).

A partir da seleção do grupo de fatores preenchedores das fronteiras periféricas para as duas variedades, verificamos que a ordem VS está associada predominantemente à presença de um elemento à esquerda do verbo seja ele de natureza monoargumental ou transitiva.

#### 4.3.4 Definitude do SN

A definitude é um dos grupos de fatores que é sempre relevante nos trabalhos sobre a ordem VS, e nestes *corpora* escritos também se confirma essa tendência. Vejamos os resultados no PB e no PE:

DEFINITUDE DO SN	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R	Apl./T	%	P.R.
[-definido]	38/150	25%	.76	40/175	23%	.66
[+definido]	63/815	8%	.45	80/799	10%	.46
<b>TOTAL</b>	101/965	10%		120/974	12%	

Tabela 4.9: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo a definitude do SN

Tanto os valores percentuais quanto os pesos relativos mostram uma proximidade no comportamento da definitude entre as suas variedades: o traço [-definido] (236) está mais correlacionado à ordem VS do que traço [+definido] (237).

(236) “[...] não deixe que ninguém implique porque faltou assunto.” (PB, cro, 295)

(237) “José Mourinho disse que nesse dia ficaria milionário e, que alguns meses depois, seria contratado por outro clube. Esse dia aconteceu.” (PE, edit, 102)

No entanto, em termos absolutos, os SNs predominantemente são marcados pelo traço [+definido]. A diferença entre os pesos relativos se mostra maior no PB do que no PE.

No cruzamento entre a definitude e o tipo de construção verbal, verificamos que no PB e no PE, o traço [-definido] atua mais fortemente nas construções sintéticas (100%) seguidas pelos verbos inacusativos (74%), construções copulativas (16%) e passivas analíticas (13%) para a ordem VS. As sintéticas constituem a única estrutura que, mesmo com o traço [+definido], a ordem VS é mais freqüente. Este caso peculiar se deve ao fato de as sintéticas apresentarem uma ordem VS mais fixa que as outras estruturas monoargumentais. Além disso, esses resultados reforçam o caráter apresentativo de todas essas estruturas.

No caso da ordem VS com verbos transitivos, a ordem VS está concentrada nos SNs com traços [+animado]. Isso é previsível, porque o caráter [+agentivo] se associa com mais facilidade ao traço [+definido].

O mesmo comportamento se encontra no PE em relação a esses verbos. A única diferença está no fato de as construções copulativas acompanharem os verbos transitivos na ordem VS com SNs [+definido].

Como se pode observar, também a definitude está submetida à influência do tipo de construção do verbo. A atuação de [+definido] e [-definido] se mostra mais ou menos significativa de acordo com a construção verbal.

#### *4.3.5 Extensão do SN*

A extensão do SN foi o último grupo a ser selecionado como significativo no PB, porém o terceiro no PE. De acordo com os resultados de outros estudos como os de Lira (1986), Coelho (2000) e Spano (2002), o traço [+pesado] (238) se revelou mais pertinente na ordem VS do que o traço [-pesado] (239).



- (238) “É a existência das célebres exceções, buracos e contradições legais pelos quais entram o favor, a pequena corrupção, o golpe.” (PE, edit, 235)
- (239) “[...] apesar de ser importante ter em mente que o Estatuto existe há quase 17 anos, mas não foi colocado em prática por nossas autoridades.” (PB, art, 134)

A seguir, apresentamos os resultados gerais para as duas variedades:

EXTENSÃO DO SN	PB			PE		
	Apl./T	%	P.R	Apl./T	%	P.R.
[+extenso]	47/328	14%	.64	57/305	19%	.66
[- extenso]	54/637	8%	.43	63/669	9%	.42
<b>TOTAL</b>	<b>101/965</b>	<b>10%</b>		<b>120/974</b>	<b>12%</b>	

Tabela 4.10: Distribuição da ordem VS na escrita do PB e PE, segundo a extensão do SN

Embora sejam os contextos menos freqüentes no conjunto de dados, o traço [+pesado] do SN favorece a ordem VS, embora as distâncias entre os pesos relativos não seja tão significativa.

Ao levar em conta o tipo de construção verbal, no PB, a distribuição dos dados da ordem VS com os traços [+/-extenso] entre os tipos de construção verbal é praticamente equativa, variando em apenas 1 ocorrência. Em termos percentuais, o traço [-pesado] atua na maioria dos tipos de construção, principalmente, nas construções inacusativas com uma freqüência ligeiramente maior de SNs [+pesado]: dos 37 dados, 54% (20 dados) ocorrem na ordem VS. Independentemente da presença desse traço, as passivas sintéticas e os inergativos

se comportam de acordo com a ordem a que estão associados, respectivamente, à ordem VS e à ordem SV.

No PE, o traço [+/-pesado] atua de forma mais efetiva nos tipos de construção verbal. Ele se mostra mais significativo nos verbos inacusativos com um percentual de 65%, maior que o PB, nas construções copulativas e nas passivas analíticas para licenciar a ordem VS.

O comportamento das sintéticas é o mesmo do PB devido à natureza do tipo de estrutura apresentar tipicamente a ordem VS. Já no caso dos inergativos, a única ocorrência de ordem VS está associada ao traço [+pesado], diferentemente do PB. Quanto aos transitivos, a ordem VS está ligada mais ao traço [-pesado] com uma frequência de 73%. Isso pode ser explicado pelo fato de, diferentemente das estruturas monoargumentais, os transitivos apresentarem mais de um argumento. Esse comportamento pode explicar por que a seleção do grupo de fatores “extensão do SN” foi mais significativo no PE do que no PB.

No entanto, não podemos deixar de enfatizar que esse e os demais grupos atuam em conjunto para a marcação da ordem VS.

#### *4.3.6 Estatuto informacional do SN*

Apesar deste grupo ter sido apenas selecionado para o PE, vamos considerar também os resultados do PB com o objetivo de se avaliar mais precisamente a influência do estatuto informacional na marcação da ordem VS. Os resultados gerais são apresentados na tabela abaixo:

	PE			PB		
ESTATUTO INFORMACIONAL DO SN	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R. <sup>58</sup>
Novo	93/515	18%	.58	76/518	15%	.55
Disponível	8/141	6%	.51	10/145	7%	.44
Dado	19/318	6%		15/302	5%	.45
TOTAL	120/974	12%		101/965	10%	

**Tabela 4.11: Distribuição da ordem VS em construções declarativas na escrita do PB e do PE, segundo o estatuto informacional do SN.**

Na amostra do PE, o peso relativo aponta que, à medida que o SN se torna mais conhecido, a possibilidade de ordem VS diminui consideravelmente. Observa-se que a distância entre o peso obtido para o SN [novo] e para SN [dado] é maior do que no PB. Em termos percentuais, dos 120 dados de ordem VS, 78% apresentam o traço [novo] o que mostra a forte atuação desse fator na ordem VS ao contrário do traço [dado], que representa apenas 16% das ocorrências de ordem VS.

Por sua vez, no PB, o traço [novo] não apresenta a mesma atuação significativa do PE, uma vez que os pesos relativos estão mais próximos entre os tipos de traços [novo] [disponível] e [dado]. Tais resultados, portanto, em um primeiro momento, podem explicar por que o estatuto informacional foi selecionado para o PE e não para o PB.

Mas essas informações não são suficientes para analisar o comportamento do estatuto informacional na ordem VS. Convém examinar os dados desse grupo de fatores associado ao tipo de construção verbal, que se mostrou bastante relevante para a ordem VS. Vejamos, a seguir, os resultados desse cruzamento no PE.

---

<sup>58</sup> Os pesos relativos foram retirados da primeira rodada denominada *stepdown* em que são analisados os fatores estatisticamente menos relevantes.

Estatuto informacional Tipo de Construção verbal	NOVO		DADO		DISPONÍVEL		TOTAL	
	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%
<b>SINTÉTICAS</b>	27/30	90%	4/6	67%	1/1	100%	32/37	86%
<b>INACUSATIVOS</b>	35/66	53%	6/26	23%	2/4	50%	43/96	45%
<b>INTRANSITIVOS</b>	1/8	13%	0/7	0%	0/5	0%	1/20	5%
<b>VERBOS DE LIGAÇÃO</b>	15/134	11%	4/80	5%	0/23	0%	19/237	8%
<b>ANALÍTICAS</b>	3/37	8%	0/14	0%	0/6	0%	3/57	5%
<b>TRANS. DIRETOS</b>	7/184	4%	4/143	3%	6/84	7%	17/411	5%
<b>TRANS. PREPOSICIONAIS</b>	4/35	11%	0/27	0%	0/11	0%	4/73	5%
<b>TRANS. INDIRETOS</b>	1/7	14%	0/3	0%	0/1	0%	1/11	9%
<b>TOTAL</b>	93/501	19%	18/306	6%	9/135	7%	120/942 <sup>59</sup>	13%

**Tabela 4.12: Distribuição da ordem VS a partir do cruzamento do estatuto informacional e tipo de construção verbal, em construções declarativas na escrita do PE**

A comparar os resultados da tabela 4.1 com esta, é possível confirmar a força que o estatuto informacional exerce na atuação da ordem VS, em particular o traço [novo], bem como o tipo de construção verbal a que está relacionado.

De um lado, estão os SNs [novo], com uma freqüência de ordem VS bastante acentuada (19%) e, do lado oposto, os SNs [disponível] (7%) e [dado] (6%) associados a uma freqüência baixa de ordem VS. Ao compararmos os percentuais entre o SN [novo] e [dado], o traço [novo] é predominante, à exceção dos transitivos diretos, inacusativos e passivas sintéticas, nos outros tipos de construção verbal.

No caso dos SNs [disponível], apenas os verbos transitivos apresentam um resultado significativo que será comentado mais adiante. Os outros tipos de verbos, que aparecem com o traço [disponível] com mais freqüência na ordem VS, são os verbos inacusativos e as passivas sintéticas, porém com poucas ocorrências. O pouco número de dados de ordem VS com o SN [disponível] está relacionado a esse SN ser representado, predominantemente, por um nome próprio, um fator morfológico que inibe a ordem VS. Dessa forma, o percentual de

50% (2 dos 4 dados) de ordem VS com os inacusativos e de 100% com as passivas sintéticas (apenas 1 dado) é influenciado por esses tipos de construção verbal.

Do conjunto total de dados (93 ocorrências), o SN [novo] está mais associado a tipos de construções monoargumentais que mais influenciam a ordem VS no PE (v. seção 4.3.1.1, tabela 4.4), como os inacusativos (35 oco.), as sintéticas (27 oco.) e os verbos copulativos (15 oco.). Todos esses verbos são considerados neste trabalho construções inacusativas, portanto, a concentração do SN [novo] nesses verbos está relacionada ao próprio caráter apresentativo dessas construções. No caso específico da configuração VXS das construções copulativas, o SN [novo] está associado ao foco que recai sobre o sujeito.

Diferentemente dessas construções monoargumentais, o SN [disponível] está mais associado aos verbos transitivos diretos. Ao analisar as ocorrências, constata-se que todos os SNs são nomes próprios, o que é previsível, porque o SN o argumento externo dos verbos transitivos é marcado essencialmente pelo traço [+agentivo] e, como vimos, à própria característica do SN [disponível] se realizar, predominantemente, com nomes próprios.

Quanto ao tipo de estrutura, as 6 ocorrências da ordem VS com o SNs [disponível] se distribuem da seguinte forma: 4 dados com oração conformativa (240) e 2 dados com locuções verbais em que o SN fica entre o auxiliar e o sujeito (241). As orações conformativas são estruturas com uma ordem mais fixa e apresentam o papel de atribuir o foco informacional para a sentença subsequente. Já a estrutura em (241), o foco recai sobre o sujeito e o objeto (Costa, 2001).

(240) “Basta ler a primeira frase [...] para reconhecer a sensualidade da escrita de Cardoso Pires [...] que, como diria Castiglione no Livro do Cortesão, se define por um máximo de esforço destinado a ocultar qualquer esforço.” (PE, cro, 177)

---

<sup>59</sup> Aqui não estão contabilizados os 34 dados dos verbos ditransitivos, porque não apresentaram nenhum caso de ordem VS na amostra.

(241) “Além disso, o desporto , uma escola de homens (com H grande) e de virtudes. Tudo isto se diz quando se ganha. Quando se perde, a coisa muda de figura. Tivesse Portugal vencido a Sérvia e nunca Scolari teria dado o célebre soco.” (PE, edit, 080)

Quanto aos SNs [novo] dos transitivos diretos, quanto à forma de realização, os SNs aparecem também como SNs comuns (243 e 244), com orações conformativas e com locuções verbais em que o SN fica entre o auxiliar (243), com verbo leve (244). Os verbos leves, diferentemente das estruturas em (243), apresentam uma leitura de foco sentencial

(243) “[o governo] ocupado pelos trabalhos da presidência da UE, a agenda do país sempre um pouco mais ao abandono, poderia a oposição aproveitar.” (PE, edit, 127)

(244) “Teve lugar no passado fim-de-semana, em Madrid, a nona edição anual do Congresso “Católicos e Vida Pública”. Com mais de 1500 participantes, o evento decorreu num ambiente de tensão crescente entre o Governo socialista e a Igreja Católica. (PE, art, 255)

Os casos de SNs [dado] estão presentes nas estruturas com os verbos *dicendi* (245), em que a citação constitui o foco da sentença, com as orações conformativas (246) e com uma estrutura VSO, em que o objeto é uma oração (247).

(245) “Quería saber se se podia levantar. “Não pode”, respondeu outra voz.” (PE, cro, 284)

(246) “[...] o que pareceu foi um arrastão, mas que não o foi, como nos explicou a deputada do BE.” (PE, art, 77)

(247) “Curiosamente, o mesmo alarmismo não existiu com a libertação de Carlos Silvino, um dos arguidos do processo Casa Pia que confessou parte das acusações de que é alvo. Significa isto que o alarme actual tem menos a ver com os factos em si e mais com a visão política” (PE, edit, 094)

Por outro lado, dois outros tipos de verbos transitivos, com a configuração XVS, ocorrem somente com o SN [novo], que, com o comentário, representam o foco da sentença: os transitivos preposicionais (248), com 4 ocorrências, e os transitivos indiretos (249), com apenas uma ocorrência. Segundo Ana Brito *et al.* (2003), o argumento interno preposicionado e o objeto direto constituem tópicos marcados.

- (248) “O vírus assestaria, portanto, em mim a sua maravilhosa bateria de transtornos. À dor de garganta sucederia a de cabeça”. (PE, art. 198)
- (249) “A [George] Clooney, basta-lhe um sorriso quando já existem créditos finais no ecrã, para ilustrar a redenção da personagem.” (PE, cro, 116)

Esses resultados confirmam os estudos apresentados no Capítulo 2 em que consideram o traço [novo] como um dos contextos que influencia a ordem VS. No entanto, a sua atuação depende também do tipo de construção verbal envolvida: os SNs novos estão mais associados justamente às estruturas monoargumentais, em particular, as inacusativas, que mais favorecem a ordem VS, como os verbos inacusativos, as passivas sintéticas e os verbos copulativos no PE.

Além disso, nas construções transitivas, contexto pouco propício à ordem VS, se englobarmos todas as categorias aqui elencadas (transitivos diretos, preposicionais e transitivos indiretos), em um único grupo, vamos observar que o SN novo no PE é um fator que propicia a ordem VS nessas construções. Assim, como a estrutura tópico-comentário é “quebrada”, a ordem VS nas construções transitivas torna-se marcada e, a depender da configuração ou estrutura resultante dessa ordem VS, se estabelece uma nova organização informacional da sentença e/ou dos seus constituintes.

Vamos avaliar como esse cruzamento entre o estatuto informacional e o tipo de construção verbal atua no PB.

Estatuto informacional Tipo de Construção verbal	NOVO		DADO		INFERÍVEL		TOTAL	
	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%
<b>SINTÉTICAS</b>	13/15	87%	2/3	67%	2/0	100%	17/20	85%
<b>INACUSATIVOS</b>	39/71	55%	5/18	28%	3/6	50%	47/95	49%
<b>INTRANSITIVOS</b>	1/6	17%	0/5	0%	0/5	0%	1/16	6%
<b>VERBOS DE LIGAÇÃO</b>	6/125	5%	4/96	4%	0/19	0%	10/240	4%
<b>ANALÍTICAS</b>	5/57	9%	0/16	0%	0/4	0%	5/77	6%
<b>TRANS. DIRETOS</b>	10/183	6%	4/128	3%	6/91	7%	20/344	5%
<b>TRANS. PREPOSICIONAIS</b>	1/50	2%	0/28	0%	0/7	0%	1/85	1%
<b>TRANS. INDIRETOS</b>	0/1	0%	0/1	0%	0/0	0%	0/2	0%
<b>TOTAL</b>	75/508	15%	15/295	5%	11/132	8%	101/879	11%

**Tabela 4.1: Distribuição da ordem VS a partir do cruzamento do *estatuto informacional* e *tipo de construção verbal*, em construções declarativas na escrita do PB**

Além de no PB o estatuto informacional e a construção verbal atuarem conjuntamente na realização da ordem VS, ocorre a relação de oposição entre o SN [novo], mais associado à ordem VS, e os SNs [dado] [disponível], mais propícios à ordem SV.

No entanto, em termos percentuais, podemos perceber uma frequência maior do SN novo no PE (19%) do que no PB (15%). Essa diferença quantitativa se revela qualitativa quando enfocamos o tipo de construção verbal envolvida na ordem VS como traço do SN novo.

Era de esperar de, tal como no PE, o traço [novo] no PB, com 75 dados, ser o contexto que se mais associa a construções monoargumentais, como os verbos inacusativos (39oco) e as passivas sintéticas (13oco), uma vez que, além do seu caráter apresentacional, esses dois tipos de construção são as que mais favorecem a ordem no PB.

Diferentemente do PE, as construções copulativas no PB não se mostraram um contexto tão favorecedor da ordem VS ao se considerarem as construções monoargumentais e, por isso, apresentam menos ocorrências (6 oco) com o traço novo que os verbos transitivos diretos (10 oco).



Esse fato decorre também de o PB permitir a ordem VS, predominantemente, na configuração VXS (250), e o PE apresentar maior variedade e produtividade de configurações, como, XVS (251) e VSX (252), que são marginais no PB. Estas apareceram, com raros dados na amostra (XVS 1 dado; VSX 2 dados).

- (250) “Para afastar a hipótese de uma epidemia de dengue no Rio de Janeiro ;durante a realização dos Jogos Pan-Americanos, está em curso uma operação integrada entre governos federal e estadual e a prefeitura.” (PB edit, 097)
- (251) “Esse flagelo [o das drogas] não poder ser vencido, apenas, com medidas isoladas. Indispensável é o papel do médico, muito útil à ação legal, especialmente contra os traficantes.” (PB, art, 271)
- (252) “Mais uma vez, não há relevância do ponto de vista legal. Mas, uma vez mais, fica tudo muito mal explicado do ponto de vista do actual chefe do Governo.” (PE, edit, 221)

Na configuração VXS (250), o sujeito constitui o foco da sentença enquanto na configuração XVS (251), o sujeito está associado ao verbo, e o elemento X, que está deslocado, é interpretado como tópico. Em VSX (252), também o sujeito faz parte do comentário e não apresenta qualquer função discursiva.

Quanto às construções transitivas, observamos outra diferença entre o PE e PB. No PB, a ordem VS se restringe a algumas estruturas fixas, como as orações conformativas e os verbos *dicendi*, e aos verbos leves. Dessa forma, as 10 ocorrências de SN [novo] com verbos transitivos diretos são compostas por 7 ocorrências de orações conformativas (253) e 3 de verbos leves (254):

- (253) “Desde que os desfiles de escola de samba se transformaram numa seqüência acelerada de celebridades [...] tudo meio igual como manda a cartilha do showbis [...] desde então o recolhimento passou a dar o tom da folia.” (PB, cro, 221)
- (254) “É bem verdade que a maior parte dos integrantes do Fundo costuma ter uma orientação mais próxima do pensamento econômico liberal ou ortodoxo. Mas não se deve perder de vista que, na criação do FMI, teve papel central o maior economista do século XX: John Maynard Keynes é um economista que nada tinha de ortodoxo ou convencional.” (PB, art, 193)

As três ocorrências dos verbos *discendi* estão ligadas aos traços [disponível] (255) e [dado] (256).

(255) “Disse o Santo Padre II: “*A luta contra o flagelo da toxicomania , problemática de todos os homens, cada qual segundo a responsabilidade que lhe compete [...]*” (PB, art, 259)

(256) “Diz ele [o papa João Paulo II] ser “particularmente oportuno refletir sobre a gravidade da problemática apresentada pelo fenômeno da droga. [...]” (PB, art, 254)

Como já apontamos na seção 4.3.1.2, (255) e (256) são exemplos residuais de ordem VSX no PB (Kato *et al.* 2006: 421), em que o foco recai sobre o objeto que, nos dois casos, são representados por citações.

No PB, há apenas uma ocorrência de ordem VS com verbo transitivo preposicional, em que o traço do SN é novo. Neste caso, o elemento Qu- é que desencadeia a ordem VS.

(257) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único.” (PB, edit, 276)

No PB, como vimos, a ordem VS com verbos transitivos estão concentrados em estruturas fixas ou a estruturas residuais da língua, aparecendo raramente como nos verbos leves (VOS). Poucos são os contextos (verbos leves e verbos de ligação com a configuração VXS) em que o SN [novo] atua fortemente na marcação da ordem VS.

Dessa forma, talvez podemos considerar o estatuto informacional como um fator que diferencie o PB do PE, como dois sistemas, tendo em vista que a ocorrência de ordem VS com verbos transitivos e verbos de ligação no PE, ausentes no PB, está associada a um elemento discursivo, o traço [novo]. Esse traço permite, a depender da configuração ou estrutura resultante dessa ordem VS, estabelecer uma nova organização informacional da sentença.

## CONCLUSÃO

Como é apresentado na introdução, o objetivo mais geral deste trabalho é descrever o comportamento da ordem VS em construções declarativas e interrogativas na escrita padrão do PB (Português Brasileiro) e do PE (Português Europeu), com o intuito de apontar possíveis semelhanças e/ou diferenças relativas a essa estrutura entre duas variedades em comparação com aquelas observadas na fala culta do PB e PE (v. Spano, 2002). Busca-se, a partir desse ponto de partida, avaliar a questão que envolve a relação entre sujeito nulo e ordem mais “livre” estabelecida pela Teoria de Princípios e Parâmetros, ou seja, se o comportamento que caracteriza uma língua de sujeito nulo como o PE impõe menos restrições à ordem VS do que uma língua como o PB que caminha para uma língua de sujeito preenchido. Para tanto, este estudo se baseou em duas amostras de língua escrita veiculada nas imprensas brasileira e portuguesa atuais, utilizando a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista e do modelo de Princípios e Parâmetros.

Com base nos resultados de pesquisas diversas já realizadas sobre a ordem VS nas construções monoargumentais, nas modalidades escrita e falada, levantamos a seguinte hipótese: dada a relação estabelecida entre sujeito nulo e ordem VS pela Teoria de Princípios e Parâmetros (1981), no PE, haveria uma maior produtividade e diversidade da ordem VS do que no PB, devido à variante europeia permitir um ambiente mais propício à ocorrência de sujeito nulos do que a variante brasileira, uma língua com a tendência de exibir mais sujeitos plenos.

Nossos resultados mostram que o comportamento da ordem VS na escrita padrão, considerando as declarativas e interrogativas com tempo, distancia as duas variedades em alguns aspectos. Quanto à distribuição dos dados nas declarativas, verificamos que a estrutura SV é a ordem amplamente preferida nas duas amostras, o que era esperado, chegando a

praticamente a 90% dos dados nas duas variedades. No entanto, quanto à ordem VS, o PE apresenta um percentual ligeiramente maior de ordem VS, apenas 2% quando comparados ao do PB.

Em relação às interrogativas, devido aos poucos dados quando comparados às declarativas presentes nas amostras, à sua distribuição irregular entre os gêneros textuais e ao comportamento diferenciado nas rodadas do PB, decidimos excluir as interrogativas da análise estatística do Varbrul. No entanto, examinamos os seus resultados de frequência com o intuito de capturar dados que se mostram relevantes.

Apesar da pouca ocorrência dos dados no PB (8/33) e no PE (13/26), verificamos que os resultados confirmam certas tendências do comportamento das construções interrogativas, apontadas em outros estudos (Kato & Tarallo, 1988; Duarte, 1992; Âmbar, 1992). No PB, a ordem SV é a ordem não-marcada nas construções interrogativas, sendo restrita a contextos de um argumento, em particular, a verbos inacusativos e sempre com sujeitos nominais. Por outro lado, no PE, a ordem VS nas interrogativas é mais produtiva, se estendendo a contextos com verbos transitivos, com locuções verbais e sujeitos pronominais. Além disso, a ordem VS é obrigatória nas interrogativas diretas *Qu-* e nas *Qu-* indiretas na presença dos elementos interrogativos *que* e *porque*.

Em seguida, submetemos os dados das construções declarativas do PB e do PE a tratamento estatístico com o programa Varbrul para verificar quais os fatores mais associados à ordem VS. Tem-se uma diferença entre as variedades: o estatuto informacional foi selecionado somente para o PE, embora os outros fatores para a ordem VS fossem os mesmos, em ordem de significância diferente. Somente o tipo de construção verbal foi selecionado em ambas variedades como o primeiro grupo de fatores mais significativo.

De acordo com esse grupo de fatores, verificamos, nos *corpora* escritos, a distinção básica já apresentada na literatura, entre os tipos de construções monoargumentais e

transitivas. Enquanto o primeiro grupo é o contexto favorecedor da ordem VS, em que se concentra a maioria dos dados (80% (80 ocorrências) e 82% (98 ocorrências), respectivamente, para o PB e PE), o segundo tipo inibe a ordem VS nas duas variedades. Além disso, entres verbos de um argumento, as passivas sintéticas e os verbos inacusativos prototípicos são os contextos mais favoráveis à ordem VS .

Com relação aos verbos transitivos diretos, as duas variedades apresentam apenas 4% de ordem VS. Mais uma vez esperava-se que, no PE, essa frequência fosse maior. No entanto, tanto o PB quanto o PE, mostram o quanto é marginal a ordem VS nos verbos transitivos, na escrita. A diferença entre as variedades está no tipo de configuração empregada na ordem VS com verbos transitivos. No PB, as ocorrências de ordem VS se concentram em estruturas que tendem para uma ordem fixa, com uma configuração XVS, embora apresentem raros dados com a ordem VOS e VSO. No PE, além desses casos, ainda ocorrem as ordens VSO.

Além do tipo de construção verbal, a presença de um elemento à esquerda do verbo seja de natureza monoargumental ou transitiva também contribui para a marcação da ordem VS, uma vez que a maioria das construções aparece, com maior frequência, com a configuração XVS.

Quanto ao estatuto informacional, selecionado apenas para o PE, observamos que o SN com traço [novo] é um fator que propicia a ordem VS nas construções transitivas no PE. Como a estrutura tópico-comentário é “quebrada”, a ordem VS nas construções transitivas torna-se marcada e, a depender da configuração ou estrutura resultante dessa ordem VS, se estabelece uma nova organização informacional da sentença.

Esse comportamento não é verificado no PB. Como vimos, a ordem VS com verbos transitivos estão concentrados em estruturas fixas ou a estruturas residuais da língua, aparecendo raramente nos verbos leves (VOS). Poucos são os contextos (verbos leves e

verbos de ligação com a configuração VXS) em que o SN [novo] atua fortemente na marcação da ordem VS.

Esses resultados confirmam, mais uma vez, o efeito da restrição de monoargumentalidade (Tarallo & Kato, 1989) para o PB: quanto maior o número de argumentos, maior a tendência de ocorrer a ordem SV. Além disso, mostram que a ordem VS é um fenômeno mais gramatical do que discursivo no PB, porém, mais discursivo do que gramatical no PE.

A diferença no comportamento entre o PB e o PE, principalmente nas construções transitivas, confirma, portanto, a minha hipótese de que, em uma língua de sujeito nulo como o PE, a ordem VS seria mais freqüente do que no PB, uma língua parcialmente *pro-drop*.

Sendo assim, espera-se que tais resultados possam constituir mais uma contribuição para os estudos sobre a língua portuguesa, quanto ao comportamento da ordem VS, especificamente na escrita padrão contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Marianne Patalino. From Old French to the Theory of Pro-Drop. **Natural Language Linguistic Theory** 5, 1987, 1-32.

ADAMS, Marianne Palatino. **Old French, Null Subjects, and Verb Second Phenomena**. Ph. D. dissertation, UCLA, 1987.

ÂMBAR, Maria Manuela. **Para uma sintaxe da inversão verbo-sujeito em Português**. Lisboa: Edições Colibri, 1992.

ANDRADE BERLINCK, Rosane de. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (Org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.

\_\_\_\_\_. **La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne**. Thèse de Doctorat. Katholieke Universiteit Leuven, 1995.

\_\_\_\_\_. Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português. **Alfa - Revista de Lingüística**, Araraquara, v. 41, n. especial, p. 57-78, 1997.

\_\_\_\_\_. Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis. In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 175-195,.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary A. . Null subjects in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 11-52, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELLETTI, Adriana. The Case of Unaccusatives. **Linguistic Inquiry**. 1988, 19:1-34.

\_\_\_\_\_. Inversion as focalization. In. HULK, Aafke & POLLOCK Jean-Yves. **Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 60-90.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. rev. e ampl. Coimbra: Caminho, 2003.

BRITTO, Helena *et al.* Padrões de predicação no português falado no Brasil. In: KATO, Mary. (Org.) **Gramática do Português Falado**. v. 5 Convergências. Campinas, Ed. A UNICAMP, 2002.

BURZIO, Luigi. **Italian Syntax. A Government-Binding Approach**. Dordrecht: Reisel Publishing Company, 1986.

CAVALCANTE, Silvia Regina de O. **Preenchimento vs. não-preenchimento do sujeito indeterminado na fala do português brasileiro, europeu e de Moçambique: diferenças ultramarinas?** Trabalho apresentado a disciplina de Mestrado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **O efeito dos verbos inacusativos na ordem VS em Inglês**. Cadernos de Qualificações, Campinas, v. 1, p. 237-250, 2005.

\_\_\_\_\_. **O uso do se com infinitivo na História do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiros Modernos**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006. Disponível em [www.libdig.unicamp.br](http://www.libdig.unicamp.br). Consulta feita em 20 de junho de 2007.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, Izete L. **A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

COSTA, João. Marked versus Unmarked Inversion and Optimality Theory. In: HULK, Aafke & POLLOCK Jean-Yves **Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 91-106.



CYRINO, S.; DUARTE, M.E. & KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Org.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt & Madrid, Vervuert-Iberoamericana, 2000.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Caminho, 2003a.

\_\_\_\_\_. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. rev. e ampl. Coimbra: Caminho, 2003b.

DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas). PUC-SP, São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-qu no português do Brasil. **DELTA**, v. 8, nº Especial, 1992. p. 37-52.

\_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Ed.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

\_\_\_\_\_. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Lingüística) - UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. A sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. In: HORA, Dermeval da & CHRISTIANO, Elizabeth (Org.) **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999. p.107-114.

\_\_\_\_\_. The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Org.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia L (Org.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003a. p.115-128.

\_\_\_\_\_. **A posição do sujeito expletivo no português do Brasil: estratégias para seu preenchimento**. Relatório final ao CNPq, 2003b.

\_\_\_\_\_. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, Ataliba; MORAIS, Maria Aparecida T.; LOPES, Ruth E. V.; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1a. ed. Campinas: Pontes/FAPERJ, 2007a. p. 35-48.

\_\_\_\_\_. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. **Lingüística (PPGL/UFRJ)**, v. 3, p. 89-115, 2007b.

DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia & Kato, Mary A. A dyachronic analysis of Brazilian Portuguese wh-questions. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. VI, p. 326-339, 2002.

DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia & LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE; Maria Eugênia. Lamoglia & CALLOU, Dinah. (org.). **Para a história do Português Brasileiro: notícias de corpora e outros estudos**. Rio de Janeiro: Infólio, 2002, v. IV, p. 155-165.

ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. **Linguistic Inquiry**. v. 22 (1), 1991, p. 1-25.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAS JR. Roberto F. Reflexos pragmáticos-discursivos da L1 na aquisição de inglês como L2: um estudo sobre o uso da cláusula VS. **Caderno de Letras. Discursos, Linguagens, Culturas**. Rio de Janeiro: UFRJ. Departamento de Letras Anglo-Germânica, num 23, p. 97-112, 2007.

FUCHS, Catherine & Nathalie FOURNIER. Du rôle cadratif des compléments localisants initiaux selon la position du sujet. **Travaux de Linguistique**. 47, 2003, 79-109.

GUY, Gregory R. Varbrul: análise avançada. In: GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa. Instrumental de análise**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa. Instrumental de análise**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to Government and Binding Theory**. Oxford: Blackwell, 1994.

HUANG, C.-T. J. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry**, 1984, p. 321–337.

\_\_\_\_\_. Pro-Drop in Chinese. A generalized Control Theory. In: JAEGGLI & SAFIR, K. J. (Eds.) **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 185-214.

HULK, Aafke & POLLOCK Jean-Yves. Subject position in Romance and the theory of universal grammar. In: HULK, Aafke & POLLOCK Jean-Yves. **Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001. p. 3-19.

JACKENDOFF, R. Toward an explanatory semantic representation. **Linguistic Inquiry**. v. 7 (1), 1976. p. 89-150.

\_\_\_\_\_. The status of thematic relations. **Linguistic Inquiry**. v. 18 (3), p. 369-411, 1987.

KATO, Mary A. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-lingüística. In: HORA, Dermeval & CHRISTIANO, Elizabeth (Org.) **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.

\_\_\_\_\_. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 97-127, 2000a.

KATO, Mary. The Partial pro-drop nature and the Restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000b. p. 223-258.

KATO, Mary & TARALLO, Fernando. **Restricted VS order in Brazilian Portuguese. Its correlation with invisible clitics and visible clitics.** Comunicação no The 34<sup>th</sup> Georgetown Roundtable in Language and Linguistics, 1988.

KATO, Mary & TARALLO, Fernando. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: KOCH, Ingedore & SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (Ed.). **Linguistik in Brasilien.** Tübingen, Niemeyer, 1993.

KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.** Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

KATO, Mary A. & DUARTE, Maria Eugênia L. **(Micro)parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences related to ongoing changes in Latin American Spanish.** Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional da ALFAL, Monterrey, México, 2005.

\_\_\_\_\_. **Semantic and phonological constraints in linguistic change.** NWAVE, Philadelphia, 2003.

\_\_\_\_\_. **The loss of VS order in wh-questions in Brazilian Portuguese and the null subject parameter.** Paper presented at the 1996 NWAVE, Las Vegas, 1998.

KATO, Mary, DUARTE, Maria Eugênia L., CYRINO, Sonia & ANDRADE BERLINCK, Rosane. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra & SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.) **500 anos de história lingüística no Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

KAYNE, Richard S. Subject inversion in French interrogatives. In: CASAGRANDE *et alii.* (eds). **Generative studies in Romance languages.** Rowley, Mass: Newbury House, 1972. p. 70-126.

KAYNE, Richard & POLLOCK, Jean-Yves. 'New Thoughts on Stylistic Inversion'. In: A. Hulk & J-Y Pollock (eds.) **Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2001.

KIM, Jong-Bok. English Locative Inversion: Grammatical Interfaces and Constructions. In **Proceedings of BLS 29.** Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 2003.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LEVIN, Beth. & RAPPAPORT-HOVAV, Malka. **Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface**. Cambridge: MIT Press, 1995.

LIRA, Solange. Subject posposition in Portuguese. **DELTA**. v. 2., num. 1, 1986.

\_\_\_\_\_. **The subject in Brazilian Portuguese**. Nova York, Peter Lang, 1996.

LOPES, Célia R. DOS Santos. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português; percurso histórico**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. (Org.) *Lingüística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.

LOPES ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 307-342.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. rev. e ampl. Coimbra: Caminho, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDIKOETXEA, Amaya. Inergatives that ‘become’ unaccusatives in English locative inversion structures: a lexical-syntactic approach In: C. Copy y L- Gournay (Ed.) **Points de Vue sur l’Inversion. Cahiers de Recherche en Grammaire Anglaise de l’Énonciation**. Paris: Editions Orphys, 2006. Tomo 9. p. 133-155.

MIOTO, Carlos *et alii*. **Novo manual de sintaxe**. 3 ed. Florianópolis, Insular, 2007.

NAGASE, Erika. **A inversão locativa no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

NARO, Anthony Julius. Modelos matemáticos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.) **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos Didáticos. FL/UFRJ, 1992, p. 17-25.

NARO, Anthony Julius & VOTRE, Sebastião Josué. Discourse Motivations for Linguistic Regularities: verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese. **Probus**, 11 (1), 1999. p.76-100.

NASCIMENTO, M. Fernanda B. *et alii*. **Português Fundamental: volume segundo. Métodos e documentos: tomo primeiro. Inquérito de frequência**. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

NEGRÃO, Esmeralda & VIOTTI, Evani. Brazilian Portuguese as a Discourse-Oriented Language. In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 105-126.

NEGRÃO, Esmeralda & MÜLLER, Ana Lúcia. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? **DELTA**, v. 12, nº 1, 1996. p. 125-152.

OMENA, Nelize Pires de. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas e variantes em função acusativa**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003: 63-80.

PAREDES SILVA, Vera L. **Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal**. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PERLMUTTER, David M. Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: J. SCHMIDT-RADEFELT. **Readings in Portuguese Linguistics**. Amsterdam, North-Holland Publishing Company, 1976. p. 93-138.

PILATI, Eloísa. **Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, 2002.

PONTES, Eunice. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, Ellen F. **On the given/new distinction**. ms. University of Pennsylvania, 1980.

\_\_\_\_\_. The ZGP Letter. Subjects, definiteness and information status. In: MANN, William C. & THOMPSON, Sandra A. **Discourse Description**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1992.

RAPOSO, Eduardo P. **Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem**. Lisboa: Editorial Caminho S.A., 1992.

ROBERTS, Ian. *Posfácio*. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 409-421.

ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Ed.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

SANTOS, Danielle R. & DUARTE, M. Eugênia L. A ordem V SN com verbos inacusativos na fala e na escrita padrão. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, 2006. v.9, n. 15. 2006.

SPANO, Maria. **A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

TARALLO, Fernando. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado em University of Pennsylvania, Philadelphia) 1983.

\_\_\_\_\_. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, Ian & Kato, Mary (Ed.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 69-105.

TARALLO, Fernando & Kato, Mary A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. **Preedição 5**. Campinas: Unicamp, 1989. p. 315-353.

VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico na fala popular**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

VOTRE, Sebastião Josué & NARO, Anthony Julius. **Emergência da sintaxe como efeito discursivo**. Relatório final do Projeto Censo à Educação apresentado à FINEP, 1986. v. 3. p. 454-81.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In Lehman, W. & Y. Malkiel (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

ZILLES, Ana Maria Stahl. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: 2000. v. 35, n. 1. p. 75-96.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)